

PERTEN[S]ER

A EXPERIÊNCIA DE ASSESSORIA TÉCNICA PARA UMA CASA DE ACOLHIMENTO LGBTO+ E INTERVENÇÃO URBANA

CENTRO UNIVERSITÁRIO CHRISTUS

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

PERTEN(S)ER:

A EXPERIÊNCIA DE ASSESSORIA TÉCNICA PARA UMA CASA DE ACOLHIMENTO LGBTQ+ E INTERVENÇÃO URBANA

PABLO SALES DE ROSA

Orientação: Prof. Me. Kelma Pinheiro Leite.

Fortaleza - 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Centro Universitário Christus - Unichristus Gerada automaticamente pelo Sistema de Elaboração de Ficha Catalográfica do Centro Universitário Christus - Unichristus, com dados fornecidos pelo(a) autor (a)

R788r

PERTEN(S)ER: : A EXPERIÊNCIA DE ASSESSORIA TÉCNICA PARA UMA CASA DE ACOLHIMENTO LGBTQ+ E INTERVENÇÃO UBANA/ Pablo Sales de Rosa. - 2021. 275f : il color

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Christus - Unichristus, Curso de ArquitE Urbanismo, Fortaleza, 2021 Orientação: Profa. Me. Kelma Pinheiro Leite.

1. Assessori Técnica. 2. Casa TRANSformar. 3. LGBTQIAP+. 4. Metodologia Participativa 5. Arquitetura e Urbanismo. I. Título.

CDD658

PABLO SALES DE ROSA

PERTEN(S)ER: A EXPERIÊNCIA DE ASSESSORIA TÉCNICA PARA UMA CASA DE ACOLHIMENTO LGBTQ+ E INTERVENÇÃO URBANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentad ao curso de Arquitetura e Urbanismo do Cer tro Universitário Christus, como requisito pa cial para obtenção do título de bacharel er Arquitetura e Urbanismo.
Aprovado em//

BANCAEXAMINADORA

Me. Kelma Pinheiro Leite (Orintadora) Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS)	
Me. Mariana Quezado Costa Lima (Convidada) Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS)	
Me. Henrique Alves da Silva	

(Membro Externo)



(Escute aqui)

Eu determino que termine aqui e agora. Eu determino que termine em mim, mas não acabe comigo. Determino que termine em nós e desate. E que amanhã, que amanhã possa ser diferente pra (sic) elas. Que tenham outros problemas e encontrem novas soluções. E que eu possa viver nelas, através delas e em suas memórias (QUEBRADA, 2019).

AUKADELIMEN I U2

À minha família, berco do meu eu. Á minha mãe Glevsse, pela casa no teu colo e pelo que sou, pelo apoio desmedido e sua vontade de compreender a mim e as coisas que acredito, inclusive este trabalho. Ao meu pai, pela poesia. Aos meus avós Manoel e Helenice pelo cuidado. À minha vó Maristher, pelas lembradas amarelas no alpendre. À minha irmã Luma, pela parceria e por tudo que já fomos e seremos juntos, tenho muito orgulho de você. A todos os meus irmãos espalhados mundo a fora, pelo apoio e conversas emocionadas. Ao Mateus de Almeida, por ser cais ao longo desse trabalho, pela companhia e sonho compartilhado e por ter dividido não só o riso, mas o peso das adversidades quando não pude. À Miley, pela companhia sobre o meu colo durante a escrita deste trabalho.

À minha rede de apoio, meus amigos queridos, pela tamanha força que exerceram de fora para dentro da minha casa durante a produção deste trabalho. Ao STS, Duboc, por esse amor extrapolado e amarmotado que a gente cultiva. Por nossa conexão astral que sempre me traz de volta para o chão após uma boa conversa. Ao Eduardo Corrêa, pelo riso fácil e a companhia gostosa. Ao Gabriel Farias pelos conselhos sensatos e cuidadosos, pelo carinho gratuito e a dedicação no ato de ser amigo. À Isabelle Sena, pela doçura e a força do amor pelo que faz. À Lorena Almeida, por ser essa pessoa única, com todas as letras, por desviar tanto do mundo e me fazer embarcar nesse frenesi. Ao Roberto Ramos, pela mistura entre a lucidez e o completo nonsense que me faz ver o mundo com outros olhos. À Patrícia Correa, pelo crescimento conjunto e por tudo já vivido.

Aos amigos e parceiros de caminhada do curso de arquitetura e urbanismo, pela formação complementar exercida no meu caráter. À Lais Linhares, pela euforia

compartilhada dos primeiros tracados e a pela memória de dias azuis. À Aléxia Rocha, pela família encontrada fora de casa e sua força enquanto mulher. À Alice Teles, pelo olhar carinhoso, pelo amor compartilhado por mudar a cidade e a nós mesmos e por tudo que ainda temos a construir. À Armênia Barbosa, pela sua sensibilidade e abraços apertados. À Bianca Ruane, pela calmaria e gargalhada. À Bruna Moreno, por ser um respiro de arte e leveza. À Camila Félix, pela memória ensolarada de momentos gostosos e de muito afeto. Ao Iran Sales, pela memória risonha da Equipe Triste. Á Letícia Veras, por irradiar luz e ser Sol quando foi preciso. Ao Mateus Vasconcelos, por me fazer sentir numa eterna tirolesa de emoções. Ao Mário Maia, pela sua capacidade de mudar o mundo pelo riso. Á Thais Menescal, por estar junto e compartilhar indignações necessárias ao longo dessa caminhada. À Thais França, pelas sutilezas e boas risadas juntos. À Thayná Gomes, pela força dos seus ideais e pela paixão latino-americaque me viu crescer e onde me sinto em casa. À Beatriz na que nos une. À Yumi Ito, pela companhia agradável e conversas gostosas.

> Aos meus mestres, professores que se tornaram amigos e iluminaram meu caminho até aqui, agradeço a todos pelo brilho no olho que me deram e que me faz sonhar com um mundo melhor. Em especial à Germana Câmara, pela memória saudosa do primeiro contato com o ato de projetar e por estar presente nesse final do processo. Ao Mateus de Medeiros, por trazer arte ao fazer arquitetônico e me instigar a pesquisa na área. À Larissa Porto, pela doçura e paixão pela arquitetura. À Viviane Furtado, pela sua leveza e pelos desenhos de espécies vegetais que guardo até hoje com carinho. À Mariana Quesado, pelas discussões acaloradas sobre a cidade e pela semente plantada deste trabalho a respeito da moradia e assessoria técnica.

ACD ADECIMENTAC

AUKADELIMEN 103

À Kelma Pinheiro, minha orientadora, psicóloga, confidente e maior apoio ao longo deste ano de pesquisa. Que topou embarcar nessa pesquisa, me acompanhando nas visitas e sendo luz durante todas as etapas que vieram e ainda virão dos desdobramentos deste trabalho. Agradeço pela paciência e pelo carinho compartilhado com cada detalhe e dedico a você o meu sentimento de orgulho e satisfação da semente que plantamos, pelo impacto disso tudo.

À todos que compõem a Casa TRANSformar, dos que já estiveram, estão e virão, pelo acolhimento e por me fazer Perten(s)er. À Nik Hot, pela confiança e pela sua paixão pelo que faz. Ao Davy, pela empolgação e o carinho. À todos os moradores que tive o prazer de conhecer ao longo de todo o processo, pela luz nos olhos, pela participação que possibilitou este projeto e pelo bom fuá tomando um cafezinho após as oficinas. Este projeto é de todos vocês, para vocês e por vocês.

Por fim, agradeço a todos que se fizeram presentes durante este trabalho e em minhas lembranças. Aos sorrisos que me fizeram continuar e encontrar forças para produzir num momento tão sensível. Meu muito obrigado.

Estamos juntos.



Este trabalho se trata de um projeto participativo de assessoria técnica para reforma da Casa TRANSformar e seu entorno imediato, tendo como referência a Lei de Assistência Técnica 11.888/2008, ampliando as discussões a respeito do público a que se destina. O objeto de estudo trata-se de uma casa de acolhimento para a comunidade LGBTQIAP+ em situação de vulnerabilidade social no bairro Siqueira da cidade de Fortaleza, Ceará, e seu entorno. Objetiva-se elaborar um projeto de arquitetura e urbanístico para reforma da edificação e intervenção em seu entorno imediato por meio da assessoria técnica, se utilizando de metodologia participativa e partindo de demandas identificadas. Logo, após o diagnóstico e as oficinas realizadas pôde-se identificar as necessidades específicas tanto físicas como pessoais dentro e fora da casa, resultando em um projeto de reforma de espaços de terminados e um projeto de intervenção urbana nas vias e vazios do entorno imediato. Por fim, acerca do processo de projeto participativo em assessoria técnica, pode-se concluir que este representa uma ferramenta valiosa de transformação da cidade e que abre caminho para outras possibilidades de intervenção multidisciplinares, sendo uma luta necessária a ser travada pelos arquitetos e urbanistas do mundo todo.

Palavras-chave

Assessoria Técnica. Casa TRANSformar. LGBTQIAP+. Metodologia Participativa. Arquitetura e Urbanismo.

This work is a participative project of technical assistance for the renovation of the Casa TRANSformar and its immediate surroundings, having as reference the Law of Technical Assistance 11.888 / 2008, expanding the discussions about the target audience. The object of study is a shelter for the LGBTQIAP + community in a situation of social vulnerability in the Siqueira neighborhood of Fortaleza, Ceará, and its surroundings. The objective is to elaborate an architectural and urban design project for the renovation of the building and intervention in its immediate surroundings through technical assistance, using collaborative methodology and starting from ident demands. Therefore, after the diagnosis and as workshops carried out, it was possible to identify the physical and personal needs inside and outside the house, resulting on a project to renovate certain spaces and an urban intervention project on the streets and voids in the immediate surroundings. Finally, regarding the collaborative design process in technical assistance, it can be concluded that this represents a valuable tool for transforming the city and that it opens the way for other possibilities of multidisciplinary intervention, being a necessary struggle to be fought by the architects and urban planners of all the world.

Key-words

Technical Assistance. Casa TRANSformar. LGBTQ+. Collaborative Methodologie. Architecture and Urbanism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01

Cena do Espetáculo Quem Tem Medo de Travesti.

Figura 02

Performance da transexual "Viviany Beleboni" na Parada do Orgulho LGBT de 2015.

Figura 03

Segregação espacial na cidade de Fortaleza, Ceará.

Figura 04

Arquiteto Wagner Germano, da USINA, discutindo o projeto de casas com os assentados.

Figura 05

Projeto implantado na Praça Cantão da comunidade Santa Marta em 2010.

Figura 06

Fachada da sede do Centro de Acolhida e parte do Centro Cultural.

Figura 07

Galpão da Casa 1.

Figura 08

Clínica Social da Casa 1.

Figura 09

Moradoras da Casa Nem posam na frente da ocupação que sedia o projeto.

Figura 10

Festa na Casa Nem. /pg xx

Figura 11

Curso gratuito PreparaNem na Casa Nem.

Figura 12

Equipe RemodeLar e Dona Inês Helena.

Figura 13

Cozinha de Inês Helena antes da reforma.

Figura 14

Perspectiva do Estudo Preliminar.

Figura 15

Perspectiva do Estudo Preliminar.

Figura 16

Vista da entrada da cozinha finalizada.

Figura 17

Vista da bancada de trabalho da cozinha finalizada.

Figura 18

Visão de entrada da cozinha finalizada.

Figura 19

Fachada Interna da Residência na Prosperina.

Figura 20

Perspectiva Axonométrica da Residência na Prosperina

Figura 21

Vista Interna da Sala de Estar da Residência na Prosperina.

Figura 22

Planta Baixa do Pavimento Térreo da Residência na Prosperina

Figura 23

Planta Baixa do Mezzanino da Residência na Prosperina.

Figura 24

Ocupação do Mercado de Gualibala.

Figura 25

Vista Superior do Mercado de Gualibala e Sua Relação com a Comunidade.

Figura 26

Planta Baixa e Corte do Mercado de Gualibala

Figura 27

Vista do Mercado de Gualibala.

Figura 28

Extensão do Mercado de Gualibala com Cascalho.

Figura 29

Proprietária e moradoras posando em frente ao mural da casa.

Figura 30

Pontos de Alagamento na Rua José Maurício.

Figura 31

Visada 01 do trajeto A.

Figura 32

Visada 02 do trajeto A.

Figura 33

Visada 03 do trajeto A.

Figura 34

Visada 04 do trajeto A.

Figura 35

Visada 05 do trajeto A.

Figura 36

Visada 06 do trajeto A.

Figura 37

Visada 07 do trajeto A.

Figura 38

Visada 08 do trajeto A.

Figura 39

Visada 01 do trajeto B.

Figura 40

Visada 02 do trajeto B.

Figura 41

Visada 03 do trajeto B.

Figura 42

Visada 04 do trajeto B.

Figura 43

Visada 05 do trajeto B.

Figura 44

Vista da Fachada da Casa TRANSformar – Trecho 01.

Figura 45

Vista da Fachada da Casa TRANSformar – Trecho 02.

Figura 46

Representação volumétrica da edificação no terreno.

Figura 47

Planta Baixa Esquemática.

Figura 48

Fundadores e moradores da Casa TRANSformar.

Figura 48

Fundadores e moradores da Casa TRANSformar

Figura 49

Intervenção No Jardim de Entrada

Figura 50

Intervenção Na Cozinha

Figura 51

Pintura da Porta de um Quarto

Figura 52

Pintura da Porta da Área de Serviço

Figura 53

Planta Baixa Geral Layout 01

Figura 54

Planta Baixa Geral Layout 02

Figura 55

Corte A

Figura 56

Corte B

Figura 58

Corte C

LISTA DE TABELAS

Figura 59

Layout 01 Aproximado

Figura 60

Layout 02 Aproximado

Figura 61

Isométrica Tanque

Figura 62

Isométrica Piscina de Plástico

Figura 63

Isométrica Caixotes

Figura 64

Isométrica Andaimes

Figura 65

Isométrica Piso Intertravado

Figura 66

Perspectiva do Quintal

Figura 67

Perspectiva do Quintal

Figura 68

Planta Baixa Layout Wc + Lav

Figura 69

Perspectiva Banheiro 01

Figura 70

Perspectiva Banheiro 02

Figura 71

Perspectiva Lavanderia

Figura 72

Isométrica Intervenção

Figura 73

Planta Baixa de Layout

Figura 74

Perspectiva do Alpendre Multiuso

Figura 75

Perspectiva do Recuo Lateral

Figura 76

Exemplo de Intervenção de Fachadas Institucionais

Figura 77

Esquema de Intervenção da Rua José Maurício

Figura 78

Esquema de Intervenção da Rua Alves Bezerra

Figura 79

Planta Baixa Geral

Figura 80

Corte A

Figura 81

Corte B

Figura 82Corte C

Figura 83

Vista 01

Figura 84

Isométrica Geral

Figura 85

Layout de Eventos

Figura 86

Layout de Desfile

Figura 87

Vista da Casa TRANSformar

Figura 88

Vista da Parada de Ônibus A

Figura 89

Isométrica do Quiosque

Figura 90

Perspectiva do Centro Comunitário

Tabela 01

Fundadores e moradores da Casa TRANSformar.

Tabela 02

Ocupação das Transexuais e Gêneros Fluido mortes de 2008 - setembro de 2019.

Tabela 03

Apanhado de linhas de ação do Fortaleza 2040 para a comunidade LGBT.

Tabela 04

Programa de necessidades das sedes da Casa 1.

Tabela 05

Parâmetros Urbanos da Ocupação com ZRU II em destaque.

Tabela 06

Classificação das Atividades do Subgrupo de Serviços de

Tabela 07

Adequação do uso a Via Local.

Tabela 08

Dimensões para Via Local.

LISTA DE MAPAS

Mapa 01

Dados absolutos de mortes de pessoas trans e gênero diverso em 2019.

Mapa 02

Espacialização das sedes da Casa 1.

Mapa 03

Atual sede da Casa Nem no Bairro Copacabana.

Mapa 04

O bairro Sigueira na cidade Fortaleza.

1apa 05

Equipamentos LGBTQs de Fortaleza especializados nas Regionais.

Mapa 06

Distribuição territorial nas antigas regionais dos atendidos pelo CRGBTJN em 2017.

Mapa 07

Macrozoneamento de Fortaleza.

Mapa 08

Macroacessibilidade de Fortaleza – Terminais de Ônibus, Metrô, VLT e Ciclovias.

Mapa 09

Macroacessibilidade de Fortaleza – Paradas e Pontos de Ônibus.

Mapa 10

Rotas Frequentes a Partir da Casa Transformar.

Mapa 11

Rotas Frequentes em Equipamentos Próximos.

Mapa 12

Macrozoneamento do Bairro Siqueira.

Mapa 13

Zonas Especiais no bairro Siqueira.

Mapa 14

Plano de Abertura de Vias para o Bairro Siqueira.

Mapa 15

Hidrografia e Assentamentos Informais no Siqueira.

Mapa 16

Demarcação do Corte de Estudo e Percursos Até os Pontos De Ônibus.

Mapa 17

Demarcação do Corte de Estudo aproximado e percursos até os pontos de ônibus.

Mapa 18

Cheios e Vazios do Recorte de Estudo.

Mapa 19

Uso do Solo por Lote no Recorte de Estudo.

Mapa 20

Classificação Viária do Bairro Siqueira.

Mapa 21

Percurso A e Visadas.

Mapa 22

Percurso B e Visadas.

Mapa 23

Ventilação Dominante

мара 24

Novo Recorte de Estudo com Indicação dos Percursos Executados e Pontos Inseguros Ao Longo do Trajeto

Mapa 25

Zonas do Entorno que são Evitadas Pelos Moradores

Mapa 26

Zonas do Entorno que são Consideradas Seguras

Mapa 27

Masterplan do Setor de Intervenção

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 01

Composição Formal e Reaproveitamento da Residência na Prosperina.

Diagrama 02

Terreno da Edificação sobre a Carta Solar de Fortaleza.

Diagrama 03

Esquema de Implantação da Proposta

LISTA DE QUADROS

Quadro 01

Oficinas Pretendidas versus Oficinas Realizadas.

Quadro 02

Quadro-Resumo das Oficinas Executadas

Ouadro 03

Lista de Ambientes Representados nos Layouts

Quadro 04

Quadro resumo dos problemas, potencialidades e diretrizes

Introdução pg20

|1 Discussões pg28

- 1.1 Invisibilidade e Abandono pg30
- 1.2 Acesso e Acessoria Técnica pg44
- 1.2.1 A questão da informalidade e autoconstrução pg 44
- 1.2.2 Acessoria Técnica pg48

|2 Experiências Projetuais pg 54

- 2.1 Centro de Acolhida e Cultura Casa1 – São Paulo pg57
- 2.2 Casa Nem Rio de Janeiro pg64
- 2.3 RemodeLar/ Cozinha da Dona Inês – Fortaleza pg69

13 Projetos de Referência pg72

- 3.1 Fabrica Nativa Arquitectura/ Residência na Prosperina Guayaquil, Equador pg 75
- 3.2 Foreign Affairs, Institute of Architecture, University of Applied Arts Vienna/ Novo Mercado de Gualibala Gualibala, Gana pg80

| 4 Diagnóstico pg84

- 4.1 A cidade pg86
- 4.2 O bairro pg102
- 4.3 A Casa TRANSformar pg136
- 4.3.1 Da Edificação pg136
- 4.3.2 Do terreno pg138
- 4.3.3 Das pessoas pg141

15 Da Proposta pg146

- 5.1 Assessoria Técnica para a Casa TRANSformar pg149
- 5.1.1 Observações Preliminares pg149
- 5.1.2 Das Oficinas pg152
- 5.1.3 Os Resultados pg156
- 5.2 Intervenção Urbana: Aqui passa jovem, idoso, criança e travesti pg180
- 5.2.1 Reflexões Iniciais pg180
- 5.2.2 Primeiros Estudos pg180
- 5.2.3 Os Resultados pg185

Considerações Finais pg 214

Referências Bibliográficas pg 216

Apêndice A pg 222 Entrevista Inicial

Apêndice B pg 223 Roteiro das Oficinas

Apêndice C pg 227 Questionário

Apêndice D pg 229 Termo de Consentimento

Apêndice E pg 230 Termo de Consentimento

Abertura do Processo pg 230 Oficina 1 pg 232

Oficina 2 pg 242

Oficina 3 pg 250

Oficina 4 pg 256

Oficina 5 pg 264

Oficina 6 pg 270

Anexo A pg 274

Lei de Assistência Técnica 11.888/2008



Introdução

presente texto apresenta a experiência de assistência técnica na Casa TRANSformar utilizando-se de metodologias participativas de projeto bem como uma intervenção urbana em seu entorno imediato.

A Casa TRANSformar é uma casa de acolhimento para pessoas LGBTQ+¹ em situação de vulnerabilidades ou exclusão familiar e social situada na cidade de Fortaleza, Ceará, no bairro Siqueira. Fundada no ano de 2019 por uma cearense e funkeira trans, a casa abriu as portas para acolher LGBTQ+, conforme entrevista realizada com a proprietária (Apêndice A), e hoje representa um dos poucos espaços com este intuito na cidade.

Este trabalho está inserido em uma discussão a respeito da marginalização do corpo LGBTQ+, em especial o corpo trans e travesti, recorte mais desviante do padrão heteronormativo, levando em conta os altos índices de abandono familiar, violência, falta de oportunidades e transfeminicídio. Deste modo, com base no referencial teórico estudado e na Lei de Assistência Técnica 11.888/2008, buscou-se expandir a atuação da assessoria técnica de modo a incorporar a comunidade LGBTQ+.

Assim, por meio de um projeto participati-

vo na Casa TRANSformar, e uma proposta de intervenção urbana cujas propostas são resultados do diagnóstico de mapas, visitas de campo e de informações colhidas pelos próprios moradores, pretende-se contribuir para a capacitação e ganho de autonomia dos moradores para a realização de melhorias habitacionais na Casa TRANSformar e possibilitar discussões a respeito da vivência na cidade e questões físicas e não-físicas, espaciais e políticas, que influenciam a experiência do corpo LGBTQ+ no espaço público.

Inquietações

A presente pesquisa surge de uma inquietação a respeito do violento cenário de preconceito que sofre a comunidade LGBTQIAP+ e as suas implicações, mais especificamente do abandono familiar. Este abandono devido a não aceitação da sexualidade e/ou identidade de gênero do indivíduo por vezes leva à expulsão da moradia familiar e a uma situação de desabrigo. Acrescenta-se, então, uma nova camada de vulnerabilidade social, especialmente se a pessoa já for de origem social pobre. Decorrente disto, existem casas de acolhida emergenciais que abrigam pessoas LGBTQIAP+ em vulnerabilidade social, como é o caso da Casa TRANSformar.

É sabido que a estigmatização do corpo LGBTQIAP+ passa por um processo de desconstrução e criminalização, mas apesar do crescente avanço no ganho de direitos básicos da comunidade desde o ato de Stonewall² nos EUA há 51 anos, as taxas de violência reforçam a LGBTQfobia de parte da sociedade e continua a tentar reprimir individualidades e ceifar vidas. A figura 01 é do espetáculo Quem Tem Medo de Travesti do Coletivo As Travestidas de Fortaleza, Ceará, que trata da marginalização da figura trans na sociedade atual por meio de relatos pessoais.



Figura 01 – Cena do Espetáculo Quem Tem Medo de Travesti Fonte: Behance Bárbara Bentes. Foto: Bárbara Bentes

¹⁻Atualmente a sigla do movimento LQBTQ+ já ganhou novas letras e está em constante transformação para contemplar todas as identidades queer. Todavia, para este trabalho, será utilizada esta abreviatura por ser a mais usual, onde o "+" incorpora as demais letras existentes.

^{2.} Evento ocorrido no bar Stonewall Inn em Nova York, nos EUA, em 28 de junho de 1969. É considerado o marco do movimento de liberação gay e o momento em que o ativismo pelos direitos LGBT ganha o debate público e as ruas. É por causa da revolta de Stonewall que o orgulho LGBT (Lésbico, Gay, Bissexual, Transexual, Travesti) é celebrado em junho - o Dia do Orgulho é na mesma data em que aconteceu o levante em Nova York, no 28. Stonewall funda um novo tipo de movimento LGBT. Criou essa ideia do orgulho, das pessoas LGBT ocupando o espaço público, assumindo suas identidades e se orgulhando dessas identidades e de práticas de sexualidade e de gênero.

Para ilustrar a situação atual do Brasil, o Gru- e transexuais, dada a maior estigmatização po Gay da Bahia (GGB), em seu relatório de e preconceito, acaba por estampar altos ín-2017, relata que, naquele ano, os LGBTQ+ vítimas de morte violenta exerciam 60 diferentes profissões, onde a atividade mais praticada por travestis e transexuais era a de profissional do sexo, totalizando 11,55% sua rigidez. Segundo Silva (2009): (Tabela 01).

Profissão	Quant.	%
Profissão	Quant.	%
Profissional do Sexo	38	11,55
Professor	24	7,3
Cabeleireiro	17	5,17
Estudante	17	5,17
Pai de Santo	7	2,13
Servidor Público	6	1,82
Aposentado	6	1,82
Empresário	6	1,82
Técnico de Enfermagem	6	1,82
Modelo	2	0,60
Outras Ocupações	50	15,20
Sem Informação	150	45,60
Total	329	100

Tabela 01 – Profissão/Ocupação de LGBT+ vítima de morte violenta no Brasil de acordo com o GGB, 2019. Fonte: GGB, 2019.

É importante, sobretudo, notar que o corpo LGBTQ+ está em constante ameaça. De um lado, paradoxalmente, enquanto a homossexualidade ainda permite que muitos continuem morando em suas casas, há uma grande pressão psicológica neste grupo que acaba por gerar altos índices de violência domiciliar que acabam em assassinatos com armas brancas ou utensílios domésticos (GGB, 2012). Por outro lado, as travestis

dices de abandono, passando a viver marginalizados. De todos os grupos da comunidade LGBTO+, as travestis e transexuais são as que mais sofrem com o heterossexismo e

> Queremos chamar atenção para o fato de que as travestis sofrem maior violência e preconceito porque a marca da transgressão é nítida, visual e, portanto, afronta o poder heteronormativo, muito menos evidente no gay ou na lésbica (SILVA, 2009, p.142).

Assim, diante dos dados apresentados, pode-se afirmar que a questão da moradia para pessoas LGBTQ+ em situação de vulnerabilidade social é um problema que precisa ser tratado dentro das suas especificidades, para além dos programas existentes. Vale ressaltar aqui que o programa Minha Casa Minha Vida (MCMV) limita, em seu escopo, a possibilidade de uma pessoa LGBTQ+ adquirir uma moradia, visto que é destinado apenas à grupos familiares heteronormativos, onde a posse da casa fica prioritariamente no nome da mulher:

O Cadastro para Programas Habitacionais consiste em um sistema único para inscrição nos projetos de habitação, e deve ser realizado nas Secretarias Executivas Regionais. No ato do cadastro, a família deve apresentar os documentos originais e atualizados: RG e CPF do titular e do cônjuge/ companheiro (a), comprovante de residência atual, comprovante de renda e o NIS (Cadastro Único). Caso haja integrante da família com deficiência ou doença crônica grave (HIV, câncer, hemofilia e cardiopatia grave), deve-se apresentar atestado médico ou laudo do INSS (FORTALEZA, 2020).

A Lei de Assistência Técnica 11.888/2008, por sua vez, além de não possuir estrutura de atuação, o que dificulta sua aplicação direta, também se volta para famílias heteronormativas de baixa renda, especialmente em assentamentos precários. Segundo o texto da Lei, no Art. 2°:

> As famílias com renda mensal de até 3 (três) salários mínimos, residentes em áreas urbanas ou rurais, têm o direito à assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social para sua própria moradia (BRASIL, 2008).

A não especificidade dos textos ao se tratar do perfil dos beneficiários no que se refere a identidade de gênero e sexualidade e a falta de uma lei destinada para este recorte social norteiam, portanto, a análise da aplicabilidade da Lei 11.888/2008 nessa situação.

É sabido que, diante da precariedade de

programas governamentais voltadas para a necessidade de abrigo emergencial para LGBTQ+, algumas soluções para além da rua podem ser encontradas por meio de iniciativas públicas e privadas, de ONGs com o intuito de abrigar e profissionalizar essas pessoas. Contudo, são poucas instituições como essas que se encontram pelo Brasil, sendo as mais conhecidas a Casa1 em São Paulo e a Casa Nem no Rio de Janeiro. Na cidade de Fortaleza, temos a Casa Transfor-

Nesse contexto, a escolha da Casa TRANSformar se justifica pelo fato de ser uma casa popularmente conhecida na cidade de Fortaleza que demonstrou interesse para participar ativamente no processo de projeto. A edificação também possui uma série de patologias decorrentes do tempo e que já se encontrava em processo de restauração por parte dos moradores, antes mesmo de se iniciar o projeto.

A ONG possui, também, grande relevância por representar uma das únicas casas de apoio a população LGBTQ+ formalmente reconhecida na cidade de Fortaleza, Ceará - vale agui ressaltar que o Ceará é o estado que mais matou travestis e transexuais no ano de 2017, segundo relatório da ANTRA de 2019. Se faz relevante, portanto, garantir a permanência do projeto e garantir a autonomia da comunidade de modo a oferecer um projeto de assessoria técnica que poderá ser utilizado para nortear as intervenções na casa, controlar os custos de obra e pré-determinar valores para arrecadação e, também, como ferramenta de luta e reivindicação de direitos perante o Estado.

Dessa forma, o que se pretende nesta pesquisa é realizar uma experiência de assessoria técnica para a comunidade LGBTQ+, em situação de rua, aplicado à casa TRANSformar, ONG que abriga esta população e carece de melhorias habitacionais, havendo uma real demanda da casa por reformas estruturais e adaptação do programa para as diversas demandas em constante renovação devido as diferentes necessidades e interpretações do espaço. A Lei 11.888/2008, portanto, será utilizada como ferramenta para criação um projeto de médio a longo prazo que possa ser planejado e executado pelos moradores e que, se utilizando de metodologias participativas, possa gerar capacitação e autonomia para arrecadação de fundos e execução da obra.

Ressalta-se, também, a importância da promoção de um sentimento de pertencimento e cidadania para os moradores para além da casa, de modo a possibilitar um diálogo entre os moradores e a cidade por meio de uma intervenção urbana. Há, portanto, esta necessidade de um olhar sensível sobre a situação de violência familiar e exclusão social que motiva estas pessoas a procurar uma casa de acolhimento em abrigos emergenciais. Existe aqui uma necessidade latente de ressocialização que ultrapassa a cama e o prato de comida que pode ser impulsionada por meio da criação de uma cidade mais justa, dinâmica e representativa.

Deste modo, a pesquisa será estruturada em duas partes: o Ato I (o corpo) possui as discussões teóricas e é composto pelos capítulos de Introdução e Referencial Teórico. dividido nos itens: Invisibilidade e Abandono, Acesso e Assessoria e Participação e Autonomia e Referencial Projetual. Já o Ato

II (o espaço) é composto pelos capítulos de Diagnóstico, Oficinas e Projeto.

Objetivo Geral

Propor um projeto de arquitetura e urbanístico para reforma da Casa TRANSformar, casa de acolhida para a comunidade LGB-TQ+, e seu entorno imediato por meio de assessoria técnica que se utilize de metodologias participativas e que possa partir das demandas identificadas.

Objetivos Específicos

- Trazer à luz questões de gênero, identidade de gênero e sexualidade aplicadas à vivência na cidade e abandono familiar de LGBTO+:
- Estudar metodologias de processo de projeto participativas e aplicar métodos na qual os moradores poderão participar ativamente em todas as etapas de projeto em um processo de busca de autonomia individual e coletiva na busca pelo direito à cidade;
- Aplicar a Lei de Assistência Técnica 11.888/2008 com a finalidade de realizar melhorias habitacionais e reestruturação do programa arquitetônico da Casa TRANSformar para abrigar novos usos;
- Propor uma intervenção de vias e vazios urbanos de modo a possibilitar um caminhar mais seguro e atrativo para pessoas LGBTQ+, especialmente trans e travestis.

Métodos de pesquisa e de projeto

O presente trabalho está dividido em duas e internacionais de transfeminicídios, taxas revisão bibliográfica e entrevistas semiestru- trans em situação de rua. turadas na coleta e análise de informações básicas; a segunda, de caráter propositivo, Para o segundo item, a revisão bibliográfiria técnica e metodologia participativa, de projeto arquitetônico e urbanístico.

Da pesquisa

A primeira etapa desta pesquisa visa fundamentar a proposta realizada. Para tanto, o referencial teórico se divide em dois itens: o primeiro, denominado Invisibilidade e Abandono, tem intuito de contextualizar e caracterizar a população em estudo que é a comunidade LGBTQ+, mais especificamente as mulheres trans e travestis em situação de vulnerabilidade social. Já o segundo item, Acesso e Assessoria Técnica, ilustra o surgimento da lei de Assistência Técnica Do Projeto 11.888/2008. contextualizando-a na cidade de Fortaleza e ressaltando a importância da No segundo momento do trabalho, de caimplantação assessoria técnica no contexto de grupos minoritários como ONGs que abrigam LGBTQ+ em situação de vulnerabilidade social, como o caso da Casa TRANS- utilização de método participativo na Casa formar.

A revisão bibliográfica do primeiro item se estrutura de modo a compreender as questões de sexualidade e identidade de gênero relativas à vivência queer na sociedade, di- rências, oficinas e apresentação das proposrecionada à experiência trans e travesti. Fo- tas. ram coletados dados de natureza quantitativa resultantes de levantamentos nacionais

etapas gerais: a primeira, de caráter explo- de mortalidade LGBTQ+, análise de local e ratório, com base em análise documental, causa das mortes e quantitativo de pessoas

com base no desenvolvimento da assesso- ca se dá de modo a analisar a situação de informalidade de grupos sociais menos modo a desenvolver o programa, partido e favorecidos e explanar, por meio de um estudo da legislação, a respeito da Lei de Assistência Técnica 11.888/2008, discutindo a respeito das nomenclaturas e formas de atuação profissional atreladas a elas, e ressaltando a relevância da adoção de métodos participativos. A análise de conteúdo dos dados quantitativos de autoconstrução e precariedades habitacionais também foi utilizada para a pesquisa de modo a fomentar a importância da assessoria técnica, se utilizando do termo assessoria³ ao invés de assistência para sugerir a adoção de um processo mais horizontal que a palavra traz.

ráter propositivo, tem se a elaboração de um projeto de arquitetura baseado na Lei de Assistência Técnica 11.888/2008 com Transformar e, também, de um projeto de intervenção urbana em trajetos e vazios definidos com base no diagnóstico. Para esta etapa, divide-se a pesquisa em diagnóstico da área, estudos de caso, estudos de refe-

^{3.} No Item Acesso e Assessoria Técnica será discutido a respeito da adoção do termo Acessoria Técnica em substituição ao termo Assistência Técnica. Portanto, o termo "assistência" será usado somente quando citado por outros autores ou para se referir a própria Lei 11.888/2008 de Assistência Técnica.

Anteriormente à pesquisa, foi realizada uma xo custo de modo a identificar seus obstácuentrevista semiestruturada no primeiro los e possibilidades de execução. contato para estabelecer a parceria entre o pesquisador e a representante da ONG Casa Para a análise de referências projetuais, ana-TRANSformar disponível no Apêndice A.

bairro Siqueira, onde está localizada a Casa jetivo a assimilar informações relevantes de índices; o bairro, compreendida por um olhar mais apurado sobre os usos, espaços do de zoneamento e percursos; e a Casa público alvo e suas inquietações.

Os dados utilizados para cada etapa do diagnóstico são resultado de dois processos metodológicos: um primeiro referente a análise de dados secundários extraídos de bancos de dados da prefeitura de fortaleza e IBGE, e um segundo resultante de um processo de diagnóstico participativo, cujas informações são fruto das oficinas participativas que serão realizadas com os moradores da casa.

A análise dos estudos de caso se buscou identificar equipamentos de grande relevância e conhecimento no contexto nacio- setores concluídos. nal, as casas de acolhimento Casa1 e Casa Nem, com o intuito político de reivindicar suas existências e funcional de identificar seus programas de necessidades e atividades exercidas. Buscou-se, ainda, analisar

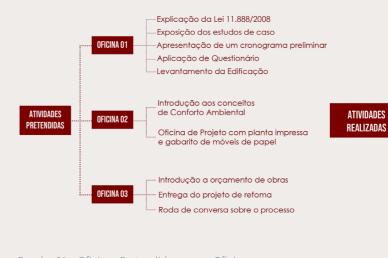
lisou-se um projeto de reforma internacional com vistas a compreender as decisões de O diagnóstico compreende a análise do projeto a respeito do aproveitamento de sistemas existentes e estratégias de relacionar TRANSformar. Esta etapa que tem por ob- os elementos existentes e adicionados. Por fim, analisou-se um projeto de intervenção para a proposta projetual está dividida em urbana numa comunidade com o intuito de três escalas de análise: a cidade, onde é abrigar atividades comunitárias existentes e feita uma análise macro da localização do fomentar novos usos a partir de um espaço bairro Siqueira em Fortaleza e uma análise flexível e de programa simples, capaz de ser aumentado posteriormente.

livres, macro e microacessibilidade, estu- De modo a estruturar as oficinas a serem dirigidas na Casa Transformar (Apêndice TRANSformar, escala de análise referente as B), optou-se inicialmente por dividir as aticondicionantes do terreno, funcionamento vidades em três encontros. Todavia, os die tipologia da edificação e identificação do ferentes condicionantes inerentes de um processo participativo impuseram algumas mudanças que se desenrolaram ao longo do trabalho, podendo-se citar o cenário de pandemia do Covid-19 como o maior agravante para o processo participativo. Tendo em vista que o isolamento social no Ceará começou em meados do mês de março e começou a se flexibilizar em julho de 2020, só foi possível iniciar as oficinas ao final de julho. Devido às incertezas de uma possível volta do lockdown, optou-se por trabalhar um ambiente da casa por dia. Neste modelo, caso houvesse a necessidade de encerrar o processo, já se teria o projeto de alguns

Assim, ao final do processo, foram realizadas seis (06) oficinas participativas, conforme quadro abaixo (Quadro 01), realizadas no período de 28 de julho ao dia 05 de novemum caso local de projeto de reforma de bai- bro, restando apenas a realização da última

oficina para apresentação do Masterplan urbano e encerramento das atividades a ser realizada após a defesa do trabalho. Estas oficinas aconteceram de forma presencial e participativa, integradas pelo pesquisador e pelos participantes (moradores), cujas atividades e produtos serão descritas nos itens seguintes.

Por fim, ao final do trabalho é feita a apresentação das plantas baixas, vistas, cortes, detalhamentos, perspectivas e demais elementos gráficos necessários para a compreensão da proposta.



Quadro 01 – Oficinas Pretendidas versus Oficinas Realizadas. Fonte: O Autor.



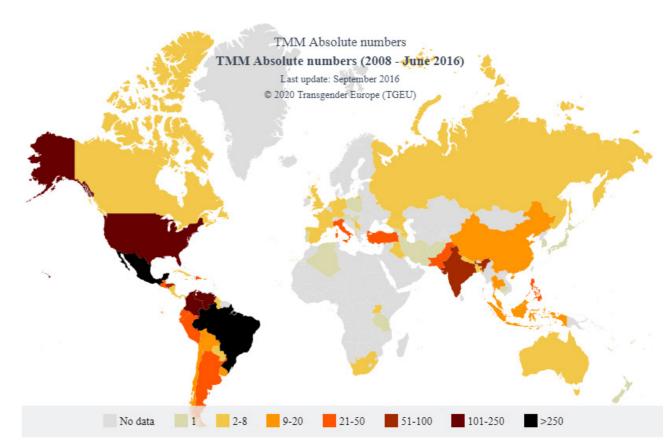


DISCUSSÕES

Dados de Apertar a Garganta

egundo relatório de 2019 da Trans Murder Monitotring (TMM), projeto da ONG europeia Trangender Europe (TGEU) que monitora, coleta e analisa sistematicamente relatórios de homicídios de pessoas trans e/ou de gênero diverso⁴ em todo o globo, o Brasil lidera ranking de países que mais matam transexuais no mundo. (ver mapa 01).

Este dado alarmante para a comunidade LGBTQ+ compõe o relatório publicado em 2019 pela TGEU, instituição que se iniciou em 2009 devido à falta de informações a respeito da morte de pessoas trans numa escala global⁵. De janeiro de 2008 até setembro de 2019, a ONG já coletou dados de 3.314 mortes em 62 países, incluindo o Brasil.



Invisibilidade e Abandono

^{4.} Nomenclatura utilizada pela TGEU para denominar todas as pessoas que fogem do padrão binário sexista da sociedade. A pessoa gênero diverso transgride padrões de comportamento e aparência típicos do outro espectro, mas não necessariamente se identifica como transexual ou travesti.

⁵Embora vários ativistas em contextos nacionais e internacionais tenham elaborado relatórios dos assassinatos de pessoas trans, como por exemplo, o TDoR lançado em 1999.

Invisibilidade e Abandono

Não obstante, o mais recente relatório da as estatísticas continuam a progredir e man-TGEU "Transrespeito versus Transfobia pelo mundo" desenvolvido dentro do programa munidade. Trans Murder Monitoring (TMM) noticiou que dentro do intervalo de um ano - de 01 de outubro de 2018 a 30 de setembro de 2019 - 331 pessoas trans e de gênero diverso foram assassinadas. Na nova contagem, em relação à contagem de 2008 a setembro de 2019, o Brasil continua em primeiro lugar com 130 mortes, seguido do México com menos da metade, 63, e Estados Unidos com 30. De acordo o TMM, uma travesti morre a cada 48 horas só no Brasil. A figura 02 representa a performance de Viviany na Parada do Orgulho LGBT de 2015, protestando contra a violência sofrida por pessoas trans.

De fato, o Brasil como um país esteriotipadamente reconhecido e veiculado como fogoso pelas agências de turismo (TREVISAN, 2018), o país do Carnaval possui características muito mais puritanas e conservadoras do que aparenta. De Acordo com Trevisan (2018), numa pesquisa realizada pelo Datafolha após a aprovação da união homoafetiva pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2011, aferiu-se que 55% dos entrevistados eram contrários à decisão. Na mesma pesquisa, foi destacado que 55% dos brasileiros também eram contrários a adoção de crianças por casais do mesmo sexo.

Recentemente, em 2018, em ato progressista para a comunidade LGBTQ+, o STF enquadra homofobia e transfobia como crimes de racismo ao reconhecer omissão legislativa até então. Entretanto, mesmo instaurado um cenário de maior permissividade em relação a outros países e legislação vigente que pune atos homofóbicos e transfóbicos,

ter o Brasil no topo de violência contra a co-



Figura 02 – Performance da transexual "Viviany Beleboni" na Parada do Orgulho LGBT de 2015. Fonte: Reuters/Joao Castellano.

Subnotificações e Invisibilização

Todavia, para além do preocupante cenário numérico que nos foi apresentado, ainda se deve lembrar que estes dados são mascarados pela grande dificuldade de contabilizar os crimes (BENEVIDES e NOGUEIRA, 2019). Sobre isso, as autoras do documento "Dossiê: Assassinatos e Violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018" (2019), da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), dissertam:

> "Fica a reflexão de o quanto ainda temos que disputar os corpos e as mortes das travestis e transexuais que foram assassinadas a fim de garantir o combate efetivo sobre estes crimes. Além de mortas, tem suas histórias apagadas, seus nomes ignorados, suas identidades de gênero contestadas pela mídia. por suas famílias, que num (sic) último golpe, põe um nome na lápide que representa uma pessoa que já estava morta, mesmo em vida. " (BENEVIDES e NOGUEIRA. 2019. p. 8.)

De fato, há uma insigne lacuna documental a respeito da comunidade LGBTO+. A falta de dados é por si só uma informação – nos mostra uma falha do Estado que permite a continuidade de um histórico de apagamento da comunidade, principalmente de pessoas trans e travestis. Não há dados demográficos que quantifiquem a comunidade LGBTQ+ e há poucas estatísticas governamentais de assassinatos, tornando-a invisível. Por sua vez. os dados censitários apanhados por organizações não governamentais tendem a imprecisão ao realizar os quantitativos relativos da razão entre o nú- to de 30% de casos subnotificados, situação

mero de mortos e o total de travestis e transexuais (GGB, 2012).

Considerando a inexistência, por parte do poder público, de uma instância para avaliar a real gravidade do problema e quantificar estas mortes, o número de homicídios costuma ser baseado em informações empíricas, o que indica que os dados tendem a estar minimizados. Ainda assim, as estatísticas do GGB apontam que menos de 15% dos casos relatados foram solucionados pela polícia (TREVISAN, 2018).

Diante desta falha do poder público, o que temos acesso, atualmente, é, portanto, apenas dados imprecisos e superficiais, visto que há uma lacuna na contagem e caracterização dos casos pois os levantamentos são realizados a partir de dados de notícias de jornal, internet e informações enviadas pelas ONGs LGBTQ+ (GGB, 2012).

Segundo Trevisan (2018), relativo aos assassinatos de LGBTQ+, há nos arquivos policiais um grande número de casos insolúveis – seja por descaso da polícia, porque a família da vítima prefere manter sigilo, seja pelo estilo de vida dupla do assassinado, que opta por manter suas ligações em segredo. No entanto, o empecilho maior é a aparente "inexistência de motivos" para os crimes, que são cometidos em circunstâncias bastante semelhantes, onde o elemento comum em quase todos é o grau de violência, que de tão exagerada chega a parecer gratuita.

A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) ressalta a problemática levantada por Trevisan (2018). Em seu relatório do ano de 2019, a associação relata um aumen-

que compromete os resultados por aparentar queda quando, na realidade, há uma falha no levantamento dos dados. Em 2018. a ANTRA que contabilizou 163 assassinatos em mulheres trans e 44 casos subnotificados, informou que em apenas 15 dos casos os suspeitos foram presos, ou seja, apenas 9%. Este dado apenas confirma a falha do Estado e a vulnerabilidade do corpo trans dentro da sociedade patriarcal. Esta problemática dos casos subnotificados e subnoticiados também aparecem em outros relatórios e pesquisas. Segundo relatório anual do Grupo Gay da Bahia (GGB⁶) de 2012:

> "Dos 338 casos, somente em 89 foram identificados os assassinos. sendo que em 73% não há informação sobre a captura dos criminosos, prova do alto índice de impunidade nesses crimes de ódio e gravíssima homofobia institucional/policial que não investiga em profundidade tais homicídios. "

Essa situação, por sua vez, dificulta o dimensionamento do problema de forma legítima, impedindo uma real leitura dos fatos, cria obstáculos para elaboração de políticas públicas voltadas para o setor e enfraquece a luta pelos direitos da comunidade LGBTQ+.

Adentrando a um contexto regional, segundo relatório da ANTRA (2019), o Ceará foi o Estado que mais matou travestis e transexuais no Brasil em 2017 e foi o único Estado a aparecer nas listas de dados absolutos e em dados proporcionais⁷ da ANTRA e do Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE). Os dados do Dossiê ainda informam que o a região nordeste do Brasil possui a maior concentração de assassinatos com 36,2% dos casos e que o Ceará está em 4º lugar⁸ quando analisados os números absolutos de 2018, com 13 mortes.

Vale ressaltar que o Governo do Estado não reconhece a morte de Dandara dos Santos como transfobia conforme levantamento feito da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS) do Ceará (FORTALE-ZA, 2017). Dandara, travesti de 42 anos de idade, foi brutalmente espancada a chutes e pauladas e morta a tiros num vídeo que circulou nas redes sociais em 16 de fevereiro de 2017, quando o caso ocorreu. Em depoimento à Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, a mãe de Dandara, Francisca Ferreira de Vasconcelos, declarou:

> Os vizinhos ouviram os bandidos falarem 'vamos queimar ele, que ele não quer morrer'. Colocaram meu filho (sic) num carrinho de mão e levaram para uma esquina (...). Foram 20 minutos de ligações [para a polícia] e não compareceu nenhum policial. Meu filho morreu por transfobia e também por negligência da polícia (VASCONCE-LOS. 2018).

nvisibilidade e Abandono

^{6.} Organização não governamental voltada para os direitos LGBTOIA+, O GGB é liderado atualmente por Marcelo Cerqueira, ativista e um dos criadores da Parada LGBT de Salvador, e tem feito um trabalho de coleta de dados de casos de homofobia anterior a criminalização.

⁷. Visto que não há dados oficiais da população de travestis e transexuais, a ANTRA utiliza os dados referentes a pesquisa "Sport and Transgender People: A Systematic Review of the Literature Relating to Sport Participation and Competitive Sport Policies" de que 1,9% da população é não-cisgênera**. Sendo 1,1% da população pertencente ao gênero feminino (travestis e mulheres transexuais); e 0,8% pertencentes ao gênero masculino (homens trans e transmasculinos).

^{8.}O Estado do Ceará fica atrás apenas do Rio de Janeiro com 16 mortes, Bahia com 15 e São Paulo com 14. (Dados: ANTRA)

Para além da falta de medidas do Estado. ainda existe uma outra face da invizibilização das mortes de pessoas trans – a família. Sabe-se que muitos casos não são notificados pelos parentes por terem vergonha de expor a identidade da vítima (Vasconcelos, 2018), que muitas vezes continuam a tratar a vítima no masculino, como dona Francisca, mãe de Dandara. Todavia, uma outra razão para a omissão das identidades pelos familiares é baseada num terrível histórico midiático ao expor as vítimas de modo a demonizá-las:

> família pode ser compreensível. Os jornais da imprensa sensacionalista, evidentemente, não perdiam a oportunidade de aumentar sua vendagem através de manchetes escandalosas; não por acaso, preferiam enfatizar situações em que a bicha, de algum modo, era o vilão: "Homossexuais sequestram dos homossexuais", "Polícia caça homossexual sequestrador", "Dois casamentos de homossexuais revoltam o povo" etc (TREVISAN, 2018. p. 370).

Mais recentemente, em janeiro de 2021, a LGBTQfobia fez de vítima a adolescente Keron Ravach, de 13 anos, na cidade de Camocim a 457 quilômetros de Fortaleza, Ceará. A jovem que passava por um processo de transição de gênero foi espancada até a morte por pauladas e socos.

Se por um lado, o histórico midiático em demonizar a população LGBTQ+ em manchetes sensacionalistas explica a omissão das famílias, sabe-se também que muitos

casos de homofobia e transfobia por este motivo passam a não computar nas listas de morte, dificultando uma visão precisa dos fatos. Ainda assim, quando se há registros, são comuns boletins de ocorrência e notícias de jornal que identificam a vítima como "homem vestido de mulher" ou que não autuam o crime nem como transfobia nem como feminicídio, expondo a problemática da transfobia estrutural (ANTRA, 2019).

Evasão Escolar e Prostituição

A análise feita pelo Grupo Gay da Bahia Apesar de inaceitável, o medo da (GGB) num relatório publicado em 2012, ilustra um cenário violento que adiciona mais uma camada de vulnerabilidade à população trans dentro da comunidade LGB-TQ+. O relatório anual do GGB de 2018 relata que, entre os mortos, foram identificadas 38 diferentes profissões/ocupações, e que se destacaram como profissões mais vulneráveis à violência sexual e/ou de gênero dois irmãos ", "Escapei do inferno" as 83 travestis e transexuais mortas na pista ou em locais usuais de prestação de serviços sexuais. Os assassinatos mais violentos ocorreram, como de costume, contra transgêneros, socialmente mais vulneráveis - vítimas de diferentes armas de fogo, facadas múltiplas e espancamento com pedras e paus (TREVISAN, 2018. p. 485).

Via de regra travestis profissionais do sexo são executadas na pista com tiros de revólver, pistola e escopeta, mas também vítimas de espancamento, atropelamento criminoso, pauladas e pedradas. Os a facadas ou asfixiados e esgoelados dentro de suas residências, lançando mão o assassino de fios elétricos e lençóis para imobilizar a vítima, almofadas para sufocar e de objetos domésticos para tirar--lhes a vida. (GGB, 2018)

É importante, sobretudo, notar que o corpo LGBTQ+ está em constante ameaça. Ora, se de um lado, enquanto a condição da homossexualidade ainda possibilita uma vivência dentro da moradia familiar, existem altos índices de violência domiciliar que acabam em assassinatos com armas brancas ou utensílios domésticos (GGB, 2018). Por outro lado, a travestis e transexuais, dada a maior estigmatização e preconceito decorrente do maior afastamento do padrão binário macho-fêmea numa sociedade que fomenta no espaço público a construção desta subjetividade imagética, acaba por serem expulsas muito prematuramente de suas casas, antes mesmo da adolescência, e estampar altos índices de abandono, passando a viver na transfeminicídio para tratar do assunto: rua. como confirma o autor:

> Vários (sic) travestis relataram contínuas surras na infância, dadas sobretudo pelo pai, que em muitos casos colocava a questão em termos excludentes: "Em casa, ou ele ou eu". Muitos (sic) foram expulsos ainda antes da adolescência, como no caso do travesti (sic) maranhense Suzane Kellen, obrigado (sic) a sair de casa aos

nove anos. A partir daí, perdiam--se quase totalmente os vínculos familiares, o que era o primeiro passo para a marginalidade social (TREVISAN, 2018. p. 383).

gays são geralmente executados De todos os grupos da comunidade LGB-TQ+, as travestis e transexuais são as que mais sofrem com o heterossexismo e sua rigidez. Segundo Silva (2009):

> Queremos chamar atenção para o fato de que as travestis sofrem maior violência e preconceito porque a marca da transgressão é nítida, visual e, portanto, afronta o poder heteronormativo, muito menos evidente no gay ou na lésbica. (SILVA, 2009, p.142)

De fato, por estamparem na pele a transgressão do gênero, por expressarem visivelmente suas identidades de gênero - diferentemente da homossexualidade que permite omissão - e por muitas vezes modificarem seus corpos para que lhes concedam um aspecto "feminino", que a transfobia se difere da homofobia e deve ser vista também como um crime de ódio contra a mulher. não somente à comunidade LGBTO+. A autora Berenice Bento propõe o uso do termo

"No Brasil a população trans (travestis, transexuais e transgêneros) é diariamente dizimada. De forma geral, os assassinatos contra esta população são contabilizados (equivocadamente, ao meu ver) no cômputo generalizante de violência contra os LGBTTT. Sugiro nomear os assassinatos cometidos contra a população trans como transfeminicídio, reforçando que a motivação da violência advém do gênero. [...] Acredito que as mortes das mulheres trans é uma expressão hiperbólica do lugar do feminino em nossa sociedade" (Bento, 2014. p.01).

Sob a ótica de uma sociedade machista e patriarcal, onde o feminino é visto como inferior, há um transbordamento da consciência coletiva que é estruturada na crença de que a identidade de gênero é uma expressão do desejo dos cromossomas e dos hormônios (BENTO, 2014). Até entre homens gays, é notório que há estigma da comunidade e o preconceito, inclusive, interno é mais cruel sobre os que performam uma estética mais próxima do feminino, os mais "afeminados" (BENTO, 2014). Portanto, diante de uma conjuntura social que exclui qualquer pessoa que fuja de um padrão e que, por conseguinte priva, inclusive, da vida urbana e do direito à moradia e do direito à cidade garantidos na Constituição Nacional de 1988, a figura da travesti ilustra bem o objeto de tal repulsa. Renegada do lar, das relações de trabalho e da vida pública, o que resta muitas vezes é a objetificação do próprio corpo na prostituição, como retrata Trevisan:

Evidentemente, a questão não é simples, porque no Brasil a prostituição acabou se tornando uma profissão quase inerente ao travestismo enquanto modo de vida. Em geral vindos (sic) das camadas populacionais mais pobres do país, muitos (sic) jovens travestis não encontram outras opções diante da família e da sociedade para viver sua vida (TREVISAN, 2018. p. 382).

Segundo dados da Trans Murder Monitoring (TMM), de 2008 a setembro de 2018, das 2982 mortas, 642 exerciam a prostituição como forma de sustento (Tabela 02). Este dado ilustra bem a quantidade de mulheres trans e travestis que aderem à prostituição. Num contexto geral, conforme material levantado pela ANTRA, 90% das travestis e transexuais utilizam a prostituição como fonte de renda e, muitas vezes, de subsistência. Segundo Trevisan (2018), elas precisam se prostituir, como um preço pago à sua compulsória marginalidade social: mal tiveram chance de se alfabetizar, menos ainda de aprender uma profissão. Este dado suscita uma problemática ainda maior que envolve os porquês da recorrência à prostituição: o abandono familiar e evasão escolar, bastante elevados na população transexual.

Occupation/ source of income	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2008- Sep 2018
Sex worker	61	55	63	72	70	50	55	73	53	49	45	646
Hairdresser/stylist	3	4	6	7	13	14	17	9	16	13	18	120
Artist	2	3	5	0	2	7	4	8	4	7	4	46
Employee/clerk/civil servant	1	4	2	3	4	5	2	3	5	5	3	37
Activist/movement leader	2	2	3	0	3	1	2	6	8	4	8	39
Waitress/waiter/barte nder	1	2	1	2	3	1	4	1	6	8	3	32
Seller/merchant	0	3	3	0	1	4	3	1	3	2	5	25
Owner of beauty shop/hair salon/ bar/shop	1	2	4	1	1	0	2	0	2	2	0	15
Religious leader	0	3	3	0	2	0	1	0	0	0	0	9

Tabela 02 – Ocupação das Transexuais e Gêneros Fluido mortes de 2008 - setembro de 2019 . Fonte: TMM, 2019.

Em relação ao abandono familiar, conforme levantamento da ANTRA (2019), estima-se que aos 13 anos de idade seja a média em que travestis e mulheres transexuais são expulsas de casa pelos pais. Todavia, no que tange a evasão escolar, para Trevisan (2018) a falta de informação nas escolas somada a repressão no ambiente familiar e dentro do ambiente estudantil, sujeitam a criança a abandonar a escola.

Segundo Trevisan (2018), uma Pesquisa Nacional de 2015 sobre Estudantes LGBT e Ambiente Escolar realizada entre estudantes autodeclarados LGBT por volta dos dezesseis anos, a maioria apresentava narrativas de propensão ao suicídio. Do total, 7,7% se declaravam travestis ou transexuais. Em 2016, a Rede TransBrasil contabilizou tentativas de suicídio de 64 transexuais e travestis, das quais doze consumaram o ato. Outra pesquisa realizada pela Unesco em 2014 revela que 60% das/dos professoras/es consultadas/os afirmaram não estar aptas/ os a lidar com a homossexualidade na sala de aula (TREVISAN, 2018).

Este processo de evasão escolar gera maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho e, por consequência, um déficit qualitativo profissional. De acordo com a ANTRA (2019), segundo dados do "Projeto Além do Arco-Iris/AfroReggae", apenas 0,02% das travestis e mulheres trans estão na universidade, 72% não possuem ensino médio e somente 56% finalizaram o ensino fundamental. Por conta disso, a informalidade finda como um escape às relações de trabalho formal que tão cedo lhes é retirada. Benevides e Nogueira (2019) dissertam:

E é exatamente dentro deste cenário em que se encontram a maioria esmagadora das vítimas, tendo sido empurradas para a prostituição compulsoriamente pela falta de oportunidades, se encontram em alta vulnerabilidade social e expostas aos maiores índices de violência. Expostas a toda sorte de agressões físicas e psicológicas (BENEVIDES, NOGUEIRA, 2019. p. 19).

Deve-se afirmar que este trabalho não tem a intenção de discorrer a respeito da prostituição como profissão, retirando a posição pessoal do autor do debate acima da ética deste labor. Todavia, é notório que a exposição gerada pelo trabalho como profissional do sexo aumenta a vulnerabilidade do corpo da mulher no contexto da cidade, visto que de acordo com o levantamento da ANTRA (2019), 65% dos assassinatos foram direcionados aquelas que são profissionais do sexo e 60% deles aconteceu nas ruas.

Desta forma, retiradas do ambiente escolar e do apoio familiar, negadas do afeto e da educação, tendo suas identidades contestadas e descredibilizadas perante a uma sociedade que não as reconhecem como mulheres e, muitas vezes, como pessoas, que muitas travestis e mulheres trans de baixa renda se encontram em situação de rua.

Para Trevisan (2018), uma das maiores preocupações concerne à situação de vida das travestis de baixa renda, semialfabetizadas e sem emprego, obrigadas à prostituição nas ruas e acabando vítimas de drogas, doenças e alta violência. Aliás, muitos programas governamentais já estão olhando para essa população, fazendo surgir atividades como o Centro de Acolhida Florescer, projeto criado em 2015 que recebe mulheres travestis e transexuais visando inclusão social, serviços de saúde e reconstrução de laços familiares, com infraestrutura que abrange que de dormitórios e refeitórios até biblioteca e quadra esportiva.

Deste modo, com sorte, algumas encontram abrigo em casas de acolhimento idealizadas por iniciativas pontuais do poder privado, como o caso do Cento de Acolhida Florescer de São Paulo, e de outras ONGs que, cientes de uma real demanda, se dedicam a prestar apoio a estas pessoas, oferecendo uma casa, uma família e, em alguns casos, atividades profissionalizantes.

Após a tempestade, um arco-íris: retratando horizontes possíveis

Adentrando ao contexto local da cidade econ de Fortaleza, Ceará, deve-se reconhecer as iniciativas público e privadas destinadas à mofo comunidade LGBTQ+ que prestam serviço ZA 2 fazendo frente nas militâncias sociais, prestando assistência, abrigando e projetando futuros possíveis um tanto mais seguros e acessíveis. Dessarte, buscou-se citar a inclusão da pauta LGBTQ no plano Fortaleza um se 2040 e apresentar as iniciativas do Centro de Referência LGBT Janaína Dutra, Grupo de Resistência Asa Branca e Casa TRANSformar. ção.

Fortaleza 2040

O Planejamento estratégico para a cidade de fortaleza denominado Fortaleza 2040 possui estratégias a serem implementadas no curto, médio e longo prazo tendo como horizonte o ano de 2040, contemplando um Plano Mestre Urbanístico, Plano de Mobilidade e Plano de Desenvolvimento Econômico e Social. Neste último, há um volume destinado à Vida Comunitária, Acolhimento e Bem Estar, que possui capítulo de políticas LGRT

São cinco linhas de ação delineadas por setor, dais quais cita-se a LG.1 de Promoção e difusão dos direitos humanos e da segurança pública da população LGBT; LG.2 de Promoção de educação não discriminatória e garantia da diversidade de orientação sexual e identidade de gênero; LG.3 de Promoção da saúde integral, não discriminatória e adequada ao atendimento das demandas do público LGBT; LG.4 de ações afirmativas artísticas, culturais e desportistas voltadas para o reconhecimento, valorização e respeito às diversidades de orientação sexual e identidades de gênero; e LG.5 de autonomia econômica e fortalecimento da assistência social direcionada ao enfrentamento da homofobia, lesbofobia e transfobia (FORTALE-ZA 2040, 2016). A Tabela 03 possui um apanhado de ações específicas das linhas de ação um, dois, três e cinco, que são relevantes para a pesquisa e projeto. É interessante saber que a prefeitura de Fortaleza possui um sistema online de fácil acesso que discrimina quais atividades já foram realizadas, bem como suas porcentagens de implanta-

Nas ações, pode-se notar a frequência na qual é posta a necessidade de elaboração e/ou atualização de banco de dados, ressaltando o reconhecimento da falha do poder público em incluir a população LGBTQ+ nos dados censitários e a sua importância para o reconhecimento e reinvindicação de direitos. Todavia, o texto do documento pouco

Tabela 03 - Apanhado de linhas de ação do Fortaleza 2040 para a comunidade LGBT .Fonte: Fortaleza 2040 Acesso em: 2020.

fala a respeito da demanda por moradia da xual do Ceará em Fortaleza, evento que faz comunidade LGBTQ+, necessidade reconhecida com base nos dados apresentados anteriormente na pesquisa.

Centro de Referência LGBT Janaína Dutra

Institucionalizado pela lei 133/2012, o Centro de Referência LGBT Janaína Dutra, localizado na cidade de Fortaleza, Ceará, é um serviço de proteção e defesa da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) em situação de violência e/ ou violação, omissão de direitos motivados pela questão da orientação sexual e/ ou identidade de gênero. O centro é vinculado à Secretaria de Direitos Humanos e Desenvolvimento Social e a Coordenadoria de Diversidade Sexual do Município de Fortaleza. (DE LUTA, 2019)

GRAB

O Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB) é uma ONG cearense com sede na cidade de Fortaleza, no bairro Itaperi, fundada em 1989, segundo GRAB (2020), o grupo é uma das organizações LGBT em funcionamento mais antigas do Brasil, com atuação no enfrentamento ao preconceito por orientação sexual, desenvolvendo ações no âmbito da proposição, execução e controle social de da lei, para abranger espaços que abrigam políticas públicas, assim como do ativismo em torno dos direitos da população homossexual, tendo como missão melhorar a qualidade de vida de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Pessoas Vivendo com HIV/AIDS no Estado do Ceará.

A GRAB também é a responsável pela organização das Paradas pela Diversidade Se-

parte do calendário anual do município de Fortaleza.

Casa TRANSformar

Este equipamento que, por sua vez, é objeto de estudo deste trabalho, é uma organização não governamental (ONG) da cidade de Fortaleza, Ceará. Localizada no bairro Sigueira, o projeto que foi oficializado em 2019, atua de modo a acolher LGBTQ+ em situação de vulnerabilidade social, dando enfoque na população trans e travesti. A relevância da atuação da Casa TRANSformar é ressaltada pelo fato de ser um dos únicos abrigos emergenciais para LGBTQ+ na cidade de Fortaleza, capital do Estado brasileiro de maiores taxas de violência homotransfóbica. O projeto também tem a intenção de profissionalização, criando um ambiente de aprendizado, crescimento e transformação. O estudo mais aprofundado deste equipamento compõe parte do diagnóstico apresentado na parte II deste trabalho.

No capítulo seguinte, explanar-se-á a Lei 11.888-2008 de Assistência Técnica e se discutirá a aplicação da mesma, de modo a propor um alargamento do escopo do público-alvo, com base em artigos específicos LGBTQ+ em vulnerabilidade social no Brasil.

1.2 Acesso e Assessoria Técnica

1.2.1 A questão da informalidade e autoconstrução

Contextualização: A autoconstrução em foco

Antes de tratar a respeito da Assessoria Técnica, se faz necessária e urgente uma breve explanação a respeito da autoconstrução (Figura 03), de modo a conhecer os agentes que atuam sobre ela e a compreender os desafios que oferece numa tentativa de reduzir o abismo social predominante no país.

Via de regra, a informalidade pode ser entendida como a "manifestação de processos informais no ambiente urbano" (ALSAYYAD E ROY, 2004 apud BALLEGOOIJEN E ROC-CO, 2013 p. 1795). O trabalho informal, por exemplo, é o trabalho sem vínculos registrados na carteira de trabalho, geralmente desprovido de benefícios e direitos do trabalhador - como remuneração fixa e férias remuneradas. Em contrapartida, no que se refere à moradia, a informalidade se revela na autoconstrução e no auto planejamento, que seguem uma lógica de organização diferente da lógica cartesiana e tradicional que predominam na produção formal do espaço da cidade e que estão em desacordo com as regulamentações de uso do solo. (GILBERT, 2005; ROY, 2005).



Figura 03 – Segregação espacial na cidade de Fortaleza, Ceará Fonte: Diário do Nordeste / Foto: José Leomar.

A informalidade como caminho e horizonte

Neste contexto, A ONU-HABITAT na Terceira Conferência sobre Habitação e Desenvolvimento Urbano Sustentável – a Habitat III, trata a informalidade não como o único, mas como um dos problemas chave do desenvolvimento das cidades, tendo em vista sua significativa participação em diversos e diferentes setores da vida urbana. A ONG afirma que os atuais modelos de urbanização são insustentáveis e apela para que o planejamento urbano mude de modo a responder os novos desafios da atualidade, como a informalidade (JOHN CLOS, 2016). Para Turner (1963) apud Ballegooijen e Rocco (2013), os agentes que historicamente atuam sobre o meio urbano numa tentativa de organização formal estão equivocados por não prever o aspecto informal. Segundo ele, tanto as autoridades quanto arquitetos estavam num caminho errado: as autoridades estavam tentando desesperadamente combater a urbanização informal usando instrumentos de planejamento ineficientes, enquanto que arquitetos estavam preocupados com sonhos utópicos modernistas.

Roy e Alsayyad (2004) apud Ballegooijen e Rocco (2013) propõem compreender a informalidade numa abordagem mais realista e sem misticismos, como uma lógica organizada, um sistema de normas que governa o próprio processo de transformação urbana, definindo-a como um modo ao invés de um setor, rebatendo a ideia de que a informalidade ocorre fora do setor formal (DE SOTO, 2000). De Soto (2000) defende que a pobreza urbana é resultado de um 'apartheid legal' causado pelas burocracias do Estado que

impedem os grupos sociais em vulnerabilidade de acessar o mercado formal. O mesmo autor critica, portanto, o discurso de crise pois o mesmo pressupõe a ausência do Estado, quando este participa como agente de manutenção, responsável pela exclusão e segregação sócio-espacial dos assentamentos informais urbanos.

Também se deve compreender que a informalidade não é consequência do afastamento do capitalismo, mas um produto direto da sua lógica de produção (Roy, 2005). Dissociar estes dois conceitos pressupõe que a informalidade é nula em espaços onde o capital formal flui livremente (HAR-VEY, 2014), o que não é verídico.

O principal agente do espaço social é o elemento humano que o habita. Henry Lefebvre em sua obra-manifesto "Le Droit à la Ville" de 1968, cunhou o termo "direito à cidade", designando-o como um apelo, uma exigência. O direito à cidade se manifesta como uma forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar, onde o direito à obra e a apropriação estão implicados nele (LEFEBVRE, 2011). Neste contexto, o proletariado, apartado do uso efetivo da cidade, se desenha como a face da luta por este direito:

Para a classe operária, rejeitada dos centros para as periferias, despojada da cidade, expropriada assim dos melhores resultados de sua atividade, esse direito tem um alcance e uma significação particulares. Representa para ela ao mesmo tempo um meio e um objetivo, um caminho e um horizonte; mas essa ação virtual da classe operária representa também os interesses gerais da civilização e os interesses particulares de todas as camadas sociais de "habitantes", para os quais a integração e a participação se tornam obsessivas sem que cheguem a tornar eficazes essas obsessões. (LEFEBVRE, 2011. p. 139)

De fato, apesar de ser uma luta que representa interesses gerais, há uma camada mais profunda da necessidade de reinvindicação deste direito para classes menos favorecidas, retiradas do seio das discussões políticas, do usufruto do produto de suas próprias atividades e do exercício da cidadania. Lefebvre (2011) já reivindicava a coletividade implícita ao direito à cidade, a apropriação "do povo pelo povo", posteriormente delineada por outros autores como David Harvey. Harvey (2008) corrobora com Lefebvre que a revolução tem que ser urbana, no sentido mais amplo do termo:

O direito à cidade é um direito mais coletivo que individual uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e a nossas cidades, como pretendo argumentar, é um dos

nossos direitos humanos mais preciosos, ainda que um dos mais menosprezados (HARVEY, 2008, p. 28).

Deste modo, se faz necessário refletir de que maneira podemos interferir no espaço urbano no âmbito da arquitetura e urbanismo de modo a garantir o direito à cidade a grupos sociais vulneráveis.

Turner acreditava que a solução para o problema de moradia em países em desenvolvimento não poderia advir de profissionais ou soluções high-tech, mas de estruturas "incompletas e provisórias" advindas dos espaços autoconstruídos (TURNER, 1968 apud BALLEGOOIJEN e ROCCO, 2013).

Assim, Turner (1963) apud Ballegooijen e Rocco (2013) também critica a postura de arquitetos, indicando a necessidade de uma mudança de atitude de profissionais encarregados do processo de projeto e construção, para espécie de consultores colocados a serviço do povo. Este posicionamento invoca uma maior aproximação do fazer arquitetônico – produto do conhecimento científico – com o fazer informal – que é experimental, livre de amarras academicistas, onde se encontra um senso de autodesenvolvimento e autodeterminação (BALLE-GOOIJEN E ROCCO, 2013).

Logo, nota-se uma urgência na efetivação de estratégias urbanísticas que reconheçam a informalidade como uma solução, assim como Turner (1963) apud Ballegooijen e Rocco (2013), para a questão da moradia, buscando dialogar horizontalmente entre processos técnicos e culturais.

 46



1.2.2 Assessoria Técnica

O Déficit Habitacional

Segundo dados da Fundação João Pinheiro apresentados no estudo para o Ministério das Cidades "Déficit Habitacional no Brasil 2015" publicado no ano de 2018, o déficit habitacional estimado no ano de 2015 é correspondente a 6,355 milhões de domicílios, dos quais 5,572 milhões, ou seja, 87,7%, estão localizados em áreas urbanas, enquanto 7,255 milhões de domicílios carecem de pelo menos um tipo de serviço de infraestrutura (FJP, 2018). Isto significa que, além do défict, há um número expressivo de habitações inadequadas, como por exemplo, altamente adensadas, sem banheiro ou de banheiro compartilhado, para além de outras inadequações que vão além do contabilizado como falta de iluminação ou ventilação, o que indica que estes números ainda não representam por completo a situação existente (SILVESTRE E CARDOSO, 2013).

À vista disso, estima-se que de 1,5 milhão de novas residências construídas por ano no Brasil, 70% são executadas de maneira informal (Silvestre e Cardoso, 2013). Além disso, dos 14 milhões de projetos de reforma e ampliação realizados a cada ano, 77% são geridas pelos próprios moradores, o que resulta em baixa qualidade das edificações (ANAMACO E LATIN PANEL, 2008).

Neste contexto, Vidal (2008) argumenta que a falta de recursos e instrumentos disponíveis levam a população informal de menor renda a executar obras autogeridas com contratação de mão-de-obra desqualificada e materiais sem qualidade que levam a

diversos problemas como desperdício e baixo desempenho das edificações. Em alguns casos, o morador realiza a obra com as próprias mãos, com a ajuda de amigos, parentes e vizinhos, sem qualquer tipo de auxílio técnico.

A assessoria, neste contexto, tem surgido como uma forte proposta para ajudar a reduzir ou minimizar os impactos da baixa qualidade das construções- criando pontes para uma arquitetura que dialogue com os processos informais -, de modo a disponibilizar assistência técnica de profissionais habilitados para apoio especializado à autoconstrução ou autogestão. O instrumento específico nesse sentido, no entanto, é a Lei Federal nº 11.888/2008 - Lei de Assistência Técnica, que garante às famílias com renda de até 3 salários-mínimos assistência técnica gratuita para legalização, construção, reformas e ampliações nas residências (SIL-VESTRE E CARDOSO, 2013).

A Lei nº 11.888 / 2008

A Lei de Assistência Técnica ocupa relevante papel na trajetória de avanços no processo de construção da cidade, de modo a integrar o conhecimento técnico às práticas informais de produção do espaço Pretende, também, aliar os diferentes atores de apropriação da cidade, reconhecendo a autoconstrução como um meio e horizonte (LEFEBVRE, 2011) para uma produção coerente com a realidade das camadas menos favorecidas.

A Lei tem a intenção de assegurar o direito das famílias com renda mensal de 3 (três) salários-mínimos, residentes de áreas urbanas ou rurais, à assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social para moradia própria, como parte integrante do direito social à moradia previsto no art. 6º da Constituição Federal. A Lei 11.888/2008 prevê abrangência de todos os trabalhos de projeto, incluindo reforma, ampliação ou regularização fundiária da habitação. A Figura 04 representa um exemplo de processo participativo efetuado pelo escritório USINA, que já realizava projetos de assessoria técnica antes mesmo da Lei 11.888/2008 ser sancio-

A Lei objetiva, em linhas gerais, otimizar e qualificar o uso e aproveitamento racional do espaço edificado, dos recursos humanos, técnicos e econômicos; formalizar o processo de edificação, reforma ou ampliação da habitação perante o poder público; evitar a ocupação de áreas de risco e de interesse ambiental; e propiciar habitação de qualidade dentro dos parâmetros urbanísticos e ambientais.

Figura 04 – Arquiteto Wagner Germano, da USINA, discutindo o projeto de casas com os assentados /Fonte: Archdaily; Foto: USINA CTAH, 2020, acesso em 20/05/2020.



A Lei 11.888/2008 também prevê que a prestação dos serviços de assistência técnica deve ser dada por profissionais das áreas de arquitetura e urbanismo e engenharia que atuem como servidores públicos, integrantes de equipes de ONGs, profissionais de programas de residência acadêmica ou programas de extensão universitária, por meio de escritórios-modelo ou escritórios públicos e, por fim, de profissionais autônomos ou integrantes de equipes de pessoas jurídicas previamente credenciadas. Na seleção e contratação dos profissionais, deve ser garantida a participação das entidades profissionais de arquitetos e engenheiros, mediante convênio ou termo de parceria com o ente público responsável.

Podem ser firmados, também, convênios ou termos de parceria entre o ente público responsável e as entidades promotoras de programas de capacitação profissional, residência ou extensão universitária, com o objetivo de capacitar os profissionais e a comunidade usuária. Estes convênios devem

prever a busca de inovação tecnológica, a formulação de metodologias de caráter participativo e a democratização do conhecimento.

Uma problemática relevante a ser destacada é a viabilidade financeira da aplicação da Lei, visto que se depende da elaboração e aprovação de um Plano Local de Habitação de Interesse Social (PLHIS) e de um conselho paritário voltado para políticas habitacionais para que se tenha acesso aos recursos do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social (FNHIS) pelas prefeituras, medidas que muitas não têm interesse em tomar. Na cidade de Fortaleza, os órgãos que oferecem o servico de assessoria técnica são os escritórios modelo das universidades, algumas ONGs e o próprio Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Ceará (CAU-CE) por meio de editais.

Aqui cabe levantar um questionamento a respeito do público-alvo deste instrumento e que irá fundamentar este trabalho. Propõe-se aqui, com base no inciso 1º do Art. 3º que diz que a assistência técnica poderá ser oferecida diretamente às famílias ou às cooperativas, associações de moradores ou grupos organizados que as representam, a inclusão de organizações não-governamentais sem fins que acolhem grupos sociais vulneráveis e que se encontram em situação de precariedade e informalidade. A discussão aqui posta reivindica o reconhecimento de ONGs dedicadas ao abrigo emergencial de grupos sociais vulneráveis, como o caso de LGBTQ+ de baixa renda, como uma categoria que também necessita de instrumentos que viabilizem seu bom funcionamento e qualidade de vida. Inclusive como forma

de apoio ao trabalho executado que preenche uma lacuna do Estado de medidas mais concretas para esta problemática apontada no item 1 desta pesquisa (Invisibilidade e Abandono).

Assistência x Assessoria

A explanação da Lei de Assistência técnica até agora nos mostra um passo à frente nas possibilidades de diálogo da arquitetura com a cidade informal. Todavia, devemos analisar e questionar o modo como os arquitetos têm atuado no contexto de produção informal do espaço e compreender de que maneira a Lei 11.888/2008 perpetua padrões estruturalmente preconceituosos.

Baltazar e Kapp (2012) fazem crítica à maneira que arquitetos e urbanistas têm atuado o contexto de produção informal de pequena escala tendo como critério o grau de abertura que as práticas dos arquitetos oferecem a decisões e ações comunitárias.

O primeiro modelo de atuação é o tecnocrata, quando o profissional contratado do Estado age na cidade informal assumindo o papel de único detentor do conhecimento. Esta atuação é marcada pelo embate entre uma racionalidade técnica e o conhecimento vivido de moradores que tradicionalmente produzem seus espaços, partindo da premissa que o arquiteto deve resolver o problema conciliando interesses contraditórios sem que os ponha em discussão (BAL- TAZAR E KAPP, 2012). Para os autores, a atuação tecnocrata pode levar a não observar peculiaridades e potenciais do local e, ao fim do processo e sem cogitar regimes participativos os moradores não chegam a ampliar suas capacidades críticas e autonomia.

A segunda forma de atuação é a missionária, quando há atendimento direto a famílias ou grupos, independentemente ou por meio de entidades, revelando certo caráter assistencialista. Esta atuação se caracteriza por querer decididamente melhorar a vida alheia segundo parâmetros próprios, num processo que ao invés de ampliar o poder participativo da população, gera dependência da mesma à agentes externos (BALTAZAR E KAPP, 2012).

Por fim, para Baltazar e Kapp (2012), a terceira forma de atuação é a artística, de intervenções caricaturais baseadas no preceito de que mudar a percepção das favelas – em termos estéticos - a partir de fora, cria outras transformações. Um exemplo deste tipo de atuação é o projeto Favela Painting no Rio de Janeiro, dos artistas Dre Urhahn e Jeroen Koolhas (Figura 05). Para os autores, este projeto pe um dos exemplos mais evidentes de ganhos simbólicos às custas de comunidades pobres, em processos que embora enalteçam a participação popular, os moradores se envolvem apenas na execução braçal. Por fim, segundo os mesmos autores, a imagem que

se promove é a dos artistas e planejadores.

Das três formas de atuação, destaca-se um fator comum: o fato de priorizarem interesses e preconceitos dos agentes externos, das instituições que representam e dos grupos sociais de origem, aos interesses da comunidade (BALTAZAR E KAPP, 2012).

A lei de Assistência técnica, por sua vez, possibilita a abertura de caminhos para um diálogo mais horizontal, atribuindo uma mudança de postura para os arquitetos e urbanistas, o que cabe aos profissionais ponderar a utilização do instrumento para perpetuação das relações de dependência ou para a promoção de autonomia e participação popular.

Considera-se aqui, portanto, a crítica ao termo assistência estabelecida por Baltazar e Kapp (2016), cuja terminologia possui caráter assistencialista e missionário que deve ser questionado. Assim, para este trabalho, será adotado o termo assessoria para se referir a metodologia participativa por se aproximar do conceito de trabalhar com o outro, onde se prioriza a horizontalidade. Segundo Demartini (2016):

Podemos indicar a "assessoria" técnica como um meio de discutir junto à classe trabalhadora seus direitos, sobretudo o direito à cidade e à moradia adequada [...]. Dessa maneira, a complexidade e abrangência dos serviços de "assessoria" técnica demandam equipes mais diversificadas do que a "assistência" técnica. Enquanto a "assistência", conforme determinado na Lei Nº 11.888/2008, prevê a atuação de equipes formadas apenas por arquitetos urbanistas e engenheiros, as equipes de assessoramento técnico geralmente são compostas por profissionais de diversas áreas, como assistentes e cientistas sociais, sociólogos, geógrafos, advogados, psicólogos, antropólogos, administradores, economistas, entre outros, além das duas especialidades indicadas na Lei da Assistência Técnica. (DEMARTINI, 2016, P. 6)

Neste contexto, tomando como base metodológica a aplicação de processos de assessoramento técnico para promoção do direito à cidade e emancipação de grupos sociais mais vulneráveis, discutiremos a seguir os processos participativos implícitos a aplicação dessas experiências, de modo a compreender sua aplicação, etapas, abordagens e técnicas, e ampliar as discussões de possibilidades de participação popular tomando por base estudos de caso



Figura 05 – Projeto implantado na Praça Cantão da comunidade Santa Marta em 2010 /Fonte: Favela Painting, acesso em 10/04/2020.



EXPERIÊNCIAS PROJETUAIS

2.Experiências Projetuais

s experiências projetuais a seguir tem por objetivo a identificação de equipamentos semelhantes no contexto da proposta. Deste modo, traz-se a análise das casas de acolhimento Casa1 e Casa Nem em São Paulo e Rio de janeiro, respectivamente. Destes equipamentos, será analisado o surgimento, funcionamento, modo de sustento e programa de necessidades, de modo a reivindicar a existência e per

manência destes equipamentos enquanto articuladores de direitos LGBTQ. Por fim, a partir do conhecimento de um projeto de reforma financiado por arrecadação de fundos online idealizado e executado na cidade de Fortaleza, será possível a compreensão do crowdfunding como possibilidade para a execução do projeto a ser idealizado para a Casa TRANSformar.

2.1 Centro de Acolhida e Cultura Casa1 - São Paulo

A Casa 1 é um equipamento social e de moradia financiado coletivamente pela sociedade civil situado na região central da cidade de São Paulo – SP. Iniciado em 2015 no apartamento de seu idealizador, Iran Giusti, que acolheu LGBTQ+ expulsos de casa durante um ano, o projeto ganhou repercussão nas redes sociais e, após um financiamento coletivo, abriu as portas oficialmente em 25 de janeiro de 2017 num sobrado na esquina da rua Condessa de São Joaquim, número 277 no bairro Bela Vista e hoje já possui três sedes com diferentes atividades.

A localização numa zona precária como a região central de São Paulo, segundo o idealizador, se deve à proximidade com espaços públicos já apropriados pela comunidade LGBTQ como o Largo do Arrouche, a Praça Roosevelt e a rua Augusta e pela maior facilidade de acesso à serviços públicos, oferta de emprego, lazer e cultura.

Atualmente, a casa possui três principais frentes de atuação: a República de Acolhida, o Centro Cultural e a Clínica Social (Mapa 02). A República (Figura 06) funciona no sobrado da rua Condessa de São Joaquim e conta com vinte vagas para LGBTQs expulsos de casa por suas orientações afetivas, sexuais e identidades de gênero, oferecendo estadia de três meses com suporte para que os moradores tenham acesso a políticas públicas e direitos que não conheciam, ganhem independência, participem das tomadas de decisões e possam se organizar para o futuro.





Figura 06 – Fachada da sede do Centro de Acolhida e parte do Centro Cultural.Fonte: PapelPop, 2020.

O Centro Cultural (Figura 07), por sua vez, acontece em dois espaços, sendo o primeiro a parte inferior do sobrado, onde se encontram as salas Vitor Ângelo e Claudia Wonder de atendimento à população em situação de rua com distribuição de roupas e produtos de higiene pessoal e a biblioteca comunitária Caio Fernando Abreu que possui política de portas abertas, com mais de quatro mil títulos. O segundo espaço é o Galpão Casa 1, primeira expansão do projeto situado na Rua Adoniran Barbosa, número 151, a apenas 300 metros do sobrado, também no bairro Bela Vista. Este abriga uma extensa programação de oficinas, cursos, exposições, palestras, debates, exibições, entre outros, e processos de formação continuada. O galpão possui o ateliê Renata Carvalho, o salão de atividades Leci Brandão e as salas de aula Symmy Larrat e Jaqueline Gomes de Jesus.

Por fim, a Clínica Social Casa 1 (Figura 08), a mais recente expansão ocorrida em maio de 2018, se situa na rua Lettierri, número 65 e dista apenas 31 metros do sobrado. A clínica atende mais de duzentas pessoas gratuitamente ou com valor social em processos psicoterápicos e de terapias complementares, além de ofertar atendimentos médicos pontuais de áreas diversas.

Deste modo, analisando o funcionamento da Casa 1 como um equipamento de finalidade semelhante à do equipamento de estudo, pode-se analisar seu programa de necessidades de modo a identificar suas demandas específicas (Tabela 04), onde, se faz necessário reconhecer que algumas necessidades da Casa 1 não são as mesmas da Casa TRANSformar.



Figura 07 – Galpão da Casa 1.Fonte: Ideafixa, 2017.



Há, também, uma relevante conexão do projeto com as redes sociais, com equipamentos públicos de assistência social, de saúde e, especialmente, da iniciativa privada que financia a parte majoritária da receita da ONG (CASA1, 2020). Nota-se o recorrente uso do térreo ativo e aberto para a comunidade, os fechamentos permeáveis e a comunicação por meio de elementos gráficos da fachada que convidam o transeunte a entrar e conhecer o projeto.

Deve-se pensar, assim, numa intervenção que considere a espacialidade e o território, intensificando as relações com o mesmo (DUARTE, CYMBALISTA, 2018). Deste modo, se faz necessário, para além da moradia, se estabelecer estratégias para uma comunicação com o território, com a vizinhança, espaços e equipamentos públicos, mesmo que a Casa TRANSformar não esteja, como a Casa1, implantada num bairro central com ampla disponibilidade de equipamentos públicos, oportunidades de trabalho e espaços de lazer.

PROGRAMA DE NECESSIDADES	
SEDE 01 – SOBRADO	
REPÚBLICA DE ACOLHIDA (1º PAV.)	
AMBIENTE	QUANTIDADE
Dormitório	01 com 10 beliches
Banheiro	02
Cozinha	01
Área de serviço	01
S. administrativa (escritório + almoxarifado)	01
CENTRO CULTURAL (TÉRREO)	
AMBIENTE	QUANTIDADE

		_		
S. aten	dimento à p	opulação em	situação de	rua 02

SEDE 02– GALPÃO CASA 1	
CENTRO CULTURAL	
AMBIENTE	QUANTIDADE
Ateliê	01
Salão de Atividades	01
Sala de aula	02
Sala de atendimento aos moradores	02
Banheiro	Não especificada
Cozinha	01
Espaço administrativo	01
Quarto	01
Recuo frontal para eventos	01
SEDE 03_CLÍNICA SOCIAL CASA 1	

ATENDIMENTO DE SAÚDE	
AMBIENTE	QUANTIDADE
-	-

Figura 08 – Clínica Social da Casa 1.Fonte: Blog Casa 1, 2020.

2.2 Casa Nem - Rio de Janeiro

A Casa Nem é uma casa de acolhimento para LGBTQs em situação de vulnerabilidade social com foco em travestis e transexuais (Figura 09). Todavia, a casa abriga qualquer pessoa LGBTQ e todos que se consideram "Nem". Idealizado em 2016 por Indianara Siqueira para abrigar um cursinho preparatório para o Enem destinado a pessoas trans e travestis, o PreparaNem, o projeto se expandiu quando se notou que a maioria das alunas tinham problemas de moradia. Hoje, a casa que é administrada por ativistas trans já teve sede em outros bairros da capital como a Lapa, Bonsucesso e Vila Isabel, se localiza em um prédio de seis andares ocupado em Copacabana, na rua Dias da Rocha, número 27, no Rio de Janeiro (Mapa 03). A casa atualmente abriga aproximadamente cinquenta pessoas e não possui apoio institucional, mantendo-se por meio de doações e das festas que organizam (Figura 10) mesmo que pessoas trans não paguem para entrar.



Figura 09 – Moradoras da Casa Nem posam na frente da ocupação que sedia o projeto. Fonte: Gay Blog Br/ Foto: reprodução/Facebook





Para além do abrigo em si, a casa oferece todas as refeições, atendimento médico e psicológico feito por voluntários, e ainda de aulas de costura, fotografia história da arte, libras, yoga e preparação para o Enem, conhecido como Prepara Nem (Figura 11).

Dessarte, é notório que a Casa Nem representa um exemplo de resiliência frente às retaliações do Estado, o pouco capital e a falta de uma sede fixa. Vale ressaltar de modo positivo a extensa oferta de cursos para moradores e LGBTQ+ em geral que possibilita a geração de renda e ingresso no ensino superior por meio do cursinho preparatório para o Enem. A análise da Casa Nem, portanto, para além da apresentação de um equipamento de finalidade semelhante e para além da referência de cursos, é também um ato político de reivindicação da sua existência e importância para a comunidade LGBTQ+ na busca pela igualdade e res-



2.3 RemodeLar/ Cozinha da Dona Inês - Fortaleza

Dentre as iniciativas de assessoria técnica Ceará, sempre sonhou em reformar sua cozianteriormente citadas no referencial teórico nha, mas nunca sobrou dinheiro desde que deste trabalho, faz-se relevante o estudo de constantes e urgentes problemas familiares caso de um projeto de reforma por meio de surgiram (Figura 13). Dona Inês é cozinheira crowdfunding executado pelo escritório Re- e sua renda provém integralmente do que modeLar situado na cidade de Fortaleza, Ce-é produzido em sua cozinha, situação que ará (Figura 12). Autointitulado um escritório de arquitetura para quem nunca contratou um arquiteto, a empresa busca a popularização da arquitetura e o ganho de melhor qualidade de vida colocando-se como uma alternativa fácil e de baixo custo ante a autoconstrução. Levando em consideração que mais de doze milhões de brasileiros vivem em déficit habitacional qualitativo⁹, o RemodeLar é um negócio de impacto social que atua no setor de habitação por meio de projetos de reforma de modo a considerar limitações financeiras de seus clientes.

Deste modo, traz-se como estudo de caso um projeto que, dada as poucas condições financeiras da cliente, foi executado com recursos arrecadados por crowdfunding, um financiamento coletivo pela internet. A cliente, Inês Helena, residente há cinquenta anos do bairro Serrinha em Fortaleza.

Figura 12 – Equipe RemodeLar e Dona Inês Helena. Fonte:Cortesia do Banco de dados RemodeLar.

se configurou devido a problemas de saúde do marido que precisou parar de trabalhar. Para sua cozinha, a cliente desejava um espaço funcional para que pudesse trabalhar.





Assim, o projeto inicial foi lançado para arrecadação de fundos no site Catarse com orçamento de dez mil reais e prevendo a demolição de partes das alvenarias, revestimentos e pintura, recuperação da estrutura existente, aplicação de nova alvenaria, aplicação de novas esquadrias e telhas, acabamentos para piso, parede e teto, aplicação de louças, metais e iluminação (Figuras 14 e 15). O orçamento descriminado no site para a intervenção contemplava a destinação de R\$4.245,00 para compra dos materiais, R\$3.725,00 para o pagamento da mão-de-obra, R\$1.145,00 de taxa do Catarse, R\$720,00 referente aos serviços de projeto, orçamento e acompanhamento da obra do Remode-Lar e R\$110,00 para compra de mobiliário.

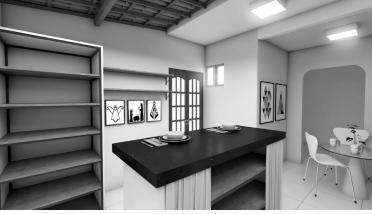
Por fim, apenas 10% (dez por cento) do valor orçado foi arrecadado. Todavia, a equipe da RemodeLar afirma que o valor ganho de R\$ 1.095,00 foi o suficiente para a transformação do espaço. Após uma revisão do projeto inicial e um consequente corte de gastos, o projeto foi executado (Figuras 16, 17 e 18). Em contrapartida, com um novo espaço para trabalhar, Dona Inês resolveu abrir um negócio e começar a vender salgados em casa. O projeto, portanto, foi capaz de mudar a vida da cliente e gerar renda para a mesma, mostrando a importância do projeto de reforma, mesmo que em pequena escala.

Figura 14 – Perspectiva do Estudo Preliminar Fonte: Cortesia do Banco de dados Remodelar.

Figura 15 – Perspectiva do Estudo Preliminar . Fonte: Cortesia do Banco de dados Remodelar.

Figura 16 – Vista da entrada da cozinha finalizada. Fonte: Cortesia do Banco de dados Remodelar.









PROJETOS DE REFERÊNCIAS

3. Projetos de Referência

evido a causalidade do projeto de assessoria técnica a ser executado para a Casa TRANSformar ser de caráter participativo, as referências projetuais aqui apresentadas representam uma avaliação preliminar de alguns projetos. Devido ao cronograma da pesquisa, foram estudados alguns projetos de referência que, após a realização das oficinas, foram revisados.

Deste modo, a apresentação das referências a seguir tem, respectivamente, a intenção de compreender metodologias de reforma de baixo custo e estudar um exemplo de

intervenção urbana em vias públicas. Assim, foi analisado o projeto internacional equatoriano de reforma de uma residência com vistas a identificar a metodologia de reforma, compreendendo as alterações e como elas dialogam com o conjunto existente. O segundo projeto também internacional foi estudado com objetivo de compreender a maneira de intervenção em espaços públicos de modo a favorecer a ocupação da comunidade por diversas atividades.

3.1 Fabrica Nativa Arquitectura/ Residência na Prosperina - Guayaquil, Equador

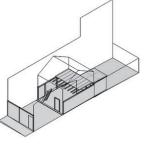
Localizado em Guaiaquil, cidade portuária do Equador, este projeto de reforma é de autoria do escritório Fabrica Nativa Arquitetura e é do ano de 2016 (Figura 19). O projeto, por sua vez, se trata da reforma da casa de um jovem divorciado de trinta anos e pai de três filhos que o visitam periodicamente. Ainda estudante e pagando uma pensão mínima estipulada pelo Estado, o cliente nunca teve chances de melhorar sua condição de vida. A antiga casa que foi palco da intervenção se configurava como uma moradia emergente num terreno, fornecido pelo avô, que possui 4.80 metros de testada e 20 metros de profundidade, e apresentando alguns problemas estruturais resultantes da materialidade efêmera. Diante da situação de precariedade habitacional, os familiares do cliente decidiram reunir fundos para melhorar sua condição de vida.

Desse modo, levando em conta o orçamento limitado, o projeto foi executado de modo a considerar a reutilização de elementos existentes. Da edificação existente de 4.80 metros por 5.50 metros foi mantido a coberta, as instalações sanitárias, três das quatro paredes, o banheiro e parte do piso de madeira (Diagrama 01).

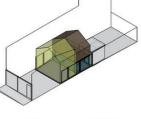




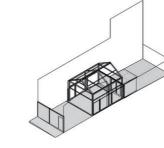




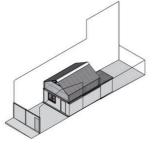








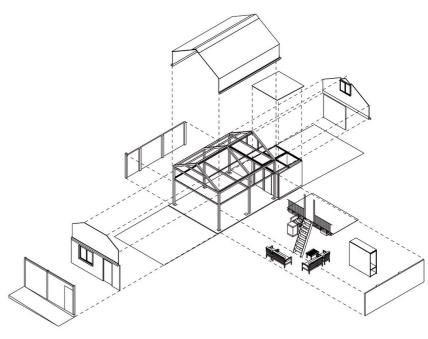
3. Estructura adaptada.



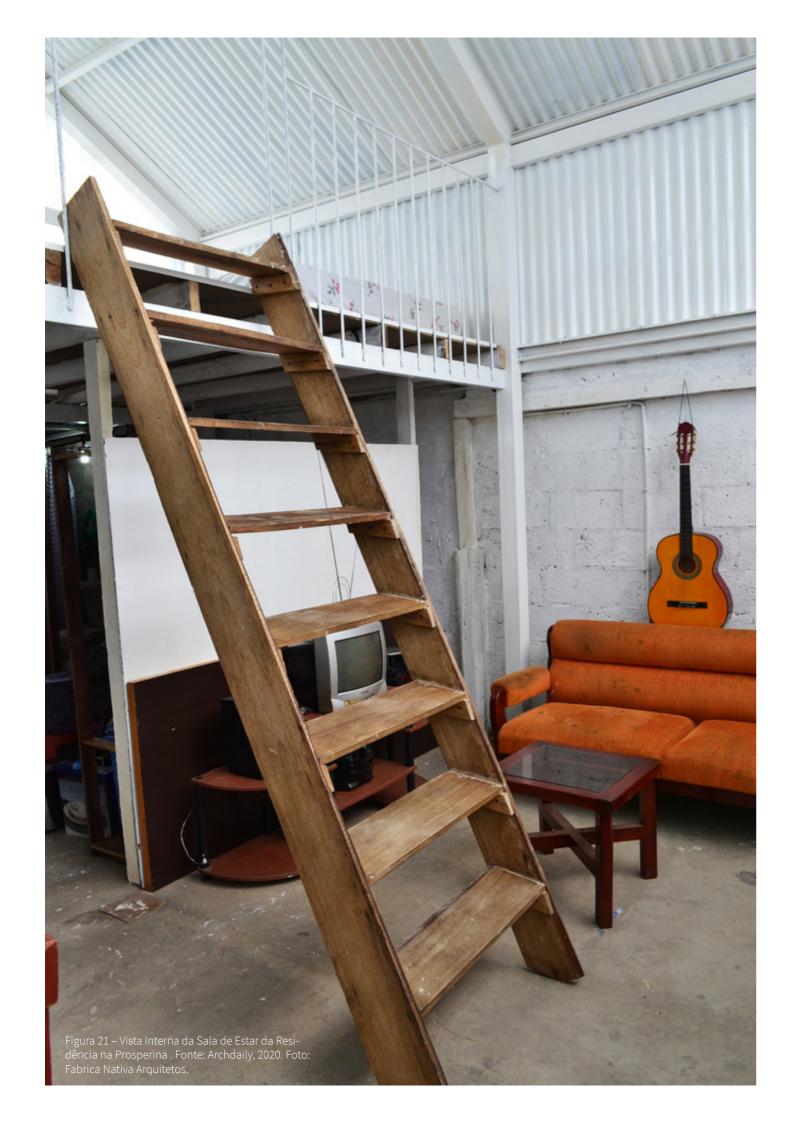
4. Envolvente de bajo costo.

Para solucionar questões de conforto térmico relativos ao clima do local, foi utilizada uma cobertura de chapa metálica e se elevou o pé direito para gerar um maior volume de ar aquecido dentro da casa. As chapas de policarbonato translúcidas, por sua vez, possibilitam maior irradiação solar durante o dia e, à noite, projetam a iluminação interna. Para a estrutura, trabalhou-se uma repetição de três espécies de molduras formadas de tubos quadrados de ferro (Figura 20). O projeto foi executado em apenas seis semanas se utilizando de mão de obra local. O acabamento foi feito com tinta branca que unifica a edificação existente.

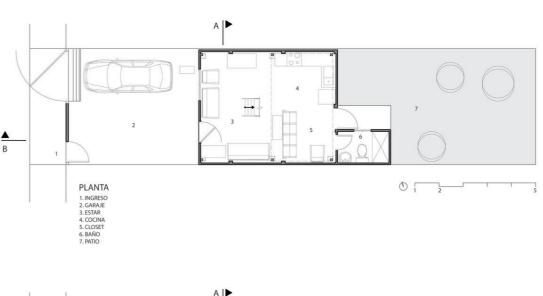
O espaço interior é bastante simples para atender as necessidades básicas do cliente. O programa contempla as atividades de dormir, comer, socializar, se banhar e cuidar das crianças esporadicamente (Figura 21). O térreo possui uma garagem na frente da casa, sala de estar, cozinha, closet, banheiro e pátio nos fundos. O mezanino possui apenas um quarto (Figuras 22 e 23).



EXPLOSION - ISOMETRICO



Assim, para o projeto de reforma a ser executado para a Casa TRANSformar, se deve identificar neste projeto a forma como os arquitetos trataram a especificidade do programa que, apesar de pequeno, possui grande significado e singularidade. Analisou-se, também, a positiva utilização da estrutura e vedações existentes de modo a baratear a obra e custos com materiais.



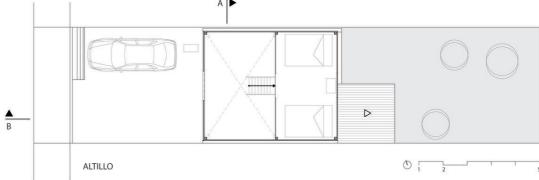


Figura 22 – Planta Baixa do Pavimento Térreo da Residência na Prosperina. Fonte: Archdaily, 2020. Foto: Fabrica Nativa Arquitetos.

Figura 23 – Planta Baixa do Mezzanino da Residência na Prosperina. Fonte: Archdaily, 2020. Foto: Fabrica Nativa Arquitetos.

3.2 Foreign Affairs, Institute of Architecture, University of Applied Arts Vienna/ Novo Mercado de Gualibala – Gualibala, Gana

Tendo em vista a proposta de intervenção urbana que se pretende realizar nos vazios e vias, procurou-se uma referência projetual que intervisse num espaço livre de modo a abrigar atividades existentes da comunidade, agrupando usos e oferecendo diversas possibilidades de interação comunitária. O projeto então apresentado é do Novo Mercado de Gualibala (Figura 24), resultado de uma pesquisa do laboratório de Relações Exteriores com a comunidade de Gualibala. Após um longo estudo, iniciado em 2018, sobre as tipologias da comunidade, foi selecionado como objeto de intervenção um mercado já existente e socialmente ativo no centro da vila para intervenção.



O projeto foi idealizado para abrigar as atividades educacionais e comerciais existentes da vila, propondo um local multiuso que pudesse atrair públicos vizinhos e fortalecer a economia local (Figura 25). Assim, o projeto é composto por um platô de concreto, uma fonte de água, bancos, espaço para loja e uma coberta metálica modular (Figura 26). A estrutura celular modular de duas unidades possibilita a adição de mais unidades no futuro, caso haja necessidade.

Vale ressaltar que a construção iniciada em janeiro de 2019 e finalizada em agosto do mesmo ano já recebeu uma expansão para além das estruturas formais, definida por planos em cascalho que abrigam atividades informais e ajudam na drenagem pluvial e postes metálicos com ganhos (também presentes nos pilares da coberta) que possibilitam diversas formas de exposição e sombreamento (Figuras 27 e 28). Nesta expansão, também foram feitas as instalações sanitárias e implantadas lixeiras metálicas.



Figura 24 – Ocupação do Mercado de Gualibala. Fonte: ArchDaily, 2020/ Foto: Cortesia de [applied] Foreign Affairs, Institute of Architecture, University of Applied Arts Vienna.



Figura 25 – Vista Superior do Mercado de Gualibala e Sua Relação com a Comunidade . Fonte: ArchDaily, 2020/ Foto: CArchDaily, 2020/ Foto: Cortesia de [applied] Foreign Affairs, Institute of Architecture, University of Applied Arts Vienna.

Assim, ressalta-se deste projeto a importância de projetar espaços públicos multiuso que possam abrigar atividades específicas realizadas por aquela comunidade, dentro de um processo de projeto em conjunto com a comunidade e aberto para o diálogo e para as mudanças. Ressalta-se a relação da forma e da estrutura que dialoga com o entorno e possibilita diversas apropriações. A materialidade é, também, um ponto positivo a se relatar, se utilizando de materiais simples e mão-de-obra local. Por fim, a criação de platôs e planos de coberta com possibilidade de expansão são observados como um ponto positivo a ser utilizado no projeto.

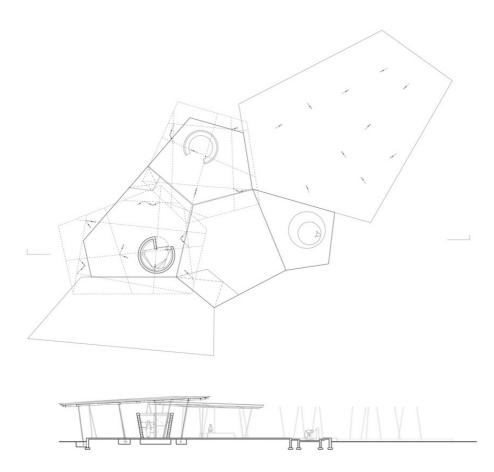






Figura 27 – Vista do Mercado de Gualibala. Fonte: ArchDaily, 2020/ Foto: Cortesia de [applied] Foreign Affairs, Institute of Architecture, University of Applied Arts Vienna.

Figura 28 – Extensão do Mercado de Gualibala com Cascalho. Fonte: ArchDaily, 2020/ Foto: Cortesia de [applied] Foreign Affairs, Institute of Architecture, University of Applied Arts Vienna.



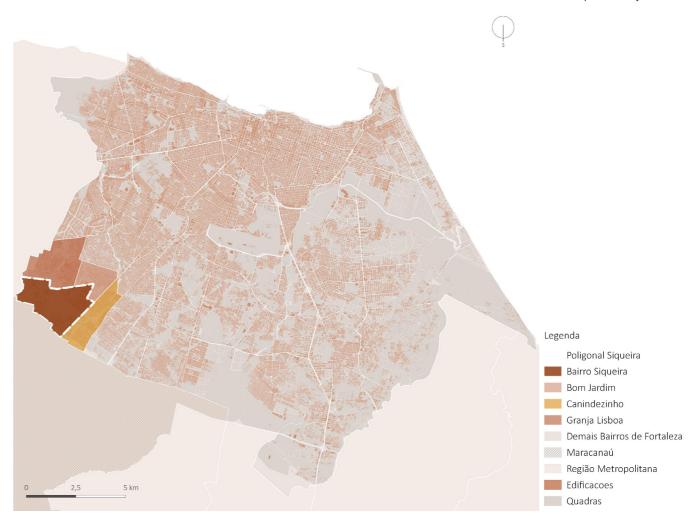
DIAGNÓSTICO

4. Diagnóstico

4.1. A cidade

Siqueira é um bairro situado na região limítrofe, a sudoeste da cidade de Fortaleza (Mapa 04), circundado pelos bairros Granja Lisboa, Bom Jardim e Canidezinho, e fazendo fronteira com o município de Maracanaú, região metropolitana de Fortaleza.

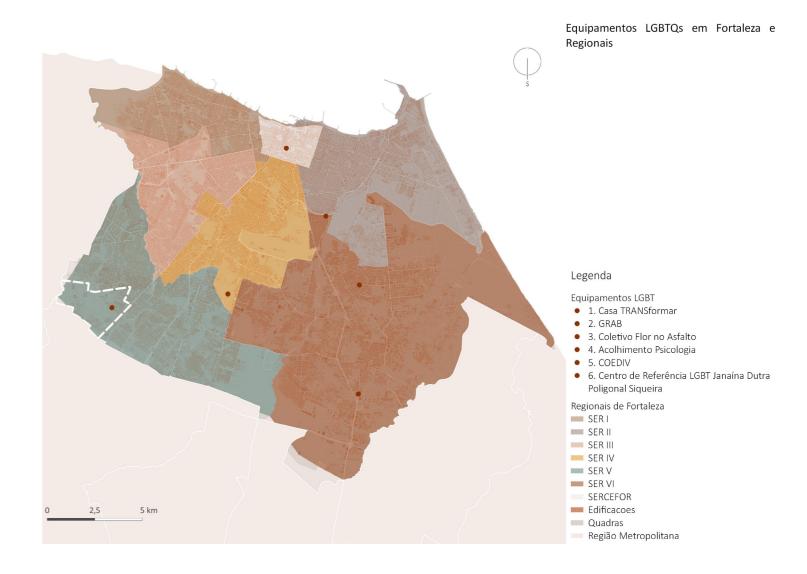
Bairro Siqueira e Adjacências



O bairro que apresenta uma das menores densidades em relação aos demais bairros da capital, possuindo população de 33.612 habitantes numa área de 635,67 hectares, segundo levantamento de 2015 da SEIFIN. Sua população possui taxa de alfabetização de 77,49% e renda média de apenas 264,56 reais, configurando uma situação de vulnerabilidade econômica se considerarmos como valor de referência o salário mínimo em 2021 de 1.088 reais. Essa condição de vulnerabilidade é enfatizada pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do bairro, aferido em 0,1487, um número considerado como muito baixo.

Ademais, a partir do ano de 2020, a cidade de Fortaleza deixa de ser dividida em seis regionais para se dividir em doze. Neste contexto, o bairro Siqueira que outrora fazia parte da Regional SER V, será integrante da Regional SR 12 (Mapa 05).

A análise do mapa 05 também possibilita a compreensão da espacialização de outros equipamentos que dão suporte à comunidade LGBTQ+ na cidade de Fortaleza, distribuídos pelas regionais.



Em uma breve análise da regional SR XII que abrange os bairros Bom Jardim, Bonsucesso, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira, aferiu-se que a regional possui 204.277 habitantes numa área de 19.06 quilômetros quadrados, portando quinze equipamentos de saúde, onze escolas estaduais, setenta e três escolas municipais, apenas nove praças equipamentos voltados para o público LGB-TQ+, a regional conta com a Casa TRANSformar, no bairro Siqueira.

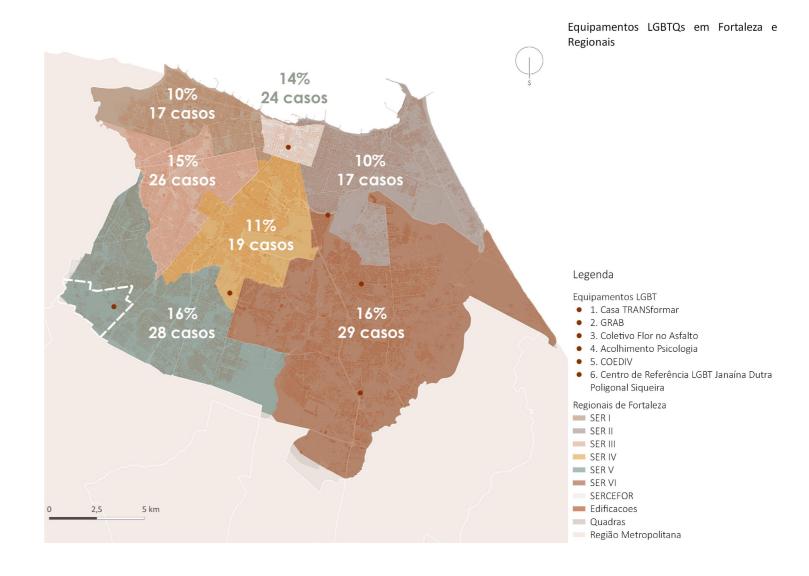
Em ordem alfabética, contabilizou-se a atuação do Acolhimento Psicologia, um instituto de especialidades integradas que oferece atendimento psicológico específico para pessoas LGBTQ+ de modo particular e dispõe de um grupo terapêutico gratuito para a comunidade; do Centro de Referência LGBT Janaína Dutra, um serviço municipal gratuito de proteção e defesa dessa população em situação de violência e/ou violação e omissão de direitos; da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual, onde é gerida a política para a população; do Coletivo Flor no Asfalto, um movimento articulado por pessoas LGBTQ+ do Lagamar, assentamento informal da cidade de Fortaleza, com objetivo de discutir e efetivar ações contra a lgbtqfobia; e do Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), ONG fundada em 1989 que representa uma das primeiras organizações LGBTQ+ no Brasil. Este último atua no enfrentamento ao preconceito por orientação sexual, elaborando ações no âmbito da proposição, execução e controle social de políticas públicas, assim como do ativismo em torno dos direitos LGBTQ+.

Já a Casa TRANSformar (Figura 29), objeto

de estudo deste trabalho, é uma casa de acolhimento para LGBTQ+ em situação em vulnerabilidade social. Situada no bairro Siqueira, o terreno da casa possui aproximadamente 1.480 metros quadrados e casa tem capacidade para dez pessoas. O projeto recebe pessoas LGBTQ+ a partir dos dezoito anos que tenham também a intenção de públicas e uma areninha. No que tange a se profissionalizar, atividade esta que a proprietária pretende oferecer internamente.

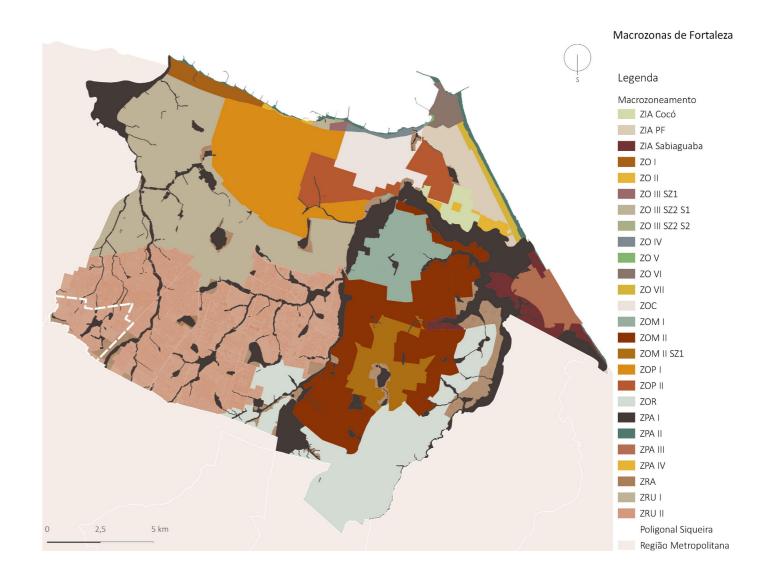


Deste modo, a análise desta distribuição revela que apesar dos equipamentos LGB-TQ+ estarem distribuídos em seis das doze regionais, a sua atual quantidade é insuficiente e deixa metade das outras regionais sem acesso próximo a algum equipamento de amparo LGBTQ+. Assim, a escolha da Casa TRANSformar se torna mais relevante a partir da análise dos dados apresentados no Relatório Anual do Centro de Referência LGBT Janaína Dutra. O documento referente as atividades e perfil da população LGBTQ+ atendida em 2017 possui um mapeamento do território de origem das pessoas que procuraram o centro Janaína Dutra naquele ano. O relatório mostra que a antiga Regional SER V, representou 16% das procuras, com 28 dos casos, seguida apenas da SER VI, sua vizinha, com 29 dos casos e porcentagem de também 16% (Mapa 06).



Ainda na escala da cidade, outras escalas de estudo se fazem relevantes para o projeto, como o macrozoneamento (Mapa 07). Para que possamos compreender a ocupação do território na escala da cidade, analisou-se a divisão do Plano Diretor que estabelece os Zoneamentos Urbano e Ambiental de Fortaleza. Nota-se que o Bairro apresenta em seus limites as seguintes zonas: Zona de Recuperação Ambiental (ZRA), Zona de Preservação Ambiental I (ZPA I) e Zona de Requalificação Urbana II (ZRU II), onde o terreno de intervenção está localizado. A LUOS identifica a ZRU II como:

Zona de Requalificação Urbana 2 (ZRU 2) - caracteriza-se pela insuficiência ou precariedade da infraestrutura e dos serviços urbanos, principalmente de saneamento ambiental, carência de equipamentos e espaços públicos e a incidência de núcleos habitacionais de interesse social precários, destinando-se à requalificação urbanística e ambiental e à adequação das condições de habitabilidade, acessibilidade e mobilidade (LUOS, 2017. p. 05).



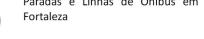
Esta posição do terreno numa ZRU II significa que sua ocupação está de acordo com o macrozoneamento, onde há uma maior permissividade nos índices urbanísticos que serão apresentados na análise do bairro. Todavia, esta macrozona também representa a insuficiência de infraestruturas básicas, tendo como objetivo a adequação da habitabilidade, da acessibilidade e da mobilidade.

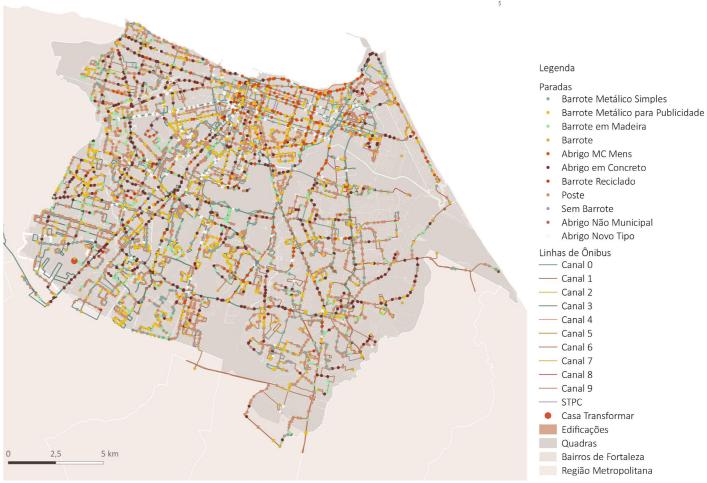
De fato, a mobilidade é uma problemática evidente no bairro Siqueira. A análise da macroacessibilidade da cidade de Fortaleza evidencia a carência de modais que permeiem o bairro (Mapas 08 e 09). A estação de metrô mais próxima é a Estação Aracapé, da linha Sul do metrô de fortaleza que está a aproximadamente 4,7 quilômetros no sentido leste. O Terminal do Siqueira, por conseguinte, localizado no bairro Vila Peri, está a aproximadamente 3,80 quilômetros da Casa TRANSformar, com possibilidade de um modal alternativo caso se use a ciclovia que tangencia o bairro, na Avenida General Osório de Paiva.

Mapa 08 – Macroacessibilidade de Fortaleza – Terminais de Ônibus, Metrô, VLT e Ciclovias. Fonte: IPLANFOR, 2018. Mapa: O Autor.

Mapa 09 – Macroacessibilidade de Fortaleza – Paradas e Pontos de Ônibus. Fonte: ETUFOR, 2020. Mapa: O Autor.







Por fim, pode-se observar na leitura do mapa 09 que são poucas as linhas que permeiam o bairro. Assim como os outros modais apresentados no mapa 08, as linhas parecem tangenciar o bairro, destacando-se apenas o Canal 03 que possui as únicas linhas que fazem rota intra-bairro, ainda que poucas e genéricas.

Resolveu-se, também, analisar os possíveis percursos executados pelos moradores da casa (Mapa 10), de modo a aferir a proximidade com equipamentos básicos e traçar rotas que se repetem de modo a delimitas as vias que sofrerão intervenção no sentido de oferecer um caminhar mais seguro e acessível. Foi aplicado, portanto, para efeito de estudo, um raio de quinhentos metros de caminhabilidade. Deste modo, admitiu-se que os percursos cujo destino estava dentro da poligonal podem ser executados a pé. Por conseguinte, para os equipamentos fora da poligonal, adotou-se o trajeto por meio do ônibus como modal, salvaguardadas as paradas de ônibus 02 e 03 (Mapa 11), localizadas a mais de quinhentos metros, mas que se necessita chegar a pé.



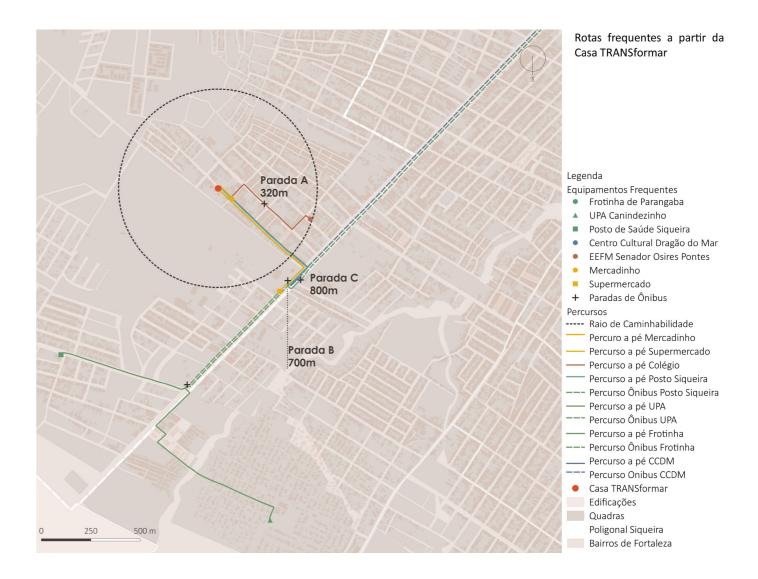
Ao analisar a proximidade com alguns equipamentos básicos, notou-se que o equipamento de saúde mais próximo é o Posto de quinhentos metros para acessar uma linha Saúde Sigueira a apenas 1,8 quilômetros. Em seguida, tem-se a UPA mais próxima que é a UPA Canindezinho, no bairro adjacente a sugere a possibilidade de intervenções mais 2,4 quilômetros, assim como o Hospital Frotinha da Parangaba, a 5,9 quilômetros e 34 minutos de transporte público. Para compra atual pesquisa. de suprimentos para o dia-a-dia, um mercadinho foi identificado a apenas 85 metros da casa. Já a 750 metros na Avenida Osório de Paiva, encontra-se um supermercado de maior porte.

Para os moradores estudantes do ensino de estudo. médio, a escola EEFM Senador Osires Pontes, dista 600 metros. Por fim, desenhou-se a possibilidade de um trajeto da casa até o Centro Cultural Dragão do Mar, dado o potencial artístico dos moradores e dada a quantidade de estabelecimentos noturnos LGBTQ+. Para acessar esse equipamento, distante 15,1 quilômetros, utilizando o ônibus como modal, gastar-se-iam aproximadamente duas horas e dois minutos, fazendo baldeação no Terminal do Siqueira.

A ausência de um ponto de ônibus na rua acarreta a necessidade de deslocamento para um dos três pontos de ônibus mais próximos. O mais próximo, ponto "A", dista trezentos e vinte metros da casa, é seguido pelo ponto "B" na avenida Osório de Paiva sentido Maracanaú, que dista setecentos metros. Por último, tem-se o ponto "C", também localizado na Osório de Paiva, mas no sentido Centro, distando oitocentos metros da casa transformar. Tem-se assim, portanto, uma problemática que incita a necessidade de melhor conexão da Casa TRANSfor-

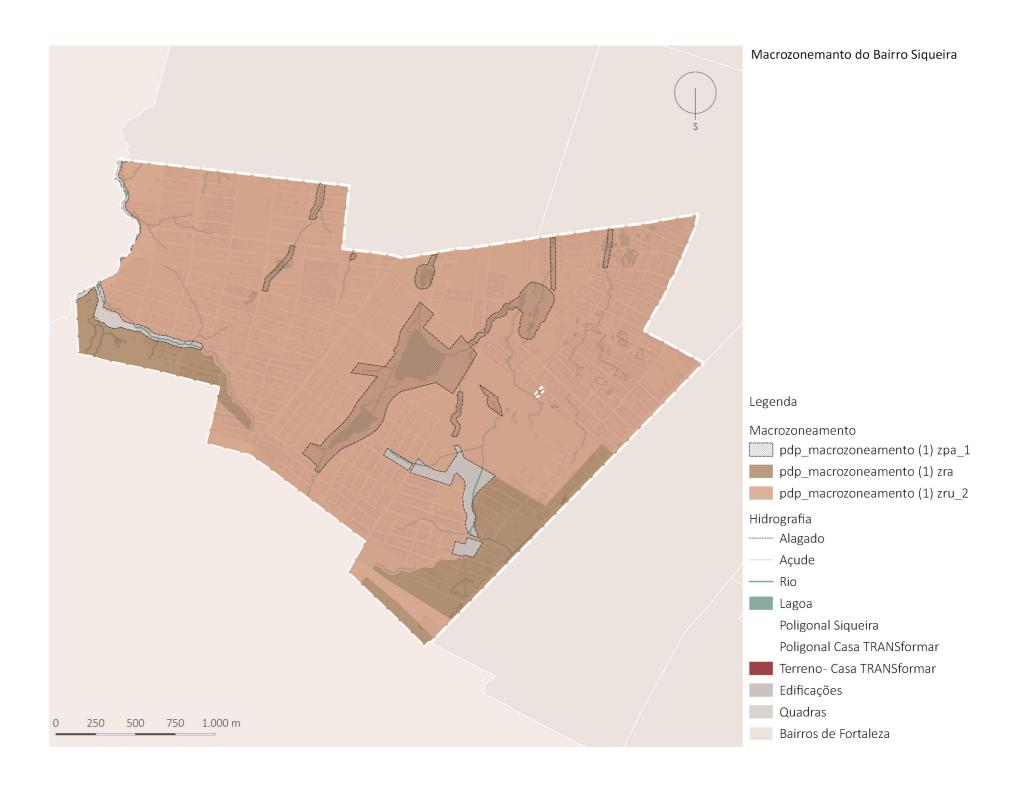
mar com a cidade, visto que os moradores necessitam de deslocamento maior que de ônibus que os transporte para equipamentos básicos de saúde. À vista disso, se profundas na macroacessibilidade para futuros trabalhos, visto que este não é foco da

No item seguinte, para que se possa aprofundar a análise das condicionantes que atuam na vida cotidiana da Casa TRANSformar, aproximou-se a escala para as questões relativas ao bairro e, em seguida, do recorte



4.2 O bairro

Dando continuidade à análise do macrozoneamento, destacou-se apenas as zonas presentes no bairro (Mapa 12), de modo que se possa compreender a exata espacialização das mesmas e se aprofundar nas características da zona na qual o terreno se insere.



Como citado anteriormente, o bairro possui em seus limites as zonas de ZPA I, ZRA e ZRU II. A de Proteção Ambiental I é referente as faixas de Preservação Permanente de Recursos Hídricos que, neste caso, tem intuito de proteger a da Lagoa da Viúva. A Zona de Recuperação Ambiental (ZRA), por sua vez, representa áreas parcialmente ocupadas que degradaram atributos ambientais relevantes. Seu objetivo, portanto, é de proteger a diversidade ecológica, disciplinar os processos de ocupação do solo, recuperar o ambiente natural degradado e assegurar a estabilidade do uso dos recursos naturais, buscando o equilíbrio socioambiental (LUOS, 2017).

Já a Zona de Requalificação Urbana II (ZRU II), cujo objetivo segundo a Luos (2017) é de requalificação urbanística e ambiental e à adequação das condições de habitabilidade, acessibilidade e mobilidade, é a zona que compreende o terreno do objeto de estudo, ou seja, da Casa TRANSformar. Em uma análise de seus parâmetros urbanísticos (Tabela 05), se faz importante destacar que, pelo macrozoneamento da cidade de Fortaleza, a Casa TRANSformar está formalmente inserida, visto que há a possibilidade de se construir na ZRU II. Percebe-se que seus índices são menos flexíveis que as Zonas de Ocupação Preferencial e Consolidada, mas também são mais flexíveis que as Zonas e Ocupação Moderada e Restrita.

ANEXO 4 - PARÂMETROS URBANOS DA OCUPAÇÃO

ANEXO 4.2 -	MACROZONA	DE OCUPA	ÇÃO URBANA

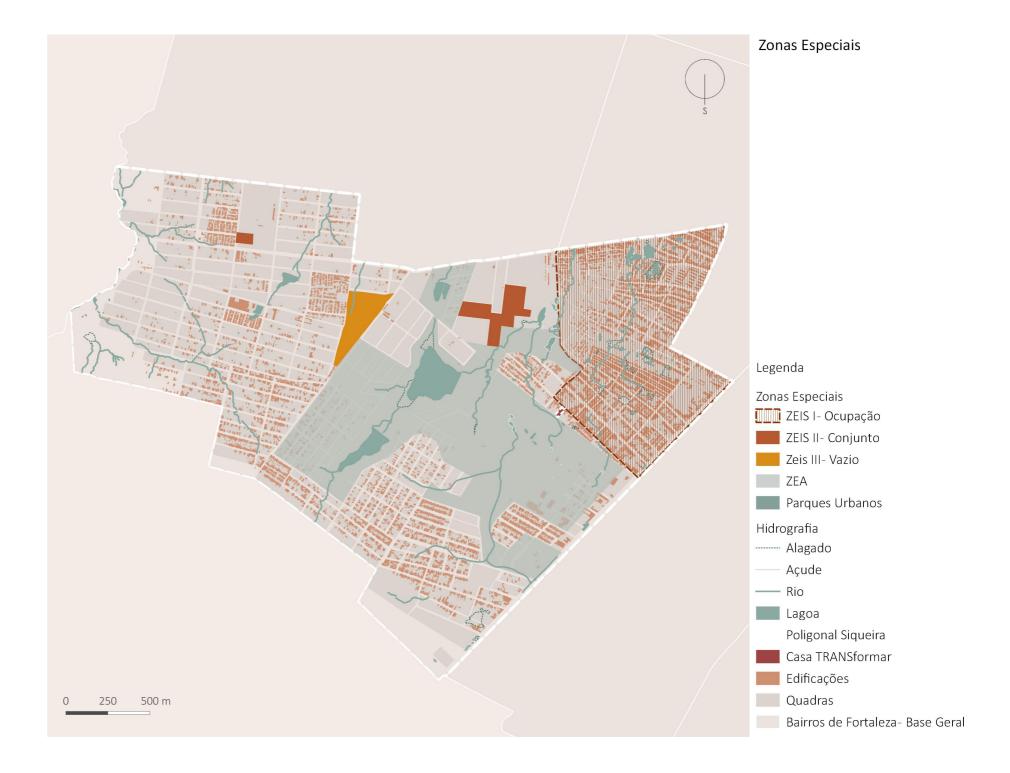
			ZOP 1	ZOP 2	ZOC	ZRU 1	ZRU 2	ZOM 1	ZOM 2		ZOR
ZONAS DE	OCUPAÇÃO)	Zona de Ocupação Preferencial 1	Zona de Ocupação Preferencial 2	Zona de Ocupação Consolidada	Zona de Requalificação Urbana 1	Zona de Requalificação Urbana 2	Zona de Ocupação Moderada 1	Zona de Ocupação Moderada 2	Subzona 1	Zona de Ocupação Restrita
TAXA DE PERMEABILIDADE (%) TAXA DE SOLO OCUPAÇÃO TO (%) SUBSOLO BÁSICO APROVEITAMENTO MÍNIMO			30	30	30	30	30	40	40	40	40
			60	60	60	60	60	50	50	50	45
OCUPAÇÃO TO (%)	SUBSOLO		60	60	60	60	60	50	50	50	45
INDICE DE APROVEITAMENTO MÍ	BÁSICO		3,00	2,00	2,50	2,00	1,50	2,00	1,00	2,00	1,00
	MÍNIMO		0,25	0,20	0,20	0,20	0,10	0,10	0,10	0,10	0,00
(IA)	MÁXIMO		3,00	3,00	2,50	2,00	1,50	2,50	1,50	2,00	1,00
FATOR DE PLANEJAMENTO (Fp)		-	0,50	-	-	-	0,75	0,75	-	-	
ALTURA MÁXIMA DA EDIFICAÇÃO (m)		n)	72,00	72,00	72,00	48,00	48,00	72,00	48,00	72,00	15,00
DIMENSÕES MÍNIMAS PI DO LOTE	TESTADA (m)		5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	6,00	6,00	6,00	6,00
	PROFUNDIDADE (m)		25,00	25,00	25,00	25,00	25,00	25,00	25,00	25,00	25,00
	ÁREA (m²)		125,00	125,00	125,00	125,00	125,00	150,00	150,00	150,00	150,00
(1) FRAÇÃO DO LOTE	ÁREAS DE APLICAÇÃO	1	30	30	30	-		-	-	-	-
		2	45	-	-	45	45	45	45	45	-
		3	-	-	-	60	60	-	-	-	-
		4	-	-	-	-	75	75	75	-	-
		5	-	-	-	100	100	-	100	-	100

De acordo com os termos do mapa a que se refere o art. 313 da Lei Complementar nº101, de 30 de dezembro de 2011 - DOM 23/01/2012

OBSERVAÇÃO GERAL

Para todo o município, a taxa de permeabilidade poderá ser reduzida até o mínimo de 20% (vinte por cento) da área do lote, desde que a área correspondente à diferença entre este valor e a percentagem definida nesta tabela seja substituída por área equivalente de absorção, através da instalação de drenos horizontais, sob as áreas edificadas ou pavimentadas e drenos verticais em qualquer ponto do terreno.

Para além do macrozoneamento, outras zonas subdividem o território de Fortaleza e possibilitam outras compreensões da relação terreno e entorno, como as Zonas Especiais (Mapa 13). O artigo 8 da Luos (2017) as define como áreas do território que exigem tratamento especial na definição de parâmetros reguladores de usos e ocupação do solo, sobrepondo-se ao zoneamento, ressalvadas as restrições estabelecidas em normas específicas. No bairro, pode-se apreender a presença de três tipos de Zeis: a Zeis I de ocupação, a Zeis II, de conjunto e a Zeis III de vazio. Tomando grande porção do bairro e tangenciando os fundos do terreno da casa, temos uma Zona especial Ambiental Siqueira (ZEA). As ZEAs constituem-se em áreas públicas ou privadas com porções de ecossistemas naturais de significativo interesse ambiental (Luos, 2017).

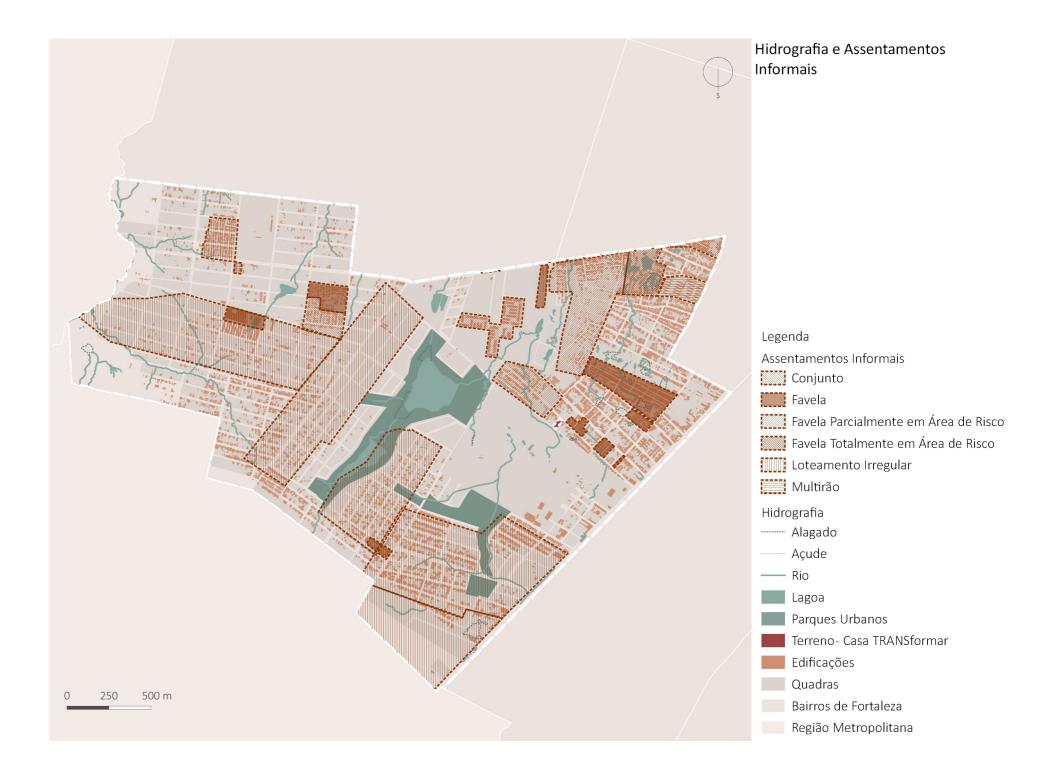


Aqui, duas informações relevantes podem ser extraídas: de fato, com a delimitação da ZEA Siqueira que possui aproximadamente 1,5 quilômetros quadrados, ocupando 23,6% do bairro, contribuindo para a baixa densidade deste bairro. Todavia, ainda assim se configuram ocupações residuais de loteamentos que avançam a poligonal, loteamentos irregulares logo atrás do quarteirão da casa, edificações soltas de aparente maior poder aquisitivo e até equipamentos do Governo do Estado. O aeródromo Freijó também está inserido, bem ao centro, da poligonal.

O terreno, deste modo, se insere numa pequena fatia entre uma Zeis de ocupação a Leste e uma Zona Especial Ambiental a Oeste. A relação com a primeira já se demonstra presente de maneira orgânica pela tipologia habitacional, gabarito e inserção na paisagem. Todavia, não há nenhuma relação do terreno da casa com a Zona Especial Ambiental. Na verdade, a demarcação da ZEA Siqueira faz com que a porção leste do bairro onde a casa se insere não dialogue com a porção Oeste. Entretanto, um plano de abertura de uma via arterial na borda da ZEA (Mapa 14), passando de frente aos fundos da edificação, possibilita maior interação pela nova fachada que surgirá. Há também um projeto de Requalificação do Parque da Lagoa da Viúva, proposta da Secretaria da Infraestrutura (SEINF). Essa presença do parque que será requalificado enfatiza ainda mais uma necessidade de se conectar, no futuro, com essa nova via que surgirá.

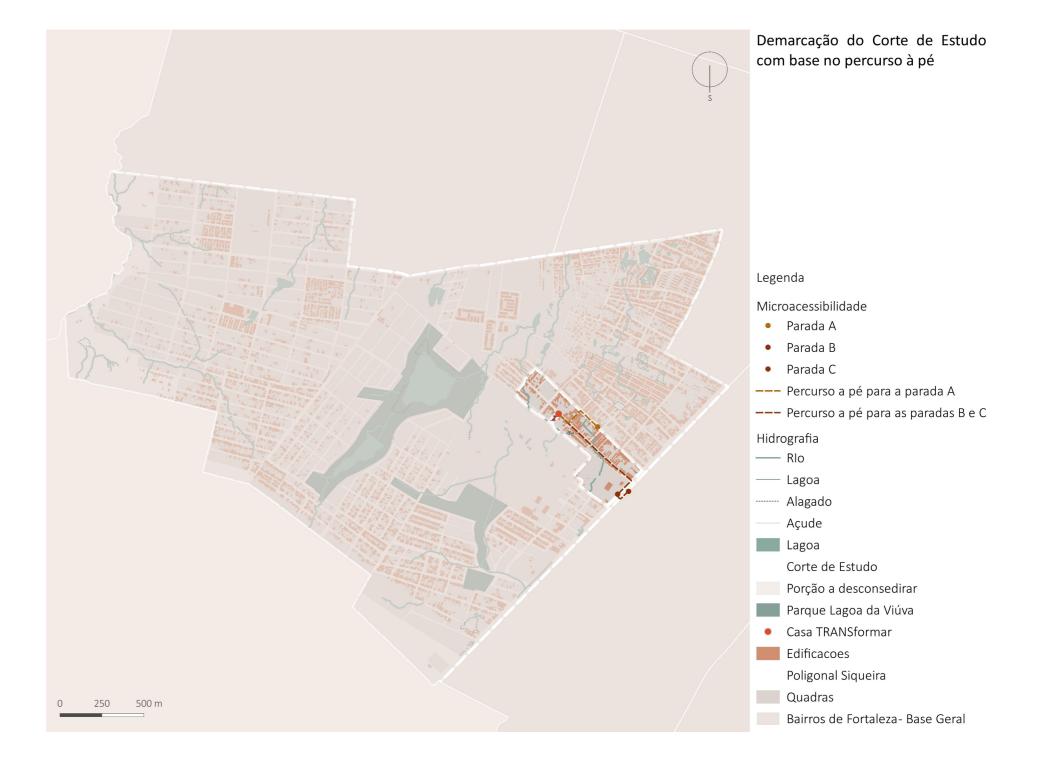


Em se tratando da lagoa, ao analisar a hidrografia no bairro (Mapa 15), se percebe a grande irrigação em quase todo o bairro por recursos hídricos tipo correntes, lagoas e alagados, o que suscita a necessidade de assentamentos com boa infraestrutura de drenagem para que a precipitação das chuvas não gere alagamentos. Todavia, o que se vê é o contrário. O fato de grande parte do bairro ser uma ZRU II já demonstra a falta de infraestruturas básicas que, combinada com a grande irrigação do bairro, estabelece uma situação de risco para muitos assentamentos informais. E para além dos assentamentos já demarcados pelo PLHIS em área de risco, as próprias vias são afetadas com esta combinação de carência de infraestruturas de drenagem e grande irrigação do bairro. É frequente, assim, a acumulação de água no perímetro das caixas carroçais das vias, gerando mau-cheiro e facilitando a proliferação de doenças (ver figura 30).





Desta forma, para que se tenha maior precisão de resultados, propôs-se uma ampliação do bairro para o recorte de intervenção (Mapa 16). Essa poligonal abrange a Casa TRANSformar e as vias onde se observou maior tráfego dos moradores. Vale ressaltar que a intervenção que o trabalho propõe nas vias onde os moradores passam é fruto da percepção, com base na bibliografia apresentada, de que grande parte da violência sofrida por LGBTQs, em especial a população TT¹⁰, toma lugar no espaço público, mais precisamente na rua. Pretende-se, portanto, gerar nos moradores maior segurança e sentimento de pertencimento ao caminhar e usufruir o bairro.



114

A análise, portanto, do entorno imediato da casa seguiu em torno dos trajetos A e B (Mapa 17) que representam as possíveis rotas mais frequentes executadas pelos moradores.



Num primeiro instante, para uma apreensão imediata da ocupação deste trecho, buscouse analisar a distribuição de cheios e vazios (Mapa 18). Como discutido anteriormente, o bairro possui baixa densidade e este dado se comprova na análise apenas deste trecho. Apenas durante o trajeto A, o pedestre atravessa uma via com nove terrenos vazios.



Os pocket-parks seriam boas opções de utilizar espaços residuais intra-blolcos, visto que a própria leitura do uso do solo (Mapa 19) do trecho indica a inexistência de espaços livres de lazer. Ao analisar o recorte, nota-se a predominância do uso residencial. Os equipamentos comerciais são predominantemente de pequeno porte, numa tipologia residencial adaptada. Muitos comércios são de uso misto, com comércio no térreo e residência no pavimento superior, sendo frequente o uso de mercearias e loja de roupas. De equipamentos institucionais, identificou-se a presença de um CRAS Canindezinho, uma associação de nome Projeto Paz e alguns pequenos templos religiosos. De serviço, mapearam-se algumas oficinas, acertos e consertos e um lava-jato.

Logo na quadra perpendicular, foi identificada a presença de uma escola de tempo integral Professor Alexandre Rodrigues de Albuquerque que atende do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Mais ao Sul, a grande quadra mapeada é ocupada pelo Centro Socioeducativo Canindezinho que atende em regime de internato adolescentes do sexo masculino de doze a dezessete anos sentenciados de atos primários infracionais com vistas a reinserção destes à sociedade. Alguns galpões de distribuidoras de cerâmicas também são presentes e estão, em sua maioria, agregados a uma edificação residencial.



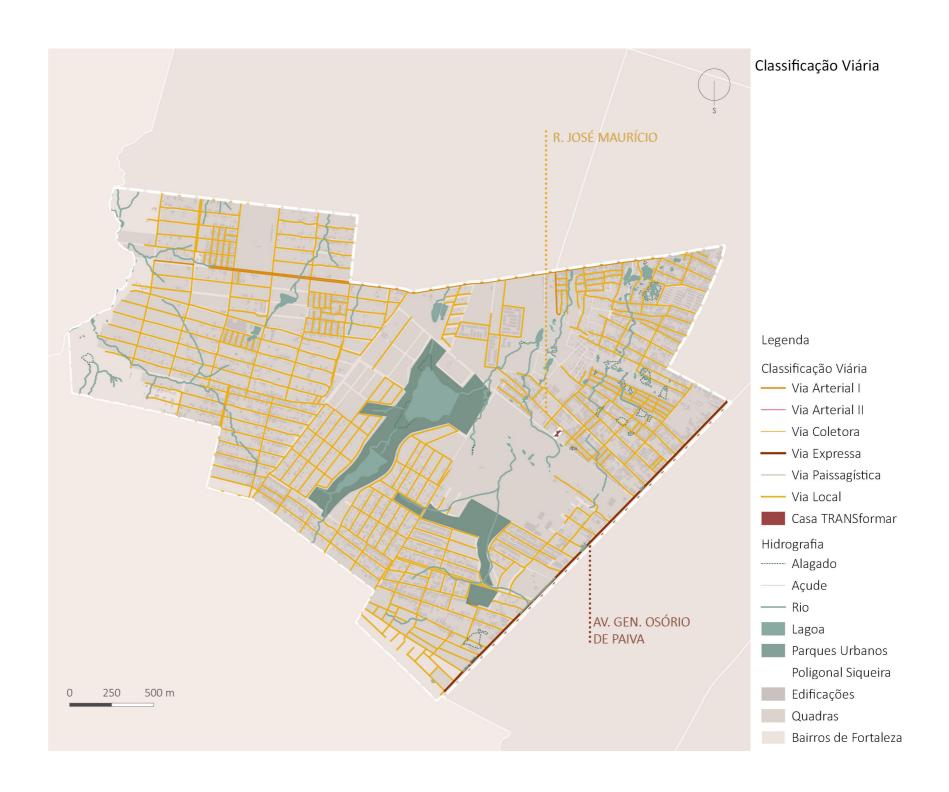
Ainda sobre o uso do solo, foi identificada a presença de lotes irregulares que se inserem completa ou parcialmente na ZEA. Para além da informalidade de estarem numa Zona Especial Ambiental, estas edificações correm risco de desapropriação caso o plano de abertura de uma via arterial I (Ver mapa 14) tangente ao quarteirão da Casa TRANSformar – que não se encontra dentro desta ZEA – e tomando parte da ZEA.

Deste modo, com base nos dados levantados de que a Casa TRANSformar se insere numa ZRU II, sendo sua via uma Via Local e seu uso de Serviço, realizou-se uma pesquisa na LUOS para avaliar a conformidade da edificação atual com os parâmetros urbanísticos. Num primeiro instante, procurou-se identificar em que subgrupo de atividades o equipamento se enquadra (Tabela 06). Como resultado, notou-se que dentro do subgrupo de serviços de saúde, a Casa TRANSformar é considerada como Atividade de Assistência Social, cuja classe é 4PE, indicando que é um projeto especial, e seu porte é qualquer.

ANEXO 5 - CLASSIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES POR GRUPO E SUBGRUPO GRUPO: SERVIÇOS TABELA 5.12 SUBGRUPO -SERVIÇOS DE SAÚDE - SS

CÓDIGO	ATIVIDADE	CLASSE SS	PORTE m² (obs.1)	Nº MÍNIMO DE VAGAS DE ESTACIONAMENTO	
85.16.22	Clínica de repouso, reabilitação, desintoxicação etc.	4PE	Qualquer	Será objeto de estudo.	
		1	Até 250	Dispensado.	
85.16.23	Banco de sangue e/ou hemoterapia.	2	251 até 1000	1 vaga /100 m² A.C.C.	
		3	Acima de 1000 (obs.3)	1 vaga / 100 III / A.C.C.	
85.20.01	Serviços veterinários (Clínica para animais, serviço	1	Até 80	Dispensado.	
	de imunização, vacinação e tratamento de pelo e unhas,	2	81 até 500	1 vaga /100 m² A.C.C.	
	serviço de alojamento e alimentação para animais domésticos etc.).	3	501 até 1000 (obs.3)		
85.20.02	Hospital veterinário.	5PE-EIV	Qualquer	Será objeto de estudo.	
85.31.61	Lar para idosos.	4PE	Qualquer	Será objeto de estudo.	
85.31.62	Abrigo para crianças e adolescentes - Orfanato.	4PE	Qualquer	Será objeto de estudo.	
85.31.63	Albergues assistenciais	4PE	Qualquer	Será objeto de estudo.	
85.31.69	Atividades de assistencia social	4PE	Qualquer	Será objeto de estudo.	

Uma análise da adequação da classe ao tipo de via local (Mapa 20) demonstra que a adequação será objeto de estudo (Tabela 07).



ANEXO 5 - CLASSIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES POR GRUPO E SUBGRUPO GRUPO: SERVIÇOS TABELA 5.12 SUBGRUPO -SERVIÇOS DE SAÚDE - SS

CÓDIGO	ATIVIDADE	CLASSE SS	PORTE m² (obs.1)	Nº MÍNIMO DE VAGAS DE ESTACIONAMENTO	
85.16.22	Clínica de repouso, reabilitação, desintoxicação etc.	4PE	Qualquer	Será objeto de estudo.	
		1	Até 250	Dispensado.	
85.16.23	Banco de sangue e/ou hemoterapia.	2	251 até 1000	1 vaga /100 m² A.C.C.	
		3	Acima de 1000 (obs.3)	1 vaga / 100 III / A.C.C.	
85.20.01	Serviços veterinários (Clínica para animais, serviço	1	Até 80	Dispensado.	
	de imunização, vacinação e tratamento de pelo e unhas,	2	81 até 500		
	serviço de alojamento e alimentação para animais domésticos etc.).	3	501 até 1000 (obs.3)	1 vaga /100 m² A.C.C.	
85.20.02	Hospital veterinário.	5PE-EIV	Qualquer	Será objeto de estudo.	
85.31.61	Lar para idosos.	4PE	Qualquer	Será objeto de estudo.	
85.31.62	Abrigo para crianças e adolescentes - Orfanato.	4PE	Qualquer	Será objeto de estudo.	
85.31.63	Albergues assistenciais	4PE	Qualquer	Será objeto de estudo.	
85.31.69	Atividades de assistencia social	4PE	Qualquer	Será objeto de estudo.	

Tabela 07 – Adequação do uso a Via Local. Fonte: LUOS, 2017.

Assim, para o projeto de reforma a ser executado para a Casa TRANSformar, se deve identificar neste projeto a forma como os arquitetos trataram a especificidade do programa que, apesar de pequeno, possui grande significado e singularidade. Analisou-se, também, a positiva utilização da estrutura e vedações existentes de modo a baratear a obra e custos com materiais.

ANEXO 3 - PARÂMETROS PARA O PARCELAMENTO ANEXO 3.2 - DIMENSÕES DAS VIAS DE CIRCULAÇÃO

			VIAS	PARA CIRCUL					
CARACTERÍSTICAS	EXPRESSA		ARTERIAL		COLETORA		LOCAL		VIAS PARA CIRCULAÇÃO
CARACTERISTICAS	SEÇÃO NORMAL (1)	SEÇÃO REDUZIDA (1)	SEÇÄO NORMAL (1)	SEÇÃO REDUZIDA (1)	SEÇÃO NORMAL (1)	SEÇÃO REDUZIDA (1)	SEÇÄO NORMAL (2)	SEÇÄO REDUZIDA (2)	DE PEDESTRES
LARGURA MÍNIMA (m)	60,00	45,00	34,00	30,00	24,00	18,00	14,00	11,00	
CAIXA CARROÇÁVEL MÍNIMA (m)	37,80	33,00	21,00	19,00	16,00	12,00	9,00	7,00	
CALÇADA MÍNIMA (m) (de cada lado da via)	5,00	3,00	4,00	3,50	3,25	3,00	2,50	2,0	
CANTEIRO CENTRAL MÍNIMO (m)	9,00	4,00	5,00	4,00	1,50	-		-	
DECLIVIDADE MÁXIMA (m)	6%	6%	8%	8%	10%	10%	15 %	15 %	15% ou escada
DECLIVIDADE MÍNIMA (m)	0,5%	0,5%	0,5%	0,5%	0,5%	0,5%	0,5 %	0,5 %	0,5%

Tabela 08 – Dimensões para Via Local. Fonte: LUOS, 2017. Fonte: LUOS, 2017.

126 127

Partindo da análise da adequabilidade das vias e tendo em vista o estudo anterior referente a macroacessibilidade, buscou-se examinar a microacessibilidade ao longo dos percursos A e B. O estudo pretende identificar eventuais problemas que os moradores podem encontrar durante o trajeto, de modo a espacializá-los. A análise dos percursos, portanto, tomará como ponto de partida as paradas A e B (Ver mapa 17), recriando os trajetos executados ao descer dos pontos de ônibus mais próximos até chegar na Casa TRANSformar.

Desta forma, iniciando o percurso A (Mapa 21) que possui trezentos e vinte metros de comprimento, no ponto de visada 01 (Figura 31), rua Alves Bezerra, nota-se a ausência de um abrigo para a parada de ônibus. O mercadinho a frente, todavia, possui uma coberta de toldo que protege os passageiros. Sua localização também é positiva tanto para o proprietário que se beneficia da movimentação para venda, quanto para quem aguarda à sua frente, devido a segurança que o uso misto oferece¹¹ e devido a possibilidade de se comprar algo que se necessita enquanto espera. Ainda aqui, podemos aferir que o passeio do lado esquerdo da via é largo, evidenciando um potencial para maior fruição do pedestre ao longo da via. Entretanto, este passeio é irregular, de pavimentação e níveis distintos que dificultam um trajeto linear e agradável.



¹¹Levando em conta o conceito de "Olhos da Cidade" de Jane Jacobs.

Pouco mais à frente, no ponto de visada 02 trecho carroçal. Esta pavimentação se deve (Figura 32), identificou-se o ponto do pas- a degradação do calçamento existente, seja da. Ressalta-se que a análise da trajetória terais da rua que pode vir a entupir as bocas temporal da ocupação revela que o trecho de lobo. da construção que avança é recente e que anteriormente a fachada seguia o alinha- A visada 07 (Figura 37), por sua vez, ilustra mento mais recuado como as demais. Ademais, é notória também a presença de pontos de alagamento nas beiradas da via.

mudança de direção do trajeto A, na esquina nar as poças d'água em períodos chuvosos. da rua Alves Bezerra com a Travessa Alexandra. O que se mostra mais sintomático neste trecho do percurso é a pavimentação de positivamente, a presença de um mercado na esquina ao lado direito, o que aumenta a de futebol improvisado. O grande muro e o sensação se segurança.

Mais à frente, pela visada 04 (Figura 34), notadesregulares. Devido aos diversos desníveis mente. e obstáculos fixos e móveis como materiais de construção, o pedestre se vê obrigado a transitar pela via destinada aos veículos.

vando do ponto de visada 05 (Figura 35), temos a esquina da Travessa Alexandra e Rua Figura 36 – Visada 06 do trajeto A .Fonte: Google Earth José Maurício. Como ilustrado anteriormente, pode-se aferir dois tipos de obstáculos frequentes na travessa, mas que se repetem Figura 38 - Visada 08 do trajeto A .Fonte: Google Earth que avançam o passeio e materiais de cons-

Ao virar na rua José Maurício, na visada 06 (Figura 36), percebe-se a existência de um

porque as pedras soltaram-se, seja porque a areia as cobriu. Há depósito de lixo nas la-

outro exemplo de descontinuidade das calçadas que é quando o passeio é inexistente. Neste trecho, a via possui longos trechos de alagamento que formam lama. O pedestre A visada 03 (Figura 33), representa a primeira aqui é obrigado a transitar pela via e contor-

Por fim, a visada 08 (Figura 38) representa o ponto onde o morador avista a fachada da Casa TRANSformar. À frente da casa há um passeio curto provocam insegurança, principalmente à noite e implicam num caminhar desconfortável e monótono. A análise da fa--se a presença de passeios muito estreitos e chada da casa, por fim, será feita posterior-

Figura 31 – Visada 01 do trajeto A. Fonte: Google Earth

Figura 34 – Visada 04 do trajeto A .Fonte: Google Earth

















Por outro lado, resolveu-se analisar, também, outro possível percurso recorrentemente executado pelos moradores da casa. O percurso B (Mapa 22), mais longo que o primeiro, possui aproximadamente setecentos metros de comprimento e se inicia na Avenida General Osório de Paiva, na parada B, ponto de visada 01 (Figura 39).

Apesar de estar localizada numa via expressa, a parada B também não possui abrigo e, diferentemente da parada A, esta não possui nenhum equipamento que se relacione ou mobiliário urbano, seja ele de descanso ou proteção solar. O passeio, em relação a caixa de via que possui seis faixas para automóvel e canteiro central com ciclovia, é estreito e possui pouca sombra. A edificação do lado esquerdo, apesar de ter fechamento visualmente permeável, é bastante extensa e o caminhar ao longo dela se torna monótono e inseguro, visto que não possui diversidade de usos e não se relaciona com o entorno.



O trajeto até que se chegue à rua José Mau- construção no passeio e diversas barreiras rício prossegue sem muitas alterações até ao longo do percurso. onde se localiza a visada 02 (Figura 40), onde há a mudança de direção do trajeto. Há um Da visada 05 (Figura 43), faz-se relevante nouma alteração mais recente da pavimentação da avenida. O primeiro bloco da rua é automóvel. Nota-se que dada a pouca área marcado por lotes extensos e sem comunicação com a rua. À esquerda, o Centro Socio ro passa a ser a rua. Deste modo, visto que a Educativo Canindezinho constrói uma paisagem árida marcada pelo distanciamento dos blocos da via e uma vegetação rasteira seu perímetro cria uma espécie de corredor que acentua esta distância. À direita, a lateral dos equipamentos de comércio e serviço da avenida criam uma fachada quase que a trafegar pela rua. Esta atividade que se faz totalmente cega, sem qualquer relação ou possível pela pouca intensidade do tráfego. apelo visual.

sada 03 (Figura 41), a variação do uso começa a gerar maior dinamicidade na via. A densidade, agora mais intensa, também aflora cutada para o trajeto A. problemas visíveis que influenciam na vida via. Podemos observar a presença de vazios aparentemente abandonados há bastante Sua calçada é estreita, porém sem obstátempo, a julgar pela intensa cobertura vegetal. Como este à direita, a maioria dos vazios possui seu passeio comprometido, inexistente ou tomado pela vegetação. O restante dos passeios, por sua vez, também não está completamente acessível e apresenta sintomas comuns de assentamentos irregulares. A maioria possui batentes, rampas, obstáculos como a lateral de edificação que avan- No tópico a seguir, se discutirá a respeito ça, postes, escadas de acesso a pavimentos superiores, lixo, materiais de construção, portões e outros. Somado a isso, relata-se a falta de drenagem que possibilita a presença de diversos pontos de alagamento nas edificação e condicionantes ambientais e o beiradas das vias.

tra mais um trecho onde há presença de e necessidades. pontos de alagamento que tomam parte considerável da via. Percebe-se, também, ao lado esquerdo, a presença de material de

tar outra espécie de obstáculo na via que influencia a caminhabilidade das calcadas: o dos lotes, a garagem para quem possui carmaioria dos passeios da rua José Maurício é bastante estreito, a presença de carros no que, somado aos outros obstáculos do próprio passeio, retrai o transeunte e o obriga

A partir daqui o trajeto B se mescla com o (Figura 36), 07 (Figura 37) e 08 (Figura 38) se repetem e será considerada a análise já exe-

sualiza a fachada da casa (Figuras 44 e 45). culos físicos. Sua fachada é cinza, isenta de revestimentos e possui pontos aparentes de infiltração. Não possui letreiro ou qualquer outra identificação de que ali funciona a Casa TRANSformar, dificultando o acesso e identificação de pessoas que não conhecem o projeto.

das particularidades da Casa TRANSformar. Para efeito de estudo, considerou-se a divisão entre edificação e pessoas, onde o primeiro item irá tratar das características da segundo tratará da caracterização da ONG, Por conseguinte, a visada 04 (Figura 42) ilus- das pessoas com suas experiências, anseios















Figura 39 – Visada 01 do trajeto B. Fonte: Google Earth Figura 40 – Visada 02 do trajeto B. Fonte: Google Earth

Figura 41 – Visada 03 do trajeto B. Fonte: Google Earth Figura 42 – Visada 04 do trajeto B. Fonte: Google Earth

Figura 43 – Visada 05 do trajeto B. Fonte: Google Earth Figura 44 – Vista da Fachada da Casa TRANSformar – Trecho 01 . Fonte: Google Earth

Figura 45 – Vista da Fachada da Casa TRANSformar – Trecho 02 . Fonte: Google Earth

4.3 A Casa TRANSformar

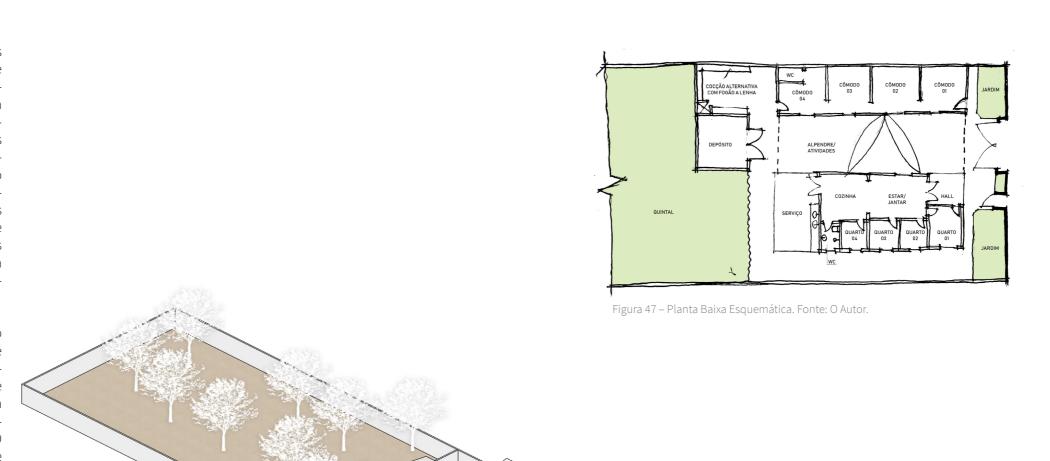
4.3.1 Da Edificação

A edificação é configurada por dois blocos que se unem por meio de um alpendre e mais um bloco solto de garagem que é usado como depósito Figura 46). Pela tipologia das edificações e pela configuração da planta dos blocos, apreendeu-se que os blocos se tratavam de duas edificações independentes, cuja junção foi executada por meio desta coberta de telha cerâmica independente. A casa atualmente funciona apenas no bloco maior que contém um quarto onde moram os fundadores e mais três quartos que acolhem os demais moradores, uma sala de estar e jantar, uma cozinha, um banheiro e uma área de serviço (Figura 47).

A edificação secundária, encostada no muro, possui mais quatro cômodos onde o primeiro é utilizado como um ateliê improvisado e o restante não possui uso, e um banheiro alternativo. Nos fundos, uma área com fogão à lenha é utilizada para cocção de alimentos quando estão sem gás. O pátio central, por sua vez, é o espaço onde acontecem a maior parte das interações sociais. Representa uma área de descanso e, também, de atividades e eventos que a casa vem a sediar.

De acordo com a proprietária, a casa possui capacidade para dez pessoas e se pretende, com a reforma, expandir para dezessete.

Figura 46 – Representação volumétrica da edificação no terreno. Fonte: O Autor



136

4.3.2 Do terreno

O terreno da Casa TRANSformar possui área aproximada de 1300m², com testada de 20 metros voltada para o nordeste e 65 metros de profundidade. A análise da trajetória solar no terreno (Diagrama 02) demonstra a influência das edificações lindeiras que possuem dois pavimentos e que, durante a manhã fazem sombra em parte do terreno na lateral sudeste e pela tarde fazem sombra numa porção noroeste do terreno.

Por outro lado, usando como referência a rosa dos ventos de Fortaleza (Gráfico 01), percebe-se que um dos blocos internos recebe ventilação de maneira perpendicular e que os dois blocos recebem ventilação a 45° (Mapa 23).

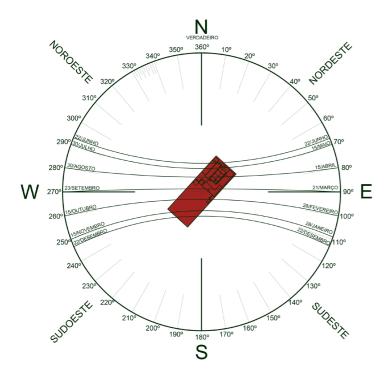
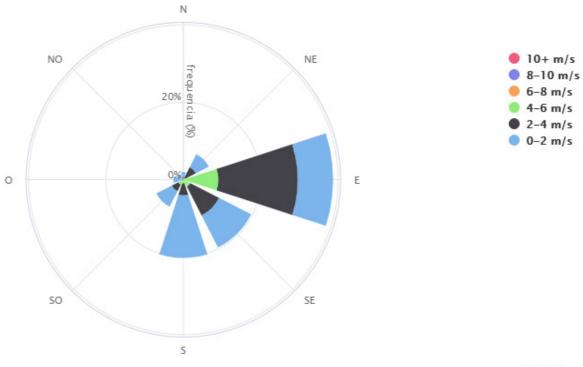
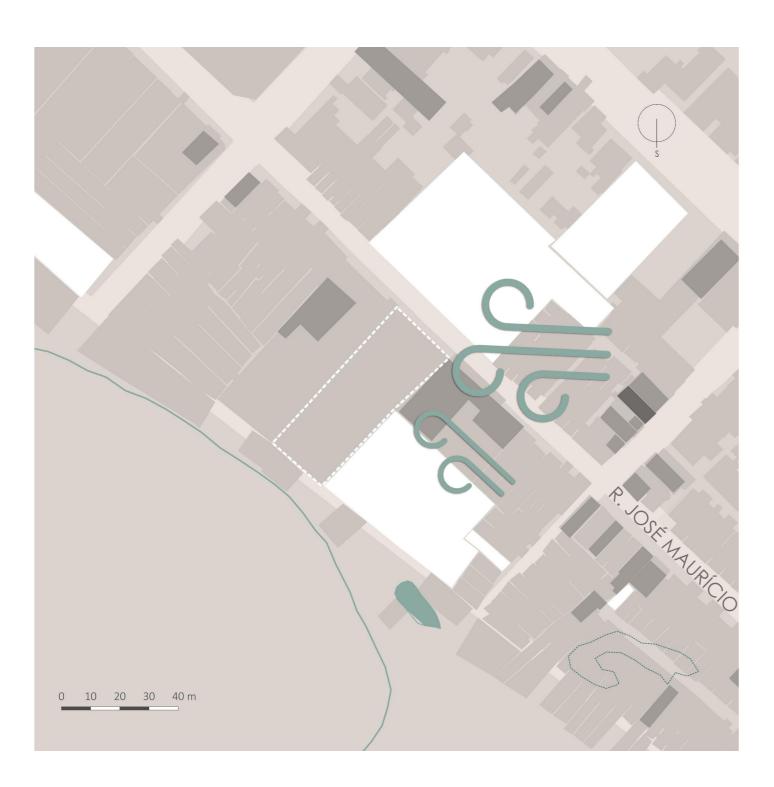


Diagrama 02 – Terreno da Edificação sobre a Carta Solar de Fortaleza. Fonte: IPLANFOR, 2020. Diagrama: Elaborado pelo Autor.

Gráfico Rosa dos Ventos



Highcharts com



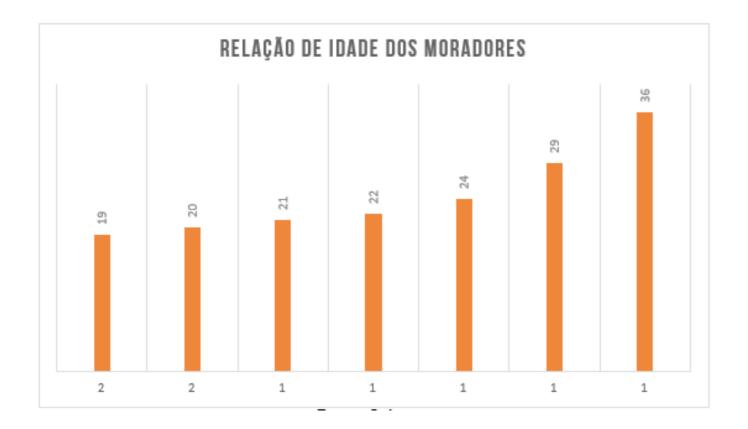
4.3.3 Das pessoas

Este tópico do diagnóstico possui dados de conversas com a proprietária, oficinas e informações do questionário (Apêndice C) aplicado durante o processo participativo em novembro de 2020. Vale ressaltar que os moradores são temporários, sendo comum a chegada de moradores antigos e novos, assim como a saída dos mesmos. Isto significa que estes dados são representativos daquele contingente de nove moradores entrevistadas naquele período de tempo.

No que se refere aos componentes da casa (Figura 48), de acordo com o questionário aplicado, aferiu-se a faixa etária dos moradores naquele momento era de dezenove a vinte e nove anos de idade (Gráfico 02). Apesar de ser voltada para a população trans e travesti, a casa acolhe todos os membros da comunidade LGBTQ+, onde a maioria relata casos de abuso sexual, violência familiar e ausência de laços familiares.

Figura 48 – Fundadores e moradores da Casa TRANSformar.Fonte: Instagram da Casa TRANSformar, acesso em 16/09/2020.





Relativo a autodeclaração de cor, a maioria se considera parda, seguido de pretos e brancos (Gráfico 03). Quanto à ocupação profissional, a maioria está desempregada ou é estudante (Gráfico 04) e não possui renda. No tocante as identidades de gênero, aferiu-se uma população bastante diversa contendo homens cis, mulhes trans, homens trans, não-binários e travestis (Gráfico 05), e em termos de sexualidade, também notou-se uma pluralidade de orientações sexuais, dentre elas homossexuais, heterossexuais, bissexuais e pansexuais (Gráfico 06).

Quanto a triagem executada para entrar na casa, é realizada uma entrevista por internet onde são captados dados gerais. Todavia, a fundadora ressalta que a pessoa deve ter intenção de se profissionalizar e que pretende possibilitar atividades profissionalizantes dentro da casa.

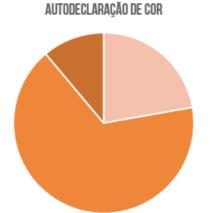


Gráfico 03 – Autodeclaração de Cor dos Moradores da Casa em Novembro de 2020. Fonte: O Autor.

Gráfico 04 – Ocupação dos Moradores da Casa em Novembro de 2020. Fonte: O Autor.

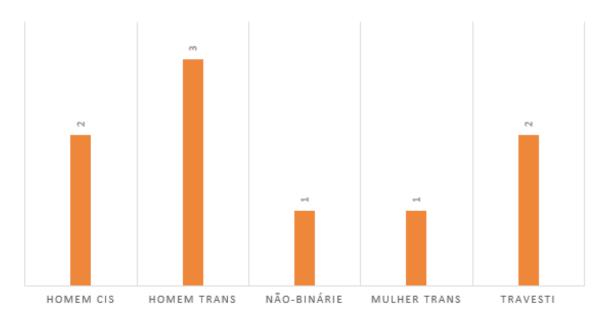


■ PRETAS ■ PARDAS ■ BRANCAS

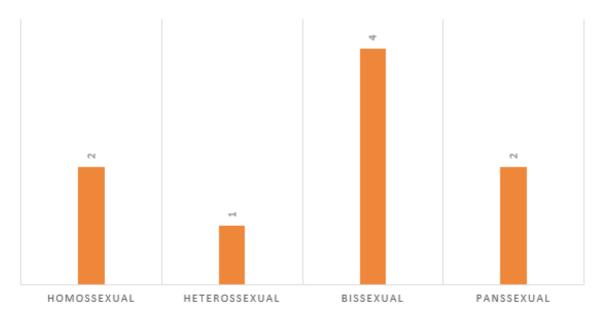
OCUPAÇÃO PROFISSIONAL



IDENTIDADES DE GÊNERO



ORIENTAÇÃO SEXUAL





DA PROPOSTA

5. A proposta

plano de intervenção aqui proposto é resultante de um apanhado das discussões levantadas desde o início deste trabalho com base na bibliografia apresentada, referenciada e reforçada constantemente pelo diagnóstico da área e as oficinas realizadas. Tão importante quanto, a apreensão mais precisa e aproximada das necessidades e anseios que fundamentam as propostas é fruto das oficinas realizadas com os moradores da casa, de conversas, observações e vivências do pesquisador com o objeto de estudo.

Assim, de modo a abarcar as necessidades de melhorias habitacionais da casa e outras inquietações afloradas durante o processo, decidiu-se por uma proposta de intervenção em dois setores: a primeira referente a

assessoria técnica de projeto de reforma da Casa TRANSformar com base na Lei de Assistência Técnica 11.888/2008 e se utilizando de metodologias participativas. De outro lado, o segundo eixo reflete uma necessidade não apenas das casas de acolhimento. como de toda sociedade, que diz respeito à necessidade de socialização e integração com a comunidade lindeira e o exercício da cidadania por meio da vivência da cidade. Esta premissa norteia, portanto, uma intervenção urbana nas vias pelas quais os moradores mais se deslocam e uma proposta de novos usos para os vazios existentes ao longo destes trajetos. Para compreensão de cada eixo de intervenção, a seguir, explanar--se-á cada proposta de forma individual.

5.1 Assessoria Técnica para a Casa TRANSformar

O projeto de assessoria técnica para a Casa TRANSformar nasce no terreno das discussões afloradas no referencial teórico deste trabalho. É fruto da reflexão a respeito das taxas de abandono e marginalização do corpo LGBTQ+, em especial, os corpos trans e travesti e da possibilidade de atuação do arquiteto e urbanista em comunidades fragilizadas por meio da assessoria técnica, tomando como base a lei de Assistência Técnica 11.888/2008.

De início, este projeto previa a aplicação de três (3) oficinas participativas entre pesquisador e moradores da casa. Todavia, os diferentes condicionantes inerentes de um processo participativo impuseram algumas mudanças que se desenrolaram ao longo do processo: a dificuldade de contato e tempo para marcar as oficinas, o contratempo de outras atividades em realização na casa e a ausência de alguns moradores em algumas oficinas.

Entretanto, pode-se citar o cenário de pandemia do Covid-19 como o maior agravante para o processo participativo. Tendo em vista que o isolamento social no Ceará começou em meados do mês de março e começou a se flexibilizar em julho de 2020, só foi possível iniciar as oficinas ao final de julho. Havia, assim, a preocupação de não ser um vetor de contaminação para os moradores e pelos moradores, visto que alguns não faziam uso da máscara (recomendação

da OMS como medida de prevenção do vírus). Também devido as incertezas de uma possível volta do lockdown, optou-se por trabalhar um ambiente da casa por dia. Neste modelo, caso houvesse a necessidade de encerrar o processo, já se teriam os projetos de alguns setores concluídos.

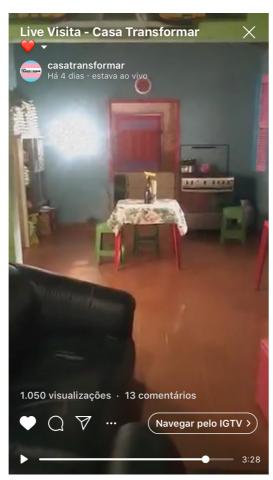
Assim, ao final do processo, foram realizadas seis (06) oficinas participativas, realizadas no período de 28 de julho ao dia 05 de novembro, restando apenas a realização da última oficina para apresentação do masterplan urbano e encerramento das atividades (Apêndice B). Estas oficinas aconteceram de forma presencial e participativa, integradas pelo pesquisador e pelos participantes (moradores), cujas atividades e produtos serão descritas nos itens seguintes.

5.1.1 Observações Preliminares

Antes e durante realização das oficinas até o final do processo, observou-se de maneira direta e remota, por meio das redes sociais e das visitas efetuadas, as diversas intervenções realizadas pelos próprios moradores na casa. A partir de uma quantia arrecadada por doações, inclusive de materiais, os moradores da casa realizam ativamente um processo de requalificação estética e funcional das dependências da casa através da pintura, troca de telhas, construção de alvenarias e plantio de espécies, por exemplo.

Assim, durante todas as visitas, pode-se notar as diferentes intervenções, ora dando sentido a um novo uso do espaço, ora requalificando um espaço que já possuía um uso. Percebeu--se, assim, a casa como um espaço de apropriação e experimentações, onde os usos são fluidos e as intervenções podem ser facilmente substituídas ou ressignificadas de acordo com as necessidades e oportunidades daquele momento e daqueles moradores, visto que ao longo do processo diversas pessoas passaram pela casa e que estas pessoas possuem necessidades distintas e específicas. (Figuras 49, 50, 51 e 52)





Ainda que preliminar, podia-se observar a forte presença da cor como um elemento estético e de identidade, onde a pintura destes espaços representa uma forma de apropriação possível, trazendo vitalidade e beleza. Foi estabelecido, portanto, que se devia levar em consideração ao elaborar as propostas a flexibilidade de uso dos espaços e a apropriação pela cor, devendo propor mobiliários flexíveis e móveis e ambientes multiuso sem muitos revestimentos e pinturas para que tivessem a liberdade de colorir como quisessem.





Obervações Preliminares



As oficinas ministradas aconteceram em seis encontros com duração média de duas horas e foram realizadas conforme o Quadro 02. Devido fatores externos, a Oficina 07 foi remanejada para após a defesa deste trabalho, onde ocorrerá a apresentação do mesmo e serão discutidas possíveis alterações. A descrição completa das oficinas encontra-se disponível no Apêndice E.

OFICINA 01

ASESSORIA

TÉCNICA-

OUINTAL

Ō

2:30

Ō

2:40

Ō

2:00

Ō

2:00

Ō

2:00

Ō

2:00



10 PARTICIPANTES



PAPEL MILIMETRADO A4

RÉGUAS 30CM

PRANCHETAS

LÁPIS

BORRACHA

BORRACHA

TRENA 30 METROS

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROPOSTA E FAMILIARI-ZAÇÃO COM OS INSTRU-MENTOS DE MEDIÇÃO E DESENHO.



LEVANTAMENTO DO QUINTAL

ATIVIDADES/PRODUTO





OFICINA 02 **ASESSORIA** TÉCNICA-

QUINTAL / WC





ESTUDO PRELIMINAR QUINTAL PAPEL MILIMETRADO A4 PRANCHETAS LÁPIS







OFICINA 03 ASESSORIA TÉCNICA-

WC / RECUO+ALP



ESTUDO PRELIMINAR WC + LAV TRENAS 5 E 30 METROS PAPEL MILIMETRADO A4 **PRANCHETAS** LÁPIS BORRACHA

APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA INICIAL DOS BANHEIROS E CAIXA D'ÁGUA



LEVANTAMENTO DO ALPENDRE E RECUO LA-TERAL E DEBATE SOBRE AS NECESSIDADES



OFICINA 04 ASESSORIA TÉCNICA-RECUO+ALP / LAV



PROJETOS ANTERIORES TRENAS 5 E 30 METROS PAPEL MILIMETRADO A4 **PRANCHETAS** LÁPIS BORRACHA



PARTE II PASSEIO PELO ALPENDRE RECUO LATERAL E APRE-SENTAÇÃO DA PROPOSTA /DEBATE SOBRE AL-

TERAÇÕES



PARTE III

OFICINA 05 **ASESSORIA** TÉCNICA-

WC + LAV



PROJETO EXECUTIVO DOS BANHEIROS E LAVANDERIA



OFICINA DE LEITURA DE PROJETO NOS AM-BIENTES DA INTERVENÇÃO



OFICINA 06 **PROJETO** URBANO -QUESTIONÁRIO



PROJETO EXECUTIVO REVISADO QUESTIONÁRIO **PRANCHETAS** CANETAS COLORIDAS







OFICINA 07 **PROJETO** URBANO -**APRESENTAÇÃO**

A SER REALIZADA APÓS A DEFESA DO TRABALHO

Quadro 02 - Quadro-Resumo das Oficinas Executadas. Fonte: Do Autor.

5.1.3 Os Resultados

O processo de assessoria técnica para a Casa TRANSformar culminou na elaboração do projeto de reforma de alguns trechos da edificação, sendo eles o quintal, banheiros, caixa d´água, lavanderia, alpendre e recuo lateral. As figuras 53, 54, 55, 56, 57 e 58 representam todas as intervenções que foram propostas para a casa.

Figura 53 - Planta Baixa Geral Layout 01. Fonte: O Autor.

Figura 54 - Planta Baixa Geral Layout 02. Fonte: O Autor.







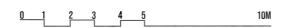
Figura 55 – Corte A. Fonte: O Autor.



Figura 56 – Corte B. Fonte: O Autor.



Figura 57 – Corte C. Fonte: O Autor.



<u>___3_4_5</u>___

0 2 3 4 5 10M



Os resultados

)s resultados

Do quintal

Com base nos layouts apresentados pelos moradores, criou-se uma lista de ambientes e usos representados para serem considerados no projeto (quadro 03). Devido a necessidade de uma obra de baixo orçamento, optou-se por repensar os itens que viriam a onerar muito a intervenção e desconsiderar atividades que já possuem espaço para seu desenvolvimento o que tiveram poucas representações.

AMBIENTE	ÁREA APROXIMADA	EXISTENTE	DEMANDA	QUANTIDADE
GALINHEIRO	11M ²	SIM (FUNCIONA)	10 REPRESENTAÇÕES	01
CANIL	13.5M ²	NÃO	04 REPRESENTAÇÕES	01
CHUVEIRÃO	O3M²	SIM (NÃO FUNCIONA)	08 REPRESENTAÇÕES	01
PISCINA/TANQUE	26M²	NÃO	OG REPRESENTAÇÕES	01
HORTA	19.5M ²	SIM (NÃO FUNCIONA)	09 REPRESENTAÇÕES	01
CASA NA ÁRVORE	37.5M ²	NÃO	OG REPRESENTAÇÕES	02
ÁREA PARA BRONZE	50M ²	NÃO	OG REPRESENTAÇÕES	01
BANHEIROS	09M²	NÃO	05 REPRESENTAÇÕES	02
CASA DE LIXO	03M²	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	01
ÁREA DE JOGOS	18M²	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	01
QUIOSQUE/BAR	12M²	NÃO	05 REPRESENTAÇÕES	02
BICICLETÁRIO	08M²	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	01
PALCO	-	NÃO	04 REPRESENTAÇÕES	01
ILUMINAÇÃO	-	NÃO	05 REPRESENTAÇÕES	-
ÁREA DE BANCOS	330M ²	NÃO	09 REPRESENTAÇÕES	02
CHAFARIZ	-	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	N/A
REDÁRIO	18M²	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	01
PARQUINHO	16M²	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	01
QUADRA DE VÔLEI	162M²	NÃO	05 REPRESENTAÇÕES	01
REFORMA DA ENTRADA	-	SIM (NÃO FUNCIONA)	O3 REPRESENTAÇÕES	01
ACESSO PELA ÁREA DA CHURRASQUEIRA	-	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	01
ACADEMIA AO AR LIIVRE	12M²	NÃO	O2 REPRESENTAÇÕES	01
ESTUDIO DE MAQUIAGEM	-	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	N/A
SALA DE DANÇA	-	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	N/A
LIVRARIA	-	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	01
FOGUEIRA	-	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	N/A

Quadro 03 – Lista de Ambientes Representados nos Layouts. Fonte: Do Autor.

A proposta final, portanto, representa um apanhado das ideias representadas nos layouts e as alterações realizadas posteriormente pelos participantes. O projeto possui um layout base que contempla a criação de jardins de chuva, reforma da cerca de entrada, reforma do galinheiro, requalificação do chuveirão, área para banho de Sol, área de bancos, praça multiuso central, bicicletário, horta vertical, canil, copa, banheiros, parquinho, academia ao ar livre, quadra de vôlei de areia e arquibancadas.





Em complemento, são sugeridas duas opções de layout (Figuras 59 e 60). Estas possuem duas possibilidades de implantação da piscina, onde a primeira representa a instalação de um tanque (Figura 61) de concreto impermeabilizado e a segunda sugere a colocação de uma piscina de plástico (Figura 62). Para a praça multiuso, também se propuseram duas alternativas de ocupação, sendo a primeira um layout de caixotes em madeira pinus (Figura 63) que servem para rodas de conversas e feirinhas, e a segunda sendo uma estrutura de andaimes (Figura 64) que servirá de palco para eventos esporádicos e como uma casa na árvore no restante dos dias.

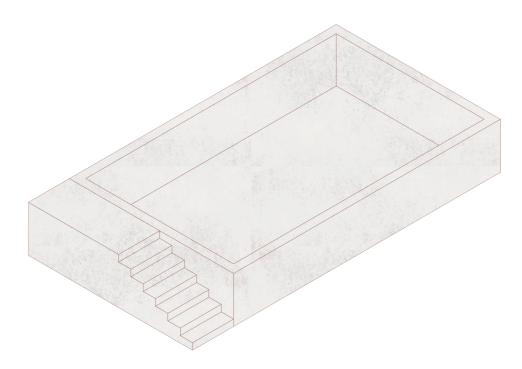




Figura 62 – Isométrica Piscina de Plástico. Fonte: O Autor.

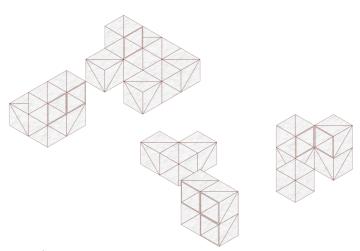


Figura 63 – Isométrica Caixotes. Fonte: O Autor.

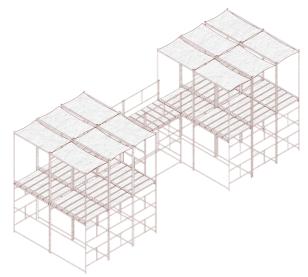


Figura 64 – Isométrica Andaimes. Fonte: O Autor.

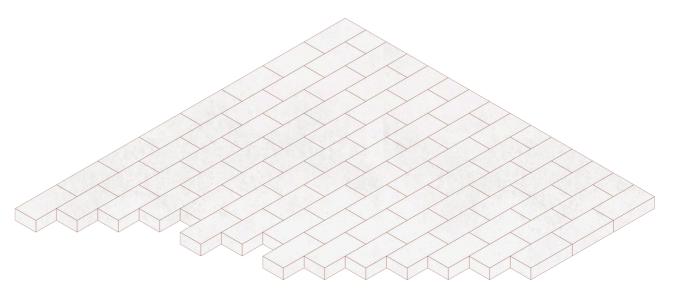
Figura 61 – Isométrica Tanque. Fonte: O Autor.

Os resultados

Os resultados

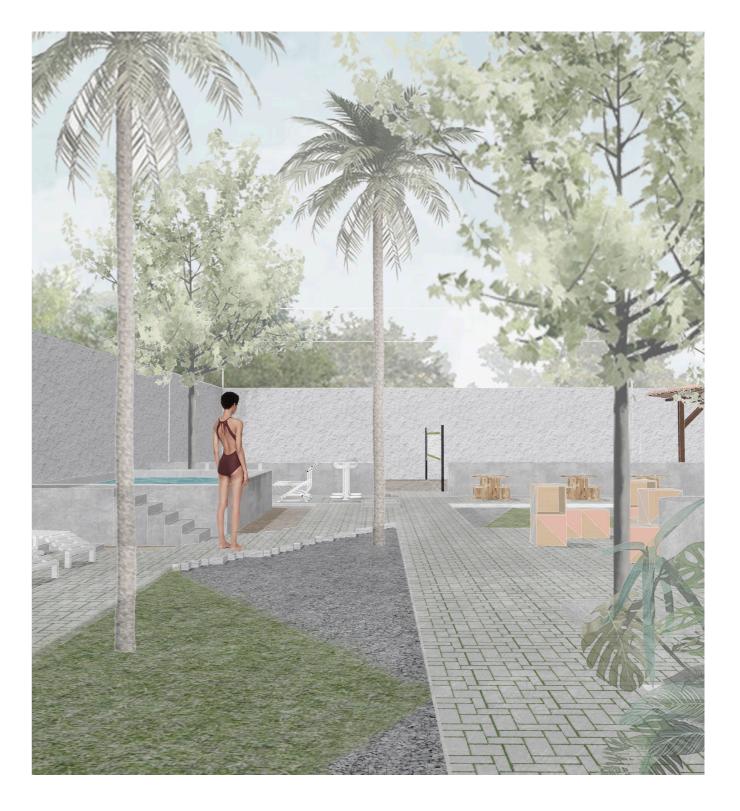
O conceito norteador desta intervenção é, portanto, o baixo custo, a simplicidade formal e material que possibilita a execução pelos próprios moradores. O rebatimento disto no partido é a utilização de materiais baixo custo e fácil execução, como o caso da paginação de piso intertravado em bloquete de concreto que não necessita de máquina de corte (Figura 65). Outros exemplos de mobiliários são os bancos em blocos de concreto e ripas de madeira recicladas, a estrutura de andaime proveniente de sobras da construção civil, as mesas e cadeiras em carretel, a hora vertical em madeira de pal-

let, o tanque e arquibancadas em concreto.



Por fim, levando em consideração a apropriação dos espaços da casa por meio do uso da cor e de pinturas murais, optou-se por deixar as paredes livres para intervenções futuras dos moradores (Figuras 66 e 67).





Os resultados

Dos Banheiros, Caixa D'água e Lavanderia

Devido as diversas patologias encontradas na estrutura da caixa dágua, optou-se pela reconstrução da laje e alvenarias. A intervenção propõe a locação de quatro pilares nas arestas dos banheiros e uma laje impermeabilizada que, por sua vez, está sobre quatro vigas de borda e mais duas outras vigas, uma transversal e uma longitudinal, de modo a suportar uma caixa d'água de 1.500l de polietileno.

Levando em consideração que a retirada da laje danificaria ainda mais os revestimentos internos dos banheiros já deteriorados, criou-se um projeto para redefinição do layout e troca dos revestimentos, louças e adição de mobiliário internos (Figuras 68, 69 e 70). Para o forro, a solução material de menor custo encontrada foi o PVC. Optou-se por aplicar revestimento nas paredes até 1,80 metros para diminuir os custos e sugerir uma pintura nas cores rosa e azul para manter a identidade da casa. Das louças, foram sugeridos sanitários de caixa acoplada e lavatórios suspensos na cor branca. No banheiro 01, foi sugerida uma divisória de cobogós para a área do chuveiro. Dos mobiliários, foram adicionadas estantes e prateleiras de apoio em madeira de pallet. No banheiro 02, o remanejamento do lavatório possibilitou a abertura de uma porta para a lavanderia, tornando-o reversível.

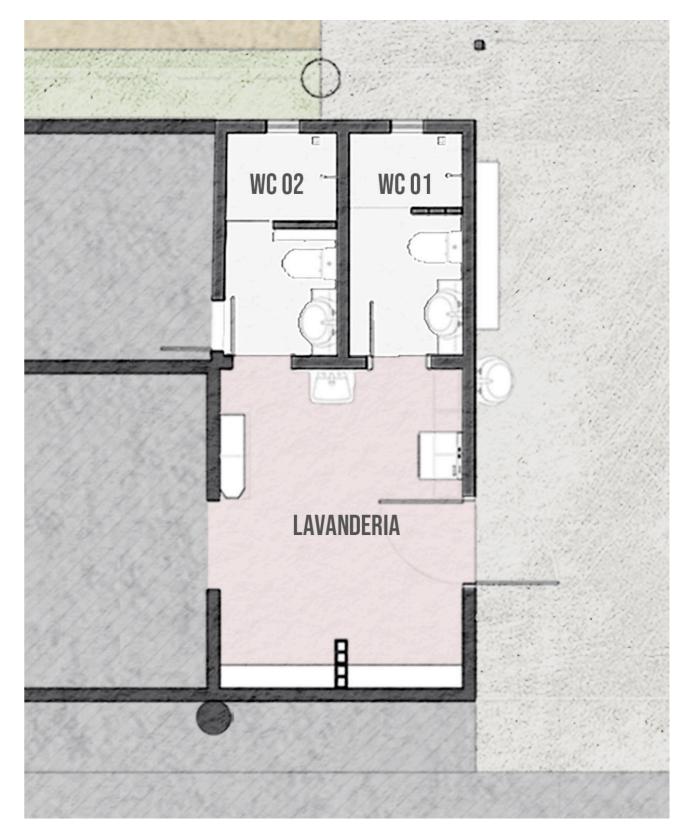
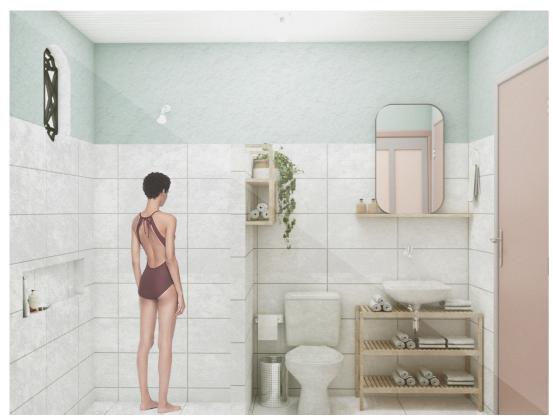


Figura 68 – Planta Baixa Layout Wc + Lav. Fonte: O Autor.



Figura 69 – Perspectiva Banheiro 01. Fonte: O Autor.



O ambiente da lavanderia (Figura 71), por sua vez, era anteriormente utilizado como depósito de materiais e não possuía pontos de água e esgoto. A demanda levantada foi de um espaço para máquina de lavar, um tanque com espelho servindo de apoio aos banheiros, tábua de passar e espaço para guarda de materiais de limpeza e alimentos separados. Desse modo, locou-se a máquina de lavar e o tanque próximos aos banheiros, de modo que aproveitassem a instalação hidráulica preexistente. Caixotes de feira reciclados foram utilizados como nichos para guarda de roupas limpas e sujas e canaletas metálicas foram aplicadas como prateleiras sobre a máquina e o tanque para apoio de materiais de limpeza. Do lado oposto, as prateleiras de pinus com divisória em blocos de concreto abrigam o uso de guarda de materiais, onde os alimentos estão próximos à cozinha e de materiais de limpeza do outro lado.



Figura 70 – Perspectiva Banheiro 02. Fonte: O Autor.

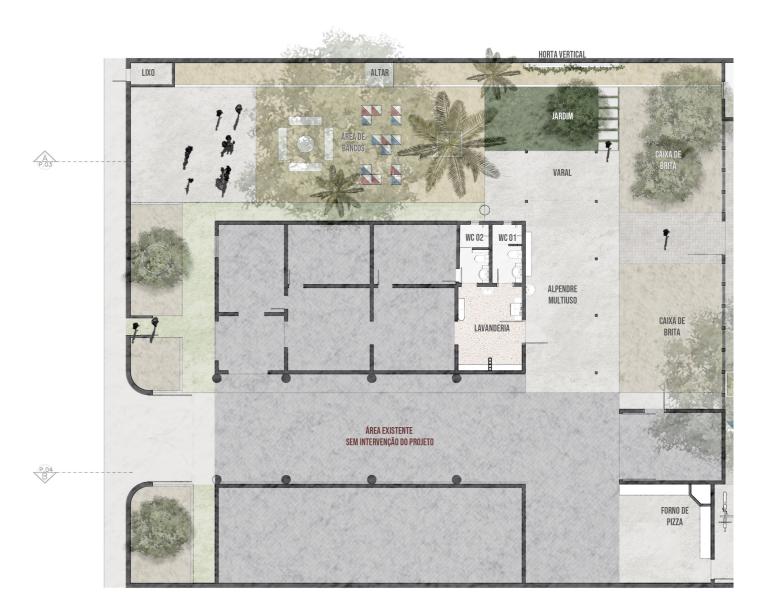
Os resultados

Por fim, foi entregue o projeto executivo destes ambientes (Figura 72), juntamente com uma tabela de materiais contendo preço médio, quantidade e onde encontrar.



Do Alpendre Multiuso e Recuo Lateral

Em razão do grande fluxo ocasionado pela localização do alpendre próximo ao acesso do quintal e a necessidade de um espaço para a realização de atividades diversas demandadas pelos moradores, o projeto do alpendre possui poucos mobiliários e contemplou a reforma da coberta, retirada do piso degradado e aplicação de cimentado, troca do lavatório e instalação de uma bancada de apoio em madeira de pinus. Deste modo, tem-se um espaço livre que pode ser apropriado de acordo com demandas específicas, sabendo que o mobiliário proposto para o quintal pode ser remanejado para este espaço, caso haja necessidade (Figura 73).



Para a conexão deste alpendre com o quintal, foi situado um caminho em bloco de concreto intertravado no nível do piso do alpendre e foram propostos jardins de chuva para facilitar a drenagem das águas pluviais, devido o constante alagamento da área em períodos chuvosos (Figura 74).

No recuo lateral, conforme solicitado, foi proposta do projeto a locação de uma casa de lixo, a requalificação dos cimentados, a requalificação do canteiro com vegetação, uma área de bancos para o altar existente, uma horta vertical, um jardim e uma área para estender roupas (Figura 75).

Figura 74 – Perspectiva do Alpendre Multiuso. Fonte: O Autor.

Figura 75 – Perspectiva do Recuo Lateral. Fonte: O Autor.





5.2 Intervenção Urbana: Aqui passa jovem, idoso, criança e travesti

5.2.1 Reflexões Iniciais

Anteriormente ao início do processo participativo, foi dada origem a um diagnóstico da área de intervenção por meio da análise de mapas e dados colhidos até aquele momento. Esta área de intervenção prévia havia tomado como base os possíveis percursos mais recorrentes executados pelos moradores, norteados pelos trajetos A e B, delimitando assim um recorte de estudo (Mapa 16). O estudo primário sobre a área possibilitou o aflorar de algumas discussões sobre as problemáticas do entorno e possibilitou um maior esclarecimento e conhecimento para a elaboração do projeto.

O projeto final, por sua vez, teve por base as informações coletadas em questionário na Oficina 06. Estas informações impuseram alterações no recorte de estudo e nas necessidades específicas dos participantes, demonstrando a importância do processo participativo na elaboração de propostas mais assertivas e coerentes. Agora, explanar-se-á a proposta elaborada.

5.2.2 Primeiros Estudos

Em posse das considerações anteriormente levantadas, esta proposta de intervenção urbana representa um resumo da análise dos percursos prévios e dos problemas e potencialidades do espaço urbano. Este primeiro estudo, deste modo, tinha como norte os possíveis trajetos mais recorrentes, os trajetos A e B, com vistas a proporcionar um caminhar mais seguro até se chegar na Casa TRANSformar. Houve, também, a intenção de proporcionar a criação de espaços livres de lazer ao longo da rua e em terrenos vazios de modo a amenizar a carência do bairro de espaços públicos estruturados para o lazer e descanso, projetando assim um horizonte possível de readequação dos espaços livres do bairro por meio de um projeto em pequena escala. Utilizou-se, também, da pouca densidade do trecho que possui para propor em seus interstícios pequenos espaços livres de lazer, descanso e interações interpessoais. Por fim, foram propostos sistemas de drenagem pluvial ao longo das vias e nos espaços livres de modo a solucionar em parte o problema de alagamento decorrente da forte irrigação do bairro.

Para facilitar a compreensão dos pontos levantados e considerados para a proposta, elaborou-se o quadro 04 com o resumo dos problemas, potencialidades e diretrizes de projeto.

PROBLEMAS

Falta abrigo de ônibus nas paradas A e B

Passeio amplo porém irregular (R. Alves Bezerra)

Passeios descontínuos

Pontos de alagamento

Pavimentação desgastada ou inexistente

Passeios estreitos

Obstáculos no passeio

Ausência de passeio

Fachada cega em frente a Casa TRANSformar

Fachadas cegas no início da rua (José Maurício)

Ciclovia sem sobreamento

Terrenos vazios

Falta de sinalização

Veículos estacionados na via

Auxência de ELde lazer publ.

PROTENCIALID.

Passeio amplo (R. Alves Bezerra)

Uso misto e térreo ativo

Caixa de via generosa (R. Alves Bezerra)

Forte uso da rua e deslocamento a pé

A rua como lugar de troca e vida comunitária

Presença de Ciclovia (Av. Gen. Osório de Paiva)

Terrenos Vazios

DIRETRIZES

Gerar novos abrigos com identidade e intermodal

Criar uma linguagem visual que traga unidade e empoderamento

Implementar mobiliário de lazer e comércio na via

Possibilitar um caminhar mais seguro e acessível para o pedestre

Reduzir o fluxo de veículos

Implementar intermodais

Ativar fachadas

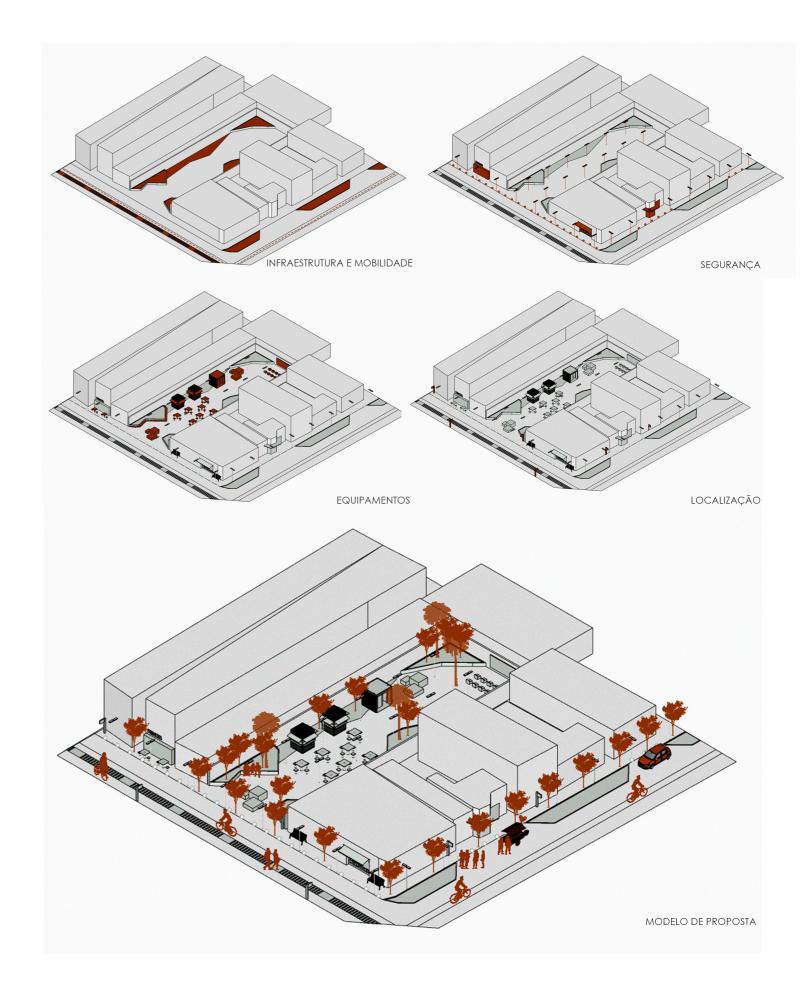
Utilizar terrenos vazios para criação de espaços de lazer público

Sombrear os passeios e ciclovias/ciclofaixas

Propor sistema de drenagem pluvial

Sinalizar o percurso de chegada até a casa

Assim, tendo em vista as muitas precariedades do bairro e as diversas necessidades que podem vir a surgir, optou-se por adequar a proposta urbana em quatro grandes eixos: infraestrutura e mobilidade, segurança, equipamentos e localização. Foi realizado, assim, um diagrama esquemático (Diagrama 03) representando as possibilidades de implantação da proposta em um trecho do percurso B, identificando possibilidades de intervenção em vias e terrenos vazios.



Primeiros estudos

adotaram-se medidas focadas nas infracriar áreas permeáveis de escoamento natural das águas pluviais, como jardins de chuva e canaletas verdes. Ainda aqui, considerou-se estratégias de desenho viário que tornassem a rua compartilhada e com criar um sistema de espaços livres conectado por uma consistente rede de mobilidade urbana. Relativo a segurança, podem-se citar ações de habilitação de térreos ativos, sistema de iluminação pública, balizadores, fomento do uso do espaço público de modo a torna-lo democrático. Para o eixo equipamentos, propõe-se mobiliários diversos de lazer, descanso e interação ao longo das vias. Por fim, no que tange a localização, cogitou-se um projeto de sinalização interativa pela implantação de mobiliários informativos que situem a Casa TRANSformar no bairro ao longo dos percursos.

Estas intervenções, apesar de bastante necessárias para a área de entorno, não suprem por si só as questões mais profundas relativas a vivência das pessoas LGBTQIA+ na cidade. Desta forma, faz parte do processo de projeto em ATHIS entender que há problemáticas maiores que não se podem ser solucionadas por meio do desenho, questões que representam problemas estruturais da sociedade, cabendo ao arquiteto e urbanista o papel de ouvir a população e tentar amenizar o que está dentro de sua alçada.

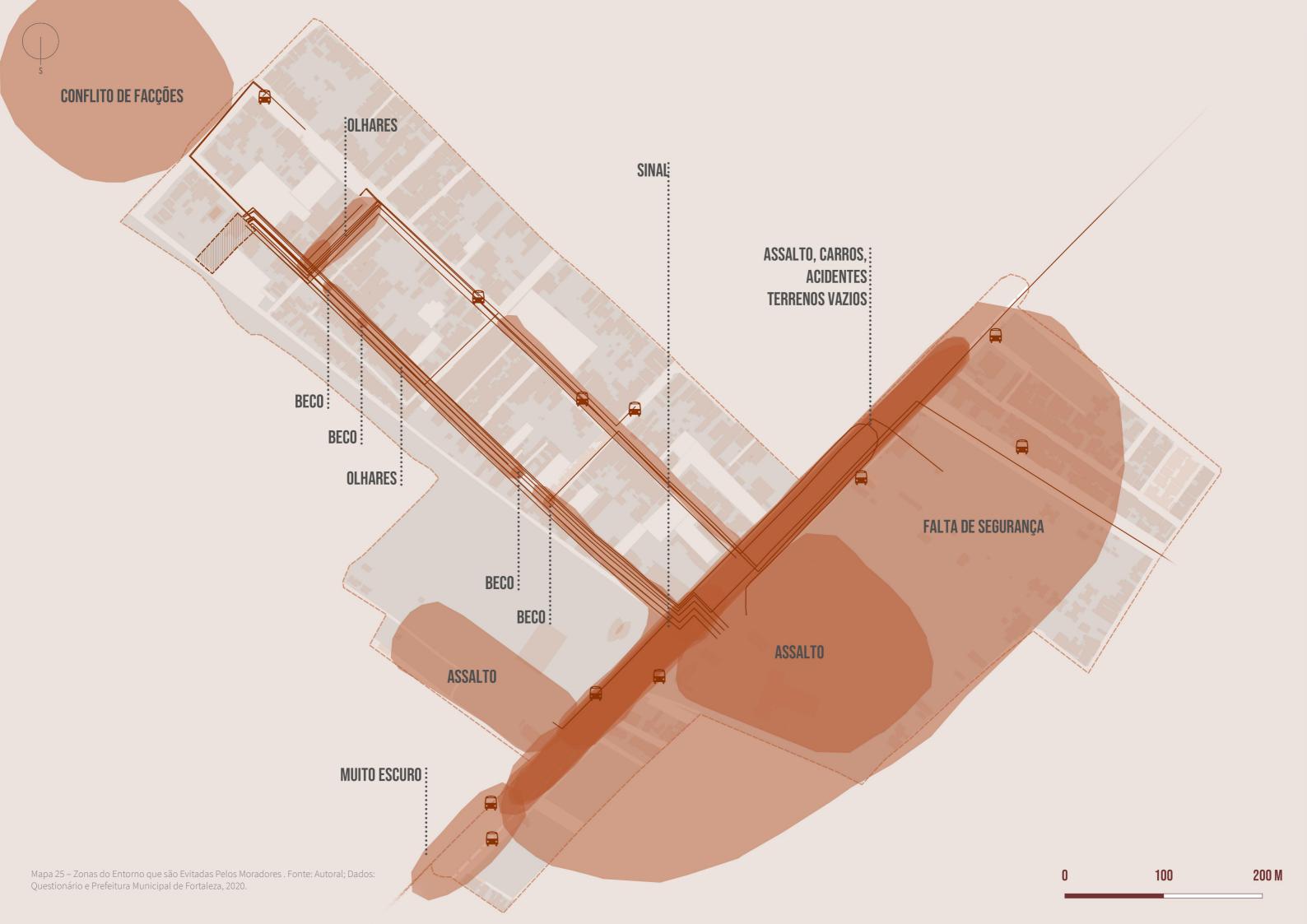
Assim, a partir desta reflexão, começou-se a estudar as experiências de projeto do Coletivo Punt 6, uma cooperativa de arquitetos,

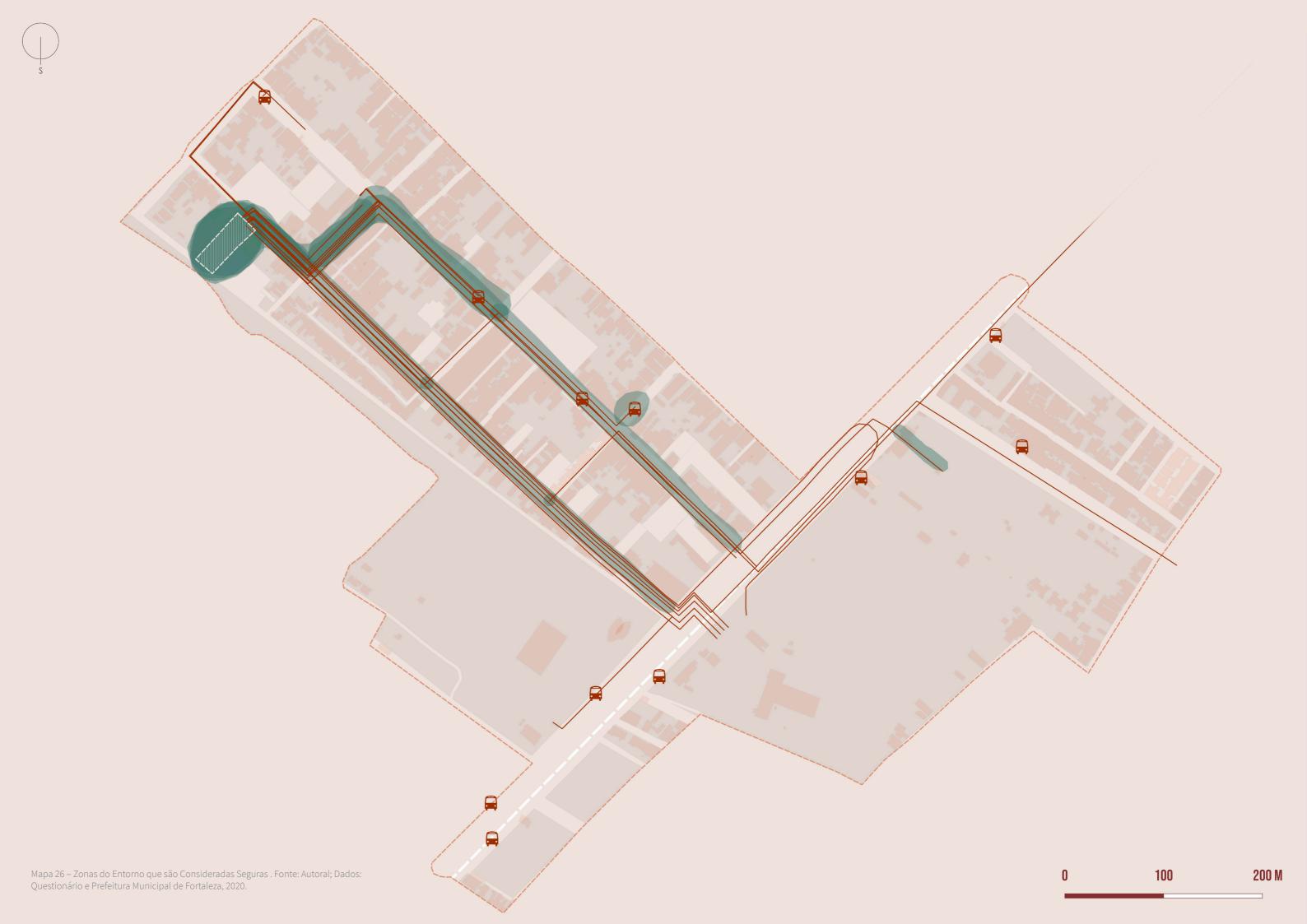
Para o eixo de infraestrutura e mobilidade, sociólogos e urbanistas que possuem relatos de assessorias técnicas voltadas para estruturas verdes de drenagem de modo a a vivência da mulher na cidade. Levando em consideração a dificuldade de acessar publicações neste sentido voltadas para a comunidade LGBTQIA+, resolveu-se tomar como parâmetro a metodologia aplicada pelo Punt 6, na qual a questão da vulneramaior diversidade de modais com vistas a bilidade é um fator norteador para as decisões projetuais. Inclusive, faz-se agui uma crítica a pouca bibliografia disponível sobre o tema da vulnerabilidade dos corpos LGBT-QIA+ na cidade. Ressalta-se, portanto, estar ciente de que cada minoria possui suas singularidades e vulnerabilidades no contexto socioespacial e que a metodologia do coletivo Punt 6 está sendo utilizada como base metodológica, sujeita a alterações do autor para adequação ao contexto estudado.

5.2.3 Os Resultados

Ainda que preliminar, podia-se observar a forte presença da cor como um elemento estético e de identidade, onde a pintura destes espaços representa uma forma de apropriação possível, trazendo vitalidade e beleza. Foi estabelecido, portanto, que se devia levar em consideração ao elaborar as propostas a flexibilidade de uso dos espaços e a apropriação pela cor, devendo propor mobiliários flexíveis e móveis e ambientes multiuso sem muitos revestimentos e pinturas para que tivessem a liberdade de colorir como quisessem.







Foi possível perceber que a maior parte dos entorno equipado e entorno comunitário. percursos diários acontecem na Rua José Maurício (rua da casa), Travessa Alexandra, veem a desobstrução de barreiras visuais, a Rua Alves Bezerra e na Avenida Osório de diversificação dos usos e vitalidade, locação Paiva. Aferiu-se que na maioria das vezes se de sinalização diversa, a possibilidade de deslocam sozinhos e, quando os deslocamentos aumentavam em distância, costumavam ir em pares ou trios. Estes desloca- relações comunitárias. mentos acontecem majoritariamente a pé, salva exceção de um morador que costuma se deslocar com a bicicleta e alguns trajetos mais distantes que necessitam do uso do transporte público, necessitando do deslocamento a pé até a parada mais próxima a 315 metros da casa.

Estes trajetos executados, por sua vez, representam diversos perigos para os moradores, influenciados por fatores de risco como os olhares mal-encarados da vizinhança, conflito de facções, presença de becos, presença de vazios urbanos, falta de iluminação, possibilidade de assalto e acidentes. Assim, ao marcarem no trajeto os pontos em que mais se sentiam inseguros, a maioria marcou o trajeto todo. Ao desenharem as áreas seguras, a maioria circulou a Casa TRANSformar e, em alguns casos, seu entorno imediato.

A análise destes dados norteou, portanto, a idealização do Masterplan da área de intervenção (Mapa 27). A proposta de projeto, por sua vez, busca intervir nos eixos de infraestrutura do bairro, mobilidade, equipamentos e sinalização, mas também se propõe a um olhar mais apurado para a vivência de corpos dissidentes. Levando em consideração as linhas estratégicas apontadas pelo Coletivo Punt-6 de entorno sinalizado, entorno visível, entorno vital, entorno vigiado,

Todas estas intervenções, em essência, previsualização do entorno, diversificação de equipamentos urbanos e afloramento das





RUA JOSÉ MAURÍCIO Travessa Alexandra



- **ARTE URBANA**
- FACHADAS ATIVAS
- 1 ESPAÇOS LIVRES
- POSTO DE SAÚDE
- 3 COMÉRCIO
- **EQUIP. CULTURAL**

- AMPLIAÇÃO DE PASSEIO
- CICLOVIA
- QUIOSQUES
- ABRIGOS DE ÔNIBUS
- SOMBREAMENTO POR VEGETAÇÃO
- ¶ ILUMINAÇÃO PEATONAL

- ★ SINALIZAÇÃO DIVERSA
- $^{\overline{\varphi}][\![\![\phi]\!]}_{\varphi} \ \ \text{VIA COMPARTILHADA}$
- À ÁREA DE BANCOS
- ESPAÇO DE ENCONTRO
- PARQUINHO PARQUINHO
- ARTE LGBTQIA+

- **ELIMINAÇÃO DE BARREIRAS VISUAIS**
- BANHEIROS PÚBLICOS
- 🎏 INFRAESTRUTURA VERDE DE DRENAGEM
- [] PARKWAY
- [] VIA COMPARTILHADA
- VIA DE TRÂNSITO CALMO

Mapa 27 - Masterplan do Setor de Intervenção. Fonte: O Autor.

200 M

Vazios e Usos

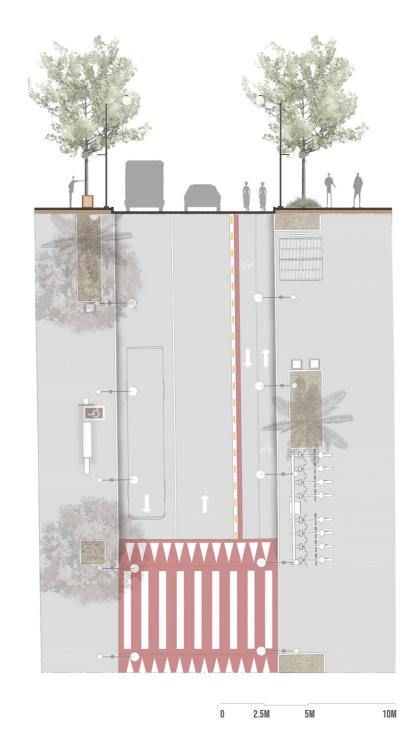
Propõe-se, portanto, um olhar debruçado aos vazios urbanos do entorno, de modo a propor comércios, um posto de saúde, um pequeno equipamento cultural e espaços livres. Estes espaços livres são recortes intersticiais das quadras chamados de largo e servirão como rotas alternativas e sinalizadas para um caminhar mais seguro. Dentre os largos sugeridos, será demonstrada a implantação do que se encontra logo à frente da casa.

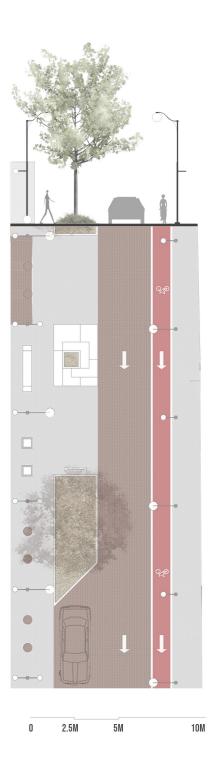
De modo a melhorar a sensação de segurança por meio dos olhos da rua, indicou-se a ativação de fachadas em equipamentos institucionais por meio da abertura de gradis (Figura 76). Nas demais fachadas cegas, foi sugerida a implantação de arte urbana para artistas locais com enfoque em temáticas LGBTQIA+.



Requalificação Viária

Referente às vias, o masterplan prevê a requalificação da rua José Maurício e Travessa Alexandra como vias compartilhadas. Esta tipologia possibilita o uso comum do espaço da rua entre os pedestres, ciclistas veículos e demais mobiliários urbanos num mesmo nível, possuindo piso intertravado, infraestrutura verde de drenagem, iluminação pública, áreas de descanso, quiosques, sombreamento por vegetação, ciclofaixa e sinalização diversa (Figura 77). A rua Alves Bezerra possuirá a tipologia de trânsito calmo, possuindo piso intertravado, infraestrutura verde de drenagem, faixas elevadas para os pedestres, extensão dos passeios, ciclofaixa de mão dupla, iluminação pública, quiosques, abrigos de ônibus, sombreamento por vegetação sinalização diversa e áreas de descanso (Figura 78). Por fim, a Avenida Osório de Paiva se estruturaria numa tipologia de parkway, ou seja, uma via estruturada por vegetação. A intervenção possui infraestrutura verde de drenagem, sombreamento por vegetação, alargamento dos passeios, duas ciclofaixas de duas mãos, alargamento dos passeios, quiosques, abrigos de ônibus, sinalização diversa e áreas de descanso.





Largo TRANSformar

A proposta, portanto, deste espaço livre é fazer com que ele seja uma extensão das casas do entorno e, em especial, da Casa TRANSformar, reforçando os laços comunitários. O equipamento possui espaços de lazer, comércio, descanso e passagem, representando um espaço de uso comum por diversas gerações em todos os horários do dia. Pretende-se com isto possibilitar um caminhar mais seguro aos moradores da Casa TRANSformar e aproximá-la da vizinhança, sendo um espaço de debate e vida comunitária. As figuras 79, 80, 81, 82, 83 e 84 representam o projeto de intervenção geral do Largo TRANSformar e os trechos das vias José Maurício e Alves Bezerra situados nas extremidades do equipamento.

TABELA DE MATERIAIS

BL. DE CONCRETO INTERTRAV. CINZA

BL. DE CONCRETO INTERTRAV. VERMELHO

LAJOTA VITRIFICADA VERMELHA

PISO EM CONCRETO

PISO EMBORRACHADO VERMELHO

BRITA VERMELHA

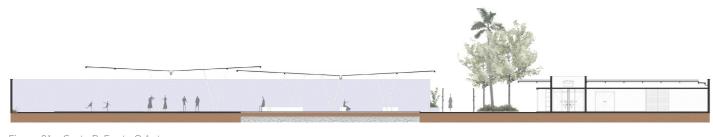
AREIA



Figura 79 – Planta Baixa Geral . Fonte:O Autor.

Os resultados

Figura 80 – Corte A. Fonte:O Autor.



2.5M

Figura 81 – Corte B. Fonte:O Autor.

Os resultados

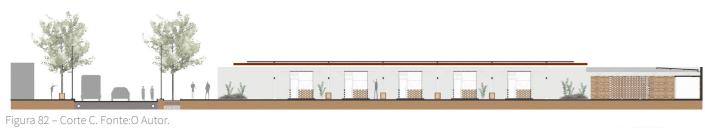




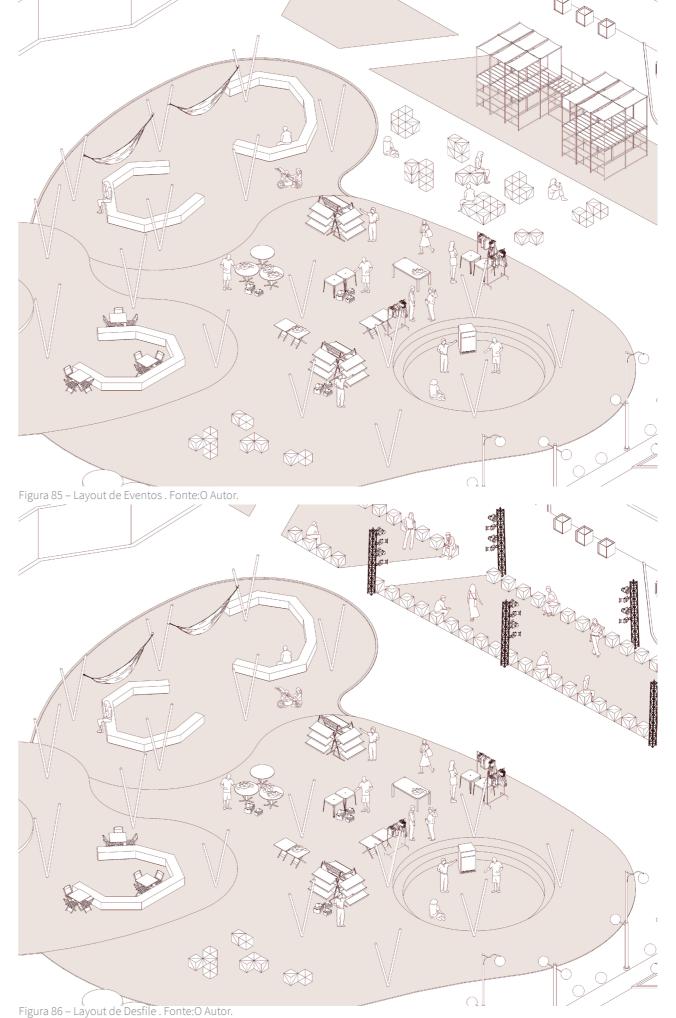
Figura 83 - Vista 01:0 Autor.



Os resultados

O platô multiuso

O equipamento possui um platô multiuso que pode ser utilizado para realização de diversas atividades como reuniões comunitárias, rodas de conversa, exposição, comércio, descanso, ensaios de dança dos coletivos das comunidades lindeiras, grupos de bordadeiras e outros. As Figuras 85 e 86 representam possibilidades de uso do platô multiuso e do corredor lateral e se referem a atividades que podem ser realizadas pela Casa TRANSformar para interação com a comunidade como eventos e desfiles de moda para o bazar que possuem. O platô é determinado por uma estrutura de cobertas metálicas, pisos cimentados e de brita vermelha, que podem ser acrescidos posteriormente caso haja necessidade. Há, também, anexado ao conjunto, um parquinho aberto em piso emborrachado e delimitado por bancos.



O percurso

Sabendo que uma das funções principais do Largo TRANSformar é a viabilização de um caminhar mais seguro dos moradores da casa até as paradas de ônibus, deslocou-se a parada A para que ficasse do outro lado do largo e se criou um caminho estruturado por uma paginação de piso em cor diferente e um corredor de iluminação. Deste modo, o trajeto da Casa TRANSformar até a parada de ônibus A e vice-versa se torna mais atrativo e seguro (Figuras 87 e 88).

Figura 87 – Vista da Casa TRANSformar. Fonte: O Autor.

Figura 88 – Vista da Parada de Ônibus A. Fonte: O Autor.

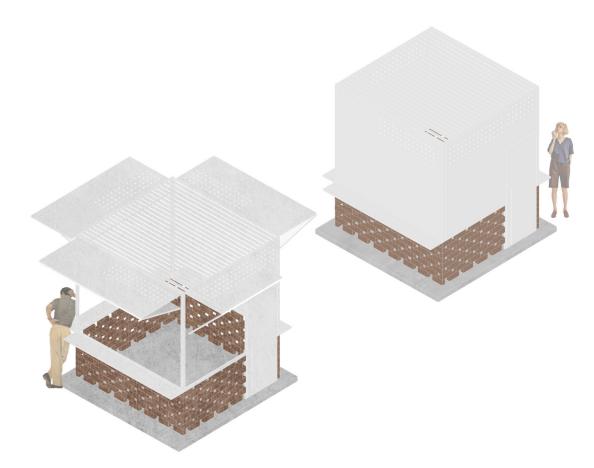




Dos quiosques

Os resultados

De modo a diversificar os usos, gerar renda e possibilitar maior fluxo de pessoas durante a noite, foram propostos cinco quiosques cobertos em corredor com área de mesas. Os quiosques (Figura 89) possuem a base em tijolo cerâmico e esquadrias em estrutura metálica branca, com janelas e portas que podem ser fechadas. A coberta segue a linguagem das cobertas do platô, com a viga-calha em cor de destaque.



Do Centro Comunitário

Com vistas a possibilitar o afloramento da vida comunitária, implantou-se um centro comunitário (Figura 90) que poderá abrigar atividades diversas dos coletivos e entidades do entorno. O bloco que se aproveita de um canto do terreno e possui forma fluida de modo a evitar arestas possui um salão comunitário, dois banheiros universais e um DML.

Figura 90 – Perspectiva do Centro Comunitário . Fonte:O Autor.



Dos mobiliários

Os resultados

A criação dos mobiliários para o largo teve como partido a utilização de materiais visualmente permeáveis, evitando barreiras e possíveis zonas cegas de esconderijo. O equipamento ainda possui canteiros com jardins de chuva, áreas de bancos, bicicletário, paraciclo e expositores para sinalizações de percursos, rotas de fuga, paradas de ônibus e equipamentos próximos. Possui, também, postes de iluminação e balizadores, lixeiras e tablado para artistas de rua. A vegetação arbustiva se encontra apenas em torno das paredes e todas as espécies locadas nos canteiros são ou forrações ou árvores e palmeiras de grande porte, de modo a desobstruir a visão do pedestre. Por fim, tem-se o abrigo de ônibus com iluminação própria, coberta translúcida e espaço para cadeirante.

Figura 91 – . Fonte:O Autor.



Considerações Finais

Diante do tema proposto, foi realizado um projeto de arquitetura e urbanístico para reforma da Casa TRANSformar, casa de acolhida para a comunidade LGBTQ+, e seu entorno imediato por meio de assessoria técnica que se utilizando de metodologias participativas e partindo de demandas identificadas.

Ao adentrar nas discussões a respeito da vivência LGBTQIAP+, pôde-se ter dimensão da vulnerabilidade destes corpos no contexto da cidade e de seus próprios lares. Diante das inúmeras precariedades estruturais aferidas, foi cenário das discussões a questão da moradia, sugerindo a utilização da assessoria técnica baseada na Lei 11.888/2008 de Assistência Técnica e processo participativo de projeto como instrumento para proporcionar uma moradia salubre e que gere um sentimento de pertencimento.

Se reforça que a Lei 11.888/2008 não é tão clara a respeito do público-alvo, permitindo a sugestão da inclusão do público LGBT-QIAP+ em seu escopo, haja vista a demanda comprovada por este trabalho. Reivindica-se, assim, a promoção de políticas públicas, como exemplo, a inclusão em políticas de habitação de interesse social (HIS) e a destinação de fundos para implantação e/ou adequação de casas de acolhida emergencial já existentes. Estas intervenções poderiam, portanto, ser realizadas por meio de Assessoria Técnica com base na Lei de Assistência Técnica.

No decorrer da pesquisa e diagnóstico participativo, compreendeu-se, pela premência da socialização e de espaços públicos inclusivos, a necessidade de extrapolar os limites da residência e intervir no entorno imediato. Esta intervenção levanta o debate da dificuldade de acesso de bibliografias a respeito da vivência LGBTQIAP+ na cidade, sugerindo aqui uma possibilidade de pesquisas futuras de como intervir em espaços públicos pela perspectiva LGBTQIAP+. A vista disso, sabe-se que a proposta de intervenção urbana não consegue atingir por si só o objetivo de proporcionar um caminhar mais seguro para pessoas queer, especialmente pessoas trans e travestis. Todavia, apesar de existirem questões estruturais para além do desenho, o projeto de intervenção do entorno imediato contribui, dentro de suas limitações, para o sentimento de pertença e segurança dos moradores da Casa TRANSformar.

Foi possível aplicar metodologia participativa por meio de seis encontros durante o período da pesquisa. Do processo de projeto participativo, foi possível perceber como a experiência se torna mais diversa e enriquecedora com as contribuições dos participantes, visto que o projeto final apresentado partiu inteiramente de necessidades apontadas pelos moradores das quais muitas delas não se imaginavam. Em maior escala, a assessoria técnica representa uma ferramenta valiosa de transformação da cidade e que abre caminho para outras possibilidades de intervenção multidisciplinares, sendo uma luta necessária a ser travada

pelos arquitetos e urbanistas do mundo todo. Todavia, este processo de ATHIS é bastante complexo e, no caso da Casa TRANSformar, ainda deverá ter continuidade.

Por fim, são sugestões de trabalhos futuros o estudo sobre direito à moradia para pessoas LGBTQIAP+, identificação de parâmetros projetuais para intervenções em espaços públicos na perspectiva de pessoas LGBTQIAP+, e a continuidade da intervenção urbana abrangendo todo o recorte de estudo identificado.

Referências Bibliográficas

ANAMACO & LATIN PANEL. **Tendências Latin Panel - Para onde caminha o consumidor?** 2008. Disponível em: http://www.anamaco.com.br/resumo_dados_materiais.ppt. Acesso em 23 de fevereiro de 2020.

ARAUJO, Guilherme. Casa 1, importante centro de acolhida LGBTQ+, tem sua história contada em livro. Disponível em: https://www.papelpop.com/2020/01/casa-1-importante-centro-de-acolhida-lgbtq-tem-sua-historia-contada-em-livro/. Acesso em: 24 jun. 2020.

BALLEGOOIJEN, JAN VAN; ROCCO, ROBERTO. The Ideologies of Informality: informal urbanisation in the architectural and planning discourses. In: Third World Quarterly, 34:10,1794-1810, 2013.

BALTAZAR, A. P., KAPP, S. **Assessoria Técnica com Interfaces.** In: IV ENANPARQ – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Porto Alegre, 2016.

BLOG, Gay. Casa Nem, que acolhe trans em situações de vulnerabilidade, precisa de doações com urgência. Disponível em: https://gay.blog.br/noticias/casa-nem-que-acolhe--trans-em-situacoes-de-vulnerabilidade-precisa-de-doacoes-com-urgencia/. Acesso em: 04 jun. 2020.

BORGES, Waleska. Casa Nem acolhe população LGBTI, em Copacabana, mas teme despejo. Disponível em: https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2020/01/5854088-casa-nem-a-colhe-populacao-lgbti--em-copacabana--mas-teme-despejo.html. Acesso em: 14 abr. 2020.

BRASIL. Estatuto da Cidade. Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001.

BRASIL. Lei da Assistência Técnica. Lei nº 11.888, de 24 de dezembro de 2008.

CARVALHO, Rafael. Casa Nem acolhe população LGBTQI+, mas precisa de mais apoio. Disponível em: https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/casa-nem-acolhe-populacao-lgbtqi-mas-precisa-de-mais-apoio. Acesso em: 15 abr. 2020.

CASA UM. Disponível em: http://www.casaum.org/. Acesso em 23 de junho de 2020.

CEARÁ, Governo do Estado do. **RELATÓRIO DIÁRIO - RESUMO DAS PRINCIPAIS OCORRÊN- CIAS ATENDIDAS PELAS VINCULADAS DA SSPDS EM 15/02/2017.** Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, 2017. Disponível em: https://sistemas.sspds.ce.gov.br/file_bd?sql=FILE_
DOWNLOAD_FIELD_ARQUIVO_DOWNLOAD¶metros=5676&extFile=pdf. Acesso em: 01 jan. 2021.

CORTÉS, J. M.G. Políticas do espaço: arquitetura, gênero e controle social. São Paulo: Senac, 2008.

COZZOLINO, Sarah. No Rio, Casa Nem é refúgio para LGBTs excluídos das famílias nas festas de fim de ano. Disponível em: https://epoca.globo.com/brasil/no-rio-casa-nem-refugio-para-lgbts-excluidos-das-familias-nas-festas-de-fim-de-ano-24159426. Acesso em: 05 mar. 2020.

CREA-SC. Cartilha da Engenharia e Arquitetura públicas: Lei Federal 11.888/2008 – "Assistência Técnica Pública e Gratuita". Santa Catarina, 2016.

CREA-SC. Cartilha da Engenharia e Arquitetura públicas: Lei Federal 11.888/2008 – "Assistência Técnica Pública e Gratuita". Santa Catarina, 2016.

DE SOTO, HERNANDO. The Other Path: the Economic Answer to Terrorism. New York, Basic Books, 2002.

DEMARTINI, J. **Assessoria técnica para o habitar popular.** In: IV ENANPARQ – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Porto Alegre, 2016.

DUARTE, Artur de Souza; CYMBALISTA, Renato. A casa 1: habitação e diálogo entre público e privado na acolhida de jovens LGBT. Salvador: [s.n.], 2018.Disponível em: . https://www.researchgate.net/publication/333949310_A_CASA_1_Habitacao_e_dialogo_entre_publico_e_privado_na_acolhida_de_jovens_LGBT_CASA_1_Housing_and_discourse_between_public_and_private_in_young_LGBT's_housing_needs. Acesso em: 15 de março de 2020.

DUARTE, Artur de Souza; CYMBALISTA, Renato. A CASA 1: HABITAÇÃO E DIÁLOGO ENTRE PÚBLICO E PRIVADO NA ACOLHIDA DE JOVENS LGBT. Enanparg. Salvador, 2018.

DUARTE, Cristiane Rose; VILLANOVA, Roselyne de (org.). **Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e métodos, da arquitetura à antropologia.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.

EDUARDO MICHELS. Homofobia Mata. **STF JULGA HOMOFOBIA COMO CRIME DE RACISMO NO BRASIL**. Disponível em: https://homofobiamata.wordpress.com/. Acesso em: 26 mar. 2020.

FORTALEZA, Prefeitura Municipal de. Lei de Uso e Ocupação do Solo (Lei 7987/96), 1996.

FORTALEZA, Prefeitura Municipal de. **Plano Diretor Participativo de Fortaleza** (Lei 062/2009), 2009.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Centro de Estatística e Informações. **Déficit habitacional no Brasil 2015.** Ministério das Cidades, Secretaria Nacional de Habitação. Brasília, 2018.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira, Diversidade sexual, situação de rua, vivências nômades e contextos de vulnerabilidade ao HIV/AIDS. Temas em Psicologia, v. 21 n. 3. Departamento de Ciências Humanas e Educação, Universidade Federal de São Carlos. Sorocaba, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttex-t&pid=S1413389X2013000300015. Acesso em: 18 de fevereiro de 2020.

GARRIDO S., Michelli; DE AZEVEDO CARDOSO, Luiz Reynaldo. **Assistência técnica para melhoria habitacional.** Arquitextos, São Paulo, ano 14, n. 157.00, Vitruvius, Junho de 2013. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.157/4803. Acesso em: 06 de junho de 2020.

GGB (2019)

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo. Ed. Atlas S.A., 2002.

GORISCH, Patrícia. **O Reconhecimento dos direitos humanos LGBT: de Stonewall à ONU**. Curitiba: Appris, 2014. 121 p. (Educação e direitos humanos: diversidade de gênero, sexual, étnico racial e inclusão social). ISBN 978-85-8192-356-7. Português.

GOUVêA, Victor. Casa 1, o lugar que todo LGBTQI+ sonhou. Disponível em: https://www.360meridianos.com/2018/08/casa-1-lgbtqi-sp.html. Acesso em: 05 abr. 2020. GRAB. Grab. Histórico. Disponível em: http://www.grab.org.br/new/index.php?option=com_content&view=article&id=51:historico&catid=39:paradas&Itemid=19. Acesso em: 27 jan. 2020.

HARVEY, DAVID. Cidades Rebeldes: Do Direito à Cidade à Revolução Urbana. São Paulo: Martins Editora Livraria Ltda. 2014.

HARVEY, DAVID. **O direito à cidade**. In: Revista Piauí. Edição 82. Julho de 2013. Publicado originalmente na New Left Review. Edição 53. Setembro/Outubro, 2008. Disponível em: http://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-direito-a-cidade/ Acesso em 28 de Março de 2020.

IBGE (2020)

LESSA, Lucas Golinac. Ocupação Gregório Bezerra: Uma experiência de assessoria técnica na luta pelo direito à moradia. 2017. 95 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: https://issuu.com/lucasglessa/docs/tfg_lucas_lessa. Acesso em: 02 de março 2020.

MACHADO, Ricardo William Guimarães,. População LGBT em situação de rua: uma realidade emergente em discussão. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS. Londrina, junho 2015. Disponível em: http://www.uel.br/pos/mestradoservicosocial/congresso/anais/Trabalhos/eixo5/oral/39_populacao_lgbt...pdf. Acesso em: 18 de fevereiro de 2020.

NORDESTE, Diário do. **Segregação socioespacial prevalece**. Disponível em: https://diario-donordeste.verdesmares.com.br/metro/segregacao-socioespacial-prevalece-1.1407388#. Acesso em: 14 jun. 2020.

Novo Mercado Guabuliga / [applied] Foreign Affairs, Institute of Architecture, University of Applied Arts Vienna [New Guabuliga Market / [applied] Foreign Affairs, Institute of Architecture, University of Applied Arts Vienna] 10 Nov 2020. ArchDaily Brasil. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/951027/novo-mercado-guabuliga-applied-foreign-affairs-institute-of-architecture-university-of-applied-arts-vienna ISSN 0719-8906. Acesso em: 29 de novembro de 2020.

NUNES, Brunella. Conheça a Casa Nem, um exemplo de amor, acolhimento e apoio a transexuais, travestis e transgêneros no RJ. Disponível em: https://www.hypeness.com. br/2016/08/casa-nem-e-um-exemplo-de-amor-acolhimento-e-apoio-a-transexuais-travestis-e-transgeneros-no-rj/. Acesso em: 09 jun. 2020.

ONLINE, O Povo. Estudantes de Arquitetura arrecadam dinheiro para reformar cozinha de moradora da Serrinha. Disponível em: https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/12/www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/12/estudantes-de-arquitetura-arrecadam-dinheiro-para-reformar-cozinha-de.html. Acesso em: 10 jan. 2020.

ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa (org.). Qualidade Ambiental na Habitação: avaliação pós-ocupação. São Paulo: Oficina de Textos, 2013-2016. 387 p. ISBN 978-85-7975-076-2. Português.

Prefeitura de Fortaleza. **Centro de Referência LGBT Janaína Dutra**. Disponível em: https://desenvolvimentosocial.fortaleza.ce.gov.br/servicos/centro-de-referencia-lgbt-janaina-dutra. Acesso em: 10 jan. 2020.

Prefeitura de Fortaleza. **Programa Minha Casa Minha Vida**. Disponível em: https://habita-cao.fortaleza.ce.gov.br/menu-programas/pmcmv.html. Acesso em: 27 jun. 2020.

PREITE SOBRINHO, Wanderley. **Brasil registra uma morte por homofobia a cada 16 horas, aponta relatório**. 2019. Disponível em: Brasil registra uma morte por homofobia a cada 16 horas, aponta relatório... - Veja mais em https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/02/20/brasil-matou-8-mil-lgbt-desde-1963-governo-dificulta-divulgacao-de-dados.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 07 fev. 2020.

REMODELAR. A Remodelar. Disponível em https://www.reformasremodelar.com.br/projects/fachada/. Acesso em 23 de Fevereiro de 2020.

Residência na Prosperina / Fabrica Nativa Arquitectura [Casa En La Prosperina / Fabrica Nativa Arquitectura] 17 Jul 2016. ArchDaily Brasil. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/791346/residencia-na-prosperina-fabrica-nativa-arquitectura ISSN 0719-8906. Acesso em: 13 de junho de 2020.

SILVA, Emilia Stefany de Sousa e. Cidade pelas pessoas: Uma experiência de assessoria e participação na ZEIS do Bom Jardim. 2017. 121 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SOUZA, A. M. G. Moradia digna e assistência técnica: como os estudos, pesquisas e projetos de arquitetura e urbanismo estão avançando? In: IV ENANPARQ – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Porto Alegre, 2016.

TGEU. Violence & Hate Speech. Disponível em: https://tgeu.org/issues/violence-hate-speech/. Acesso em: 10 fev. 2020.

THAÍS CUNHA (Brasil). Correio Braziliense. Brasil lidera rankBrasil lidera ranking mundial de assassinatos de transexuaising mundial de assassinatos de transexuais: segundo ong europeia, em nenhuma outra nação há tantos registros de homicídios de pessoas transgêneras. Disponível em: http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais. Acesso em: 05 maio 2020.

USINA CTAH. **Arquitetura como Prática Política – 25 anos de experiência da Usina**. São Paulo. 2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=HgrnvEhKFSw. Acesso em: 14 de maio de 2020.

USINA_CTAH. Disponível em http://www.usina-ctah.org.br/. Acesso em 14 de maio de 2020.

VIDAL, F. E.C. A Autoconstrução e o Mutirão Assistidos como Alternativa para a Produção de Habitação de Interesse Social. 2008. 165 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e urbanismo, Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

6, Punt. **Articles and Books**. Disponível em: http://www.punt6.org/en/articles-and-books/. Acesso em: 21 jul. 2020.



APÊNDICE A | Entrevista Inicial

Primeira Entrevista

Esta entrevista foi realizada no dia 12 de fevereiro de 2020 na primeira visita do pesquisador ao objeto de estudo com vistas a firmar a parceria com a ONG para o projeto. O texto a seguir se refere, portanto, a uma transcrição do áudio da entrevista, onde os nomes citados foram trocados para proteger a identidade de cada um.

Você poderia dissertar um pouco sobre a história do abrigo?

A casa, visto que nunca gostei do termo "abrigo" porque aqui não é simplesmente um abrigo como os outros, é um lugar onde se constroem famílias mesmo. Há seis meses estamos oficializados no Instagram do modo que todo mundo conhece, mas já tenho esse trabalho de acolhimento com meu marido, Daniel, desde o final de 2017, quando abrigamos a primeira travesti, a Bárbara. Então o projeto surgiu naquela época. Sinto começou tudo ali no momento em que abriguei a primeira travesti. E foi assim muito "do nada", a gente se conhecia do São João já que eu danço quadrilha e só tínhamos nos visto duas vezes. Quando passado o São João, todo mundo havia se afastado e ela encontrou minha casa, bateu no portão e então começou a morar conosco. Ela estava em situação de exclusão familiar, então a acolhemos. Desde então, do final de 2017 para cá, muitas e muitas pessoas já passaram por aqui e foram acolhidas.

Conseguiria me caracterizar o potencial dos moradores da casa atualmente?

Aqui tem artista de toda forma. Eu canto. Sou a primeira travesti funkeira do Estado. Eduardo, Daniel e Jessica são cabelereiros e maquiadores. Carlos e Nara são artesãos e fazem fantasias de cosplay. Jader é formado em fabricação mecânica. As meninas também são maquiadoras e do meu balé. Então todo mundo que mora aqui tem isso, todo mundo tem uma profissão.

A Casa TRANSformar tem planos para o futuro do espaço onde a casa funciona?

Temos sim. Estamos com planos para revitalizar esse espaço (apontou para a casa pequena), para abrir pelo menos sete vagas até o meio do ano. Esse é um dos nossos planos de muitos outros, nós queremos fazer uma pracinha aqui dentro, nesse espaço do quintal que é bem grande. Tem muita coisa para acontecer ainda.

Vocês teriam disponibilidade para colaborar com a pesquisa?

A gente poderia estar colaborando de quinze em quinze dias. Pois é o tempo de ter algumas vivências aqui dentro e dividi-las com você, pra ter mais tempo de acontecer mais coisa. Também temos muitas atividades de acontecem repentinamente, do nada.

Por fim, gostaria de saber se possuem interesse em realizar o projeto de reforma.

A princípio eu gostei. Vou te dar uma certeza mais no decorrer do processo, pois também não posso responder por mim, pois tem toda a galera para opinar. Eu como fundadora não me sinto um grau a mais que eles por ter fundado isso aqui. Pelo contrário, tento sempre estar no mesmo patamar até para mostra-los que quando chegarem novos moradores ninguém vai ser melhor nem pior do que ninguém por estar aqui a mais tempo. A gente pode ir desenrolando e ir se encontrando e na medida que fomos nos encontrando, vamos decidindo "de vera".

Fonte: O Autor.

APÊNDICE B | Roteiro das Oficinas

Oficina 1

Na primeira oficina será realizado o levantamento e desenhos de layout para o quintal e será feito o levantamento dos banheiros Duração total: 2h 30min

Bloco A: Exposição da Proposta

Instrumentos: Trenas, Réguas e Papel Milimetrado

Bibliografia: Estudos de caso, Lei de Assistência Técnica 11.888/2008

Duração: 30 min

- Explicação do Trabalho Final de Graduação

Falar sobre a finalidade de um TFG e como cheguei a escolha do tema (Vivências pessoais, artigo redigido sobre o corpo trans no espaço público, necessidade de se trabalhar com bandeiras que acredito, comunidades fragilizadas e projeto participativo)

- Exposição da Lei de Assistência Técnica 11.888/2008

Ilustrar o contexto de surgimento da lei, para que ela se pretende, falar da aplicabilidade da lei atualmente em fortaleza e citar empresas que prestam esse serviço atualmente em Fortaleza (Taramela, Cearah Periferia, Editais CAU, Escritórios modelo) e movimentos de reivindicação de ações públicas que podem se articular (LEHAB, ZEIS)

- Familiarização com os instrumentos

Mostrar os instrumentos de medição e desenho e ensinar como usá-los para fazer um levantamento e passa-lo para o papel. Ensinando como identificar as escalas e fazer conversões dos valores reais para os de desenho.

Bloco B: Levantamento do Quintal Instrumentos: Trenas, papel milimetrado, lápis e borracha Duração: 1h

- Levantamento

Realizar o levantamento do quintal com os participantes, conferindo o manuseio dos instrumentos e os pontos levantados. Esta etapa tem a pretensão de ser participativa para que todos se sintam parte do processo de projeto e ganho de autonomia caso necessitem fazer outras alterações.

Bloco C: Oficina de Layout Instrumentos: réguas, papel milimetrado, prancheta, lápis e borracha. Duração: 1h

- Oficina de Layout

Realização de propostas de layout por cada morador. Esta oficina é um dos principais produtos do processo participativo. Nela, os participantes poderão especializar seus desejos no papel e deverão fazer isto livremente e sem intervenções do pesquisador. O papel deste será apenas o de sanar dúvidas que surjam sobre a metodologia ou dificuldades com desenho

- Apresentação das Propostas

Ao final, os participantes devem apresentar suas propostas identificando suas escolhas e usos que gostaria para aquele espaço. Deve ser um momento de troca de ideias e debate sobre as necessidades apontadas.

Com posse das necessidades dos moradores e dos layouts, na oficina 02 será apresentada a proposta para o quintal e realizado o levantamento dos banheiros. Duração total: 2h

Bloco A: Apresentação da Proposta do Quintal Instrumentos: Pranchas A3 da proposta Duração: 30min

- Apresentação da proposta

Apresentação de plantas baixas e imagens 3d da proposta de reforma do quintal, elencando as atividades e setorização e referenciando os layouts criados.

- Debate sobre alterações

Logo após, os participantes devem fazer suas considerações sobre o projeto em conjunto, debatendo a setorização escolhida e a viabilidade do projeto.

Bloco B: Levantamento dos Banheiros

Instrumentos: Trenas, papel milimetrado, lápis e borracha

Duração: 1h 30min

- Levantamento

Realizar o levantamento dos banheiros, conferindo o manuseio dos instrumentos e os pontos levantados. Identificar juntamente com os moradores as necessidades para aqueles ambientes e compreender o funcionamento da caixa dágua, prumadas hidráulicas e pontos existentes.

Oficina 03

Apresentação da proposta dos banheiros e caixa dágua e levantamento do alpendre e recuo lateral.

Duração total: 2h

Bloco A: Apresentação da Proposta dos Banheiros e Caixa D'água Instrumentos: Pranchas A3 da proposta

Duração: 30min

- Apresentação da proposta

Apresentação de plantas baixas e imagens 3d da proposta de reforma dos banheiros e caixa d'água, identificando a solução escolhida para a locação da nova caixa d'água e a reforma dos banheiros.

- Debate sobre alterações

Logo após, os participantes devem fazer suas considerações sobre o projeto em conjunto, debatendo as escolhas feitas e a viabilidade da proposta.

Bloco B: Levantamento do Alpendre e Recuo Lateral Instrumentos: Trenas, papel milimetrado, lápis e borracha Duração: 1h 30min

- Levantamento

Realizar o levantamento do alpendre e recuo lateral, conferindo o manuseio dos instrumentos e os pontos levantados. Identificar juntamente com os moradores as necessidades para aqueles ambientes.

Oficina 04

Esta oficina pretende fazer uma recapitulação dos projetos anteriores de modo a identificar alterações nos projetos. Além disso, será realizada a apresentação da proposta do alpendre e recuo lateral e o levantamento da lavanderia.

Duração total: 2h

Bloco A: Recapitulação

Instrumentos: Pranchas A3 das propostas anteriores

Duração: 30min

- Apresentação da propostas anteriores

Será reiterada a importância da voz dos participantes no processo de projeto. Se fará a apresentação de plantas baixas e imagens 3d das propostas e debate sobre alterações necessárias.

Bloco B: Passeio pelo Alpendre e Recuo Lateral e Apresentação da Proposta

Instrumentos: Pranchas A3 da proposta

Duração: 30min

- Passeio e Apresentação

Será feito um passeio pelos ambientes da intervenção, pedindo para que os moradores identifiquem as necessidades daquele espaço e as necessidades de alteração da proposta preliminar levada.

Bloco C: Levantamento da Lavanderia

Instrumentos: Trenas, papel milimetrado, lápis e borracha

Duração: 1h

- Levantamento

Realizar o levantamento da lavanderia, conferindo o manuseio dos instrumentos e os pontos levantados. Identificar juntamente com os moradores as necessidades para aqueles ambientes.

Oficina 05

Devido a urgência da reforma dos banheiros e lavanderia, será entregue e apresentado o projeto executivo destes ambientes. Esta oficina encerra o processo de projeto arquitetônico.

Duração total: 2h

Bloco A: Entrega do Caderno de Projeto Executivo e Apresentação Instrumentos: Caderno Executivo Duração: 1h

- Entrega do Caderno e Apresentação da Proposta

Entrega do caderno executivo e tabela de materiais e apresentação da proposta. Explicar a ordem dos desenhos e como devem ser lidos, relembrando os tipos de representação 2d e 3d aprendidos nas oficinas anteriores – plantas, vistas, cortes e perspectivas.

Bloco B: Oficina de Leitura de Projeto Instrumentos: Caderno Executivo Duração: 1h

- Passeio pelos ambientes da intervenção

Com o caderno em mãos, pedir para que os moradores andem pelo espaço e identifiquem os elementos e 2d no espaço 3d, certificando que possuem completa apreensão do projeto.

 \sim 224

Oficina de início do processo urbano. Será aplicado um questionário para compreender a relação dos moradores com o entrono imediato.

Duração total: 2h

Bloco A: Contextualização

Instrumentos: Questionário

Duração: 30min

- Introdução à escala urbana

Explicar do que se trata o projeto urbano dentro do projeto e contextualizar o questionário, lendo as questões em conjunto e tirando dúvidas.

Bloco B: Colhimento de Dados

Instrumentos: Questionário

Duração: 30min

- Aplicação do Questionário

Aplicação do questionário, tirando as dúvidas dos participantes quando necessário.

Oficina 07

A oficina 07 tem por intuito a apresentação da proposta elaborada a partir dos dados e debater alterações. Esta será realizada após a apresentação do TCC e representará o encerramento do processo de projeto urbano.

Duração total: 2h

Bloco A: Apresentação da Proposta Urbana

Instrumentos: Anteprojeto Urbano

Duração: 30min

- Apresentação da proposta

Apresentação do masterplan e anteprojeto urbano, relacionando-o com as informações colhidas em questionário.

- Debate sobre alterações

Logo após, os participantes devem fazer suas considerações sobre o projeto em conjunto, debatendo o programa de necessidades e os impactos da proposta na vida comunitária.

Bloco B: Encerramento

Instrumentos: -

Duração: 30min

- Roda de Conversas

Será debatido o processo para os participantes e suas percepções. Representará um momento importante para a pesquisa e continuação das atividades junto à casa, visto que se pretende continuar o processo de assessoria durante a execução futura do projeto. Fonte: Autoria Própria

APÊNDICE C | Questionário

DADOS PESSOAIS

IDADE AUTODECLARAÇÃO DE COR []amarela []preta [] IDENTIDADE DE GÊNERO	ORIENTAÇÃO SEXUAL
[] mulher cis [] mulher trans [] agênero [] homem cis [] homem trans []	[] homossexual [] bissexual [] panssexual []
QUESTIONÁRIO 1. ESTÁ HÁ QUANTO TEMPO NA CASA?	7. VOCÊ EVITA ALGUMA ÁREIA DO BAIRRO EM ALGUM DIA E/OU HORÁRIO ESPECÍFICO? SE SIM, QUE ÁREA, EM QUE DIA/HORÁRIO E POR QUÊ? (Descrever em texto e marcar em mapa) Área Motivo Dia Horário
	1
2. QUAL A SUA RELAÇÃO COM O BAIRRO? [] sempre morei por aqui [] sou novx na cidade [] sou novx no bairro []	(2) (3) (4)
3. QUE PALAVRAS ME VEM A CABEÇA QUANDO PENSO EM SEGURANÇA? (Podem ser palavras ou desenhos)	CASA TRANSFORMAR MERCADINHO R. JOSÉ MAURÍCIO CRAS+ ESCOLA LI LEMBRE MARIA
4. QUANDO VOCÊ CAMINHA PELO BAIRRO, VOCÊ SE SENTE MUITO SEGURE OU MUITO INSEGURE? [Marque 0 para muito insegure ou 10 para muito segure] 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10	COMETĂ B ATACADÃO
5. QUE ELEMENTOS FÍSICOS DO BAIRRO FAZEM COM QUE SE SINTA ISEGURE? *Caso deseje, pode demarcar no mapa os pontos do entorno que você identifica estes problemas [] muita iluminação [] obstáculos na calçada [] pouca iluminação [] carros estacionados na rua [] muros altos [] calçadas quebradas [] muros baixos [] falta de comércio [] visão da rua [] rua muito movimentada [] asfalto degradado [] rua pouco movimentada	8. DE ZERO A DEZ, QUANTO VOCÊ ACHA QUE A VIZINHANÇA RESPEITA AS PESSI QUE MORAM OU FREQUENTAM A CASA TRANSORMAR? (Marque o para não respeitam ou 10 para respeitam muito) 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 9. Como Poderia Melhorar a Sensação de Segurança no Bairro?
[]	10. COMO PODERIA MELHORAR A SENSAÇÃO DE SEGURANÇA NO BAIRRO PARA COMUNIDADE LGBTQIA+? 11. Você teria algo a adicionar que não foi perguntado?

VIDA COTIDIANA EE SEGURANÇA

- 12. LISTAR TRAJETOS COTIDIANOS E MARCÁ-LOS NO MAPA, REPRESENTANDO O TRAJETO COM UMA LINHA (USAR AS CORES PARA DIFERENCIAR OS TRAJETOS).
- 13. MARCAR NO TRAJETO OS LOCAIS QUE SE SENTE MAIS SEGURE (COM BOLA) OU INSEGURE (COM X).
- 14. MARCAR LOCAIS NO ENTORNO QUE SE SENTE MAIS SEGURE (EM AZUL) QU INSEGURE (EM VERMELHO), CIRCULANDO A ÁREA.

PERCURSO	PERÍODO	COMPANHIA	MEIO DE TRANSPORTE	DESTINO	ATIVIDADE
	(Š) manhã	sozinhe sozinhe	🕏 a pé		
	tarde 🌣	🙀 em dupla	(a) de ônibus		
	onoite	três ou mais	Ŏ		
	(Š) manhã	sozinhe sozinhe	🔅 a pé		
	tarde 🎇	🗰 em dupla	(a) de ônibus		
	onoite	três ou mais	Ŏ		
	(Š) manhã	(sozinhe	🕏 a pé		
	tarde	em dupla	(a) de ônibus		
	o noite	três ou mais	Ŏ		
	anhã manhã	sozinhe	🏂 a pé		
	tarde 🌣	🗰 em dupla	a de ônibus		
	(C) noite	três ou mais	O		



APÊNDICE D | termo de Consentimento

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa acadêmica de conclusão de curso de Arquitetura e Urbanismo intitulada "Sobrevivências Queer e Transgressões da Esfera Pública: A Experiência de Assessoria Técnica para uma Casa de Acolhimento para Lgbtq+ em Situação de Vulnerabilidade Social e Intervenção Urbana". Você é participante importante para a produção de um projeto de assessoria técnica horizontal e participativo. Mesmo assim, sua participação não é obrigatória.

A presente pesquisa tem por objetivo elaborar um projeto de assessoria técnica para a Casa TRANSformar. Propõe-se, portanto, um projeto de arquitetura para reforma da Casa TRANSformar, casa de acolhida para a comunidade LGBTQIA+ por meio de assessoria técnica que se utilize de metodologias participativas e que possa partir das reais e atuais demandas, de modo a capacitar pessoas LGBTQIA+ para que participarem ativamente do processo de projeto e ganhem autonomia.

Para realização da pesquisa, realizaremos sete (07) encontros presenciais para realização de oficinas participativas que devem envolver todos ou grande parte dos moradores de modo a gerar um produto que seja fruto das necessidades gerais e específicas de cada um. Você está sendo convidado (a) a participar e abrigar estas oficinas e fornecer as informações que forem relevantes para a elaboração do projeto. Todas as informações coletadas durante as oficinas e por meio de questionários que possam ser aplicados serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos.

Caso haja aplicação de questionário, os nomes dos respondentes serão confidenciais e as informações presentes serão sigilosas, passando apenas pela análise do pesquisador. De qualquer forma, todas as informações colhidas e fornecidas por você e pelos moradores durante a pesquisa são confidenciais, tendo em vista assegurar o sigilo da sua participação. No caso de divulgação dos resultados e ou dados em publicações científicas e ou em apresentações, será atribuído um nome fictício ou código (exemplo: entrevistado número 01) no sentido de, mais uma vez, garantir o seu sigilo.

Sinta-se à vontade para fazer qualquer pergunta antes, durante ou depois das oficinas. Você também poderá me procurar para complementar, retificar ou até mesmo alterar alguma informação prestada caso sinta necessidade. A qualquer momento, você também poderá desistir de participar e contribuir com a pesquisa e retirar seu consentimento. É muito importante que saiba que sua recusa não trará nenhum prejuízo à sua relação com o pesquisador e com a instituição de ensino e pesquisa.

Pablo Sales de Rosa (pesquisador)

Telefone: (85)99660-7000 arqpablorosa@gmail.com Nik Hot (proprietária da Casa TRANSformar)

Telefone: (85)98916-6653 casatransformar2020@gmail.com

228

APÊNDICE E | Descrição das Oficinas

Abertura do Processo Data de realização: 14/07/2020

Período: 14:00 – 15:00 Participantes: 9 pessoas

Este encontro foi marcado para reafirmar os laços depois de um período de 05 meses desde a primeira ida à casa feita pelo pesquisador. Deste modo, tendo em vista que a proprietária apresentou uma certa resistência para a realização deste encontro – resistência esta que foi amenizada após uma conversa com a advogada da casa –, optou-se por reafirmar a parceria por meio de uma roda de conversas com a proprietária e os moradores da casa antes do início das oficinas.

Chegou-se à Casa TRANSformar as 14:00 e foi realizada uma visita pelos cômodos da edificação, onde a proprietária mostrou as alterações que já foram feitas na casa desde a última visita. Notou-se que, até aquele momento, já havia sido feita requalificação do jardim frontal, sala de estar, cozinha e quartos. Também foram feitas pinturas murais no pátio central, e revitalização da área de serviço. Após o passeio, sentamos no pátio com a proprietária e cerca de 08 moradores para uma conversa.

Neste momento, a proprietária ressaltou a relevância de reivindicar os corpos travestis e dissidentes pois muitas travas conhecidas já morreram ou foram hospitalizadas e tiveram seus nomes renegados e divulgados no masculino. Ressaltou que muitas pessoas querem apoiar causas LGBTQI+ no mês do orgulho – no mês de junho, anterior ao mês da visita, é comemorado no mundo inteiro o mês do orgulho LGBTQI+ –, querem colocar travestis em campanhas, mas quando tudo passa, esquecem dessas pessoas.

Foi explicado, também, no que consiste a lei de ATHIS de modo a fornecer serviços de arquitetura para uma população que não teria acesso, explicando o público-alvo e a intenção do trabalho de alargá-lo para integrar outros grupos sociais que possuem problemáticas no que tange à moradia. Falou-se da falta de estrutura para aplicação da lei, onde as formas de atuação nesse sentido se limitam a alguns editais, programas de extensão das universidades e escritórios particulares.

Um ponto relevante desta visita era deixar claro a intenção da pesquisa, de modo a evitar a geração de expectativas que podem ir de encontro ao que se propõe. Desse modo, explicou-se que o trabalho possuía duas principais frentes de atuação: uma primeira referente a atuação que visa contribuir para as melhorias habitacionais da casa dentro do escopo da arquitetura e urbanismo e de acordo com as necessidades específicas da casa, deixando claro o protagonismo deles no projeto, e uma segunda frente de atuação referente à capacitação, os ensinamentos de como usar uma trena, como fazer um levantamento, como elaborar uma planta baixa e realizar quantitativos. Intenciona-se, portanto, a geração de autonomia e a possibilidade de autogestão.

Para que pudessem compreender como este projeto poderia contribuir, reforçou-se a possibilidade de diminuição de gastos com materiais por meio de quantitativos, possibilidade de autogestão e direcionamento de custos por meio de campanhas específicas e separadas por setores de intervenção. Para além disso, reforçou-se a geração de sentimento de pertencimento, autonomia e possibilidade de utilização das imagens 3d para divulgar o projeto para arrecadação de fundos.

Por fim, foi dito que por ser um projeto participativo, seria necessário um interesse, engajamento e contribuição de todos durante a pesquisa. Explicou-se, também, que haveria a possibilidade de aplicação de questionários, mas todos terão seus nomes trocados e mantidos em sigilo para preservar suas identidades.

Após a finalização da roda de conversa, a proprietária nos levou para conhecer outros cômodos da casa. Fomos apresentados a uma edícula solta nos fundos do pátio que a proprietária revitalizou para que servisse de estúdio para ela e demais artistas LGBTQI+ em começo de carreira. Posteriormente, observou-se que esse espaço também possuía uso flexível, como estoque e exposição de bazar, ou biblioteca, por exemplo. Por fim, fomos apresentados ao quintal dos fundos de onde surgiu a primeira demanda de uma praça interna e ao recuo lateral que também havia a intenção de requalificá-lo para uso dos moradores.

Data de realização: 28/07/2020

Período: 15-17:30 Participantes: 10 pessoas

Material: trena 30 metros, papel milimetrado A4, réguas 30cm, pranchetas, lápis e borracha. Como exposto anteriormente, foi realizada uma alteração no roteiro original das oficinas de maneira simplifica-las e torna-las mais segura. A mudança no plano de ação ocorreu, assim, devido ao período de incertezas no qual realizamos esta pesquisa, onde as datas para realização dos encontros são incertas. Sendo assim, pode-se realizar um levantamento e uma dinâmica por encontro, onde no encontro seguinte será apresentado o estudo preliminar do encontro anterior e assim por diante.

A oficina 01 foi dividida em três momentos: um primeiro momento de contextualização, um segundo momento de levantamento e um terceiro momento de oficina de layout com apresentação de propostas.

Parte I

Na primeira parte, foi feita uma roda de conversa com os moradores para contextualizar a oficina no trabalho, explicando o intuito da pesquisa, no que irá consistir a oficina e explicando o que será feito por cada um. Ainda nesse primeiro momento, foram apresentados os instrumentos de medição e desenho que seriam utilizados naquele dia.

Foi apresentada a trena, mostrando como se usa, como se lê a trena e as medidas de proteção ao usar. Foi explicado que a trena seria utilizada para a medição de distancias "reais" e a régua para efeito de desenho/projeto. Deste modo, foi apresentada a régua, mostrando que para este projeto, devido à grande escala do ambiente, seria utilizada a escala de 1:200, considerado que cada 1 metro na trena, ou seja, no mundo real, seria equivalente a 50 centímetros no desenho, dimensão referente à um "quadradinho" pequeno da malha papel milimetrado.

Por fim, foi apresentado o papel milimetrado, demonstrando as dimensões da malha e explicando que ele pode ser utilizado como base para a realização do desenho da planta baixa. Estando todos cientes e em concordância com a atividade do dia, passou-se para a segunda etapa da oficina.

Parte II

Este segundo momento consistiu na execução do levantamento (Figuras 91, 92, 93, 94, 95 e 96). O levantamento foi executado pelo pesquisador e pelo morador e proprietário Davy.

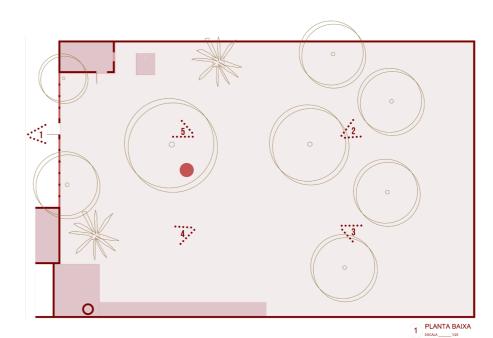


Figura 91 – Planta Baixa do Levantamento do Quintal com Indicação das Visuais. Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 92 – Visual 01. Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 93 – Visual 02. Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 94 – Visual 03. Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 95 – Visual 04. Fonte: Arquivo Pessoal



235

Figura 96 – Visual 05. Fonte: Arquivo Pessoal

No desenho elaborado durante o levantamento, foram feitas anotações das necessidades apontadas pelos participantes. Após finalizar o levantamento e tirar as fotos, prosseguiu-se para a próxima etapa da oficina.

Parte III

A terceira e última parte da oficina consistiu na elaboração da proposta por parte dos moradores. Neste momento o pesquisador passou a limpo o levantamento que estava em formato de croqui sem escala para o papel milimetrado na escala de 1:200. Explicou-se que este seria o formato do terreno em escala e, por meio do uso da régua e papel milimetrado, os moradores poderiam replicar o desenho e assim começar a proposta.

Ainda antes que começassem a desenhar, foi explicado o que significava cada elemento do desenho como portas, divisórias, paredes e canteiros. Mostrou-se, também, diversos exemplos de plantas baixas, incentivando os moradores a usar a criatividade para a representação de suas ideias, sem medo de errar. Foram distribuídos os lápis, papéis, réguas e pranchetas e todos começaram a desenhar (Figuras 97, 98 e 99). Foi incentivado que fizessem o desenho em escala, porém nem todos o fizeram. O pesquisador esteve presente como observador e tirando dúvidas de representação de desenho.

Figura 97 – Registro da Oficina de Layout com os participantes. Fonte: Arquivo Pessoal





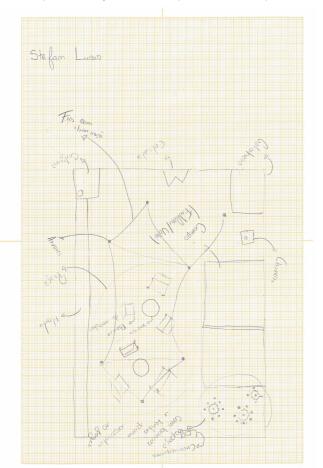
Figura 98 – Registro da Oficina de Layout com os participantes . Fonte: Arquivo Pessoal

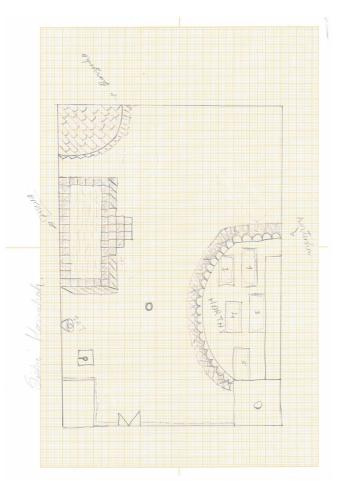


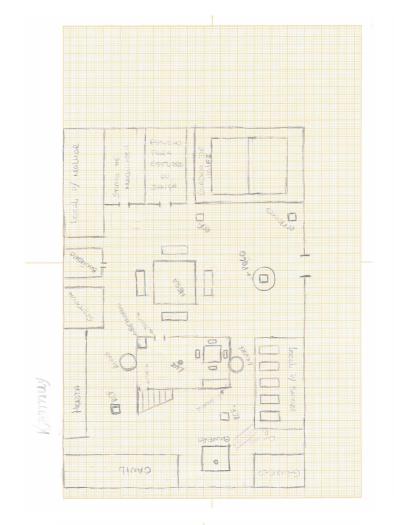
Figura 99 – Registro da Oficina de Layout com os participantes . Fonte: Arquivo Pessoal

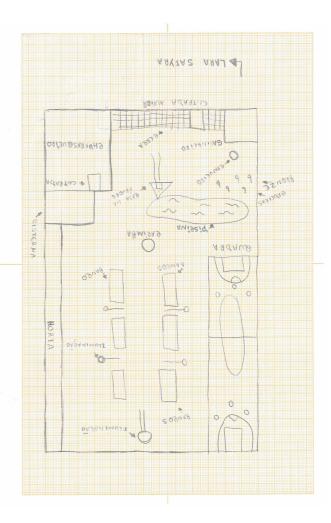
Notou-se que muitos tiveram dificuldade de representar o mobiliário, abrindo um debate entre os próprios moradores que mostraram como cada um tinha representado seus mobiliários nas suas propostas. A principal e mais frequente dúvida foi referente à representação dos mobiliários para a compreensão do desenho, visto que não haviam blocos de mobiliário e que surgiram diversas maneiras de representação (exemplo: alguns representaram um banco como um traço, outros como um ponto, alguns como círculo, outros até mesmo em perspectiva). Pediu-se que, se possível, anotassem ao lado do desenho as atividades que desejam desempenhar nesse espaço (tomar banho, plantar, tomar sol, etc). Ao finalizarem, pediu-se que colocassem seus nomes nas folhas para facilitar o entendimento e identificação das propostas. Por fim, à medida que terminaram, cada um apresentou sua proposta (Figuras 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108 e 109), explicando sua implantação e o porquê da escolha desta setorização.

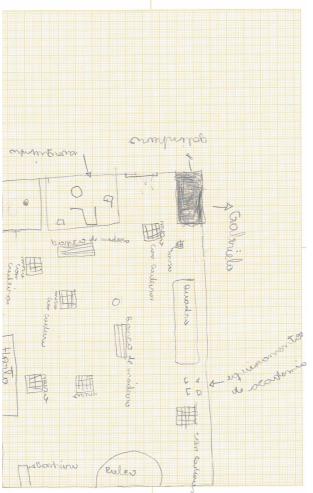
Figuras 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108 e 109 – Propostas de Layout dos Participantes . Fonte: Arquivo

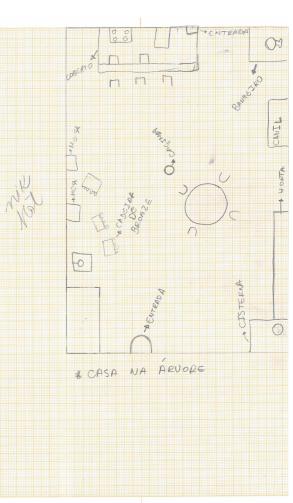


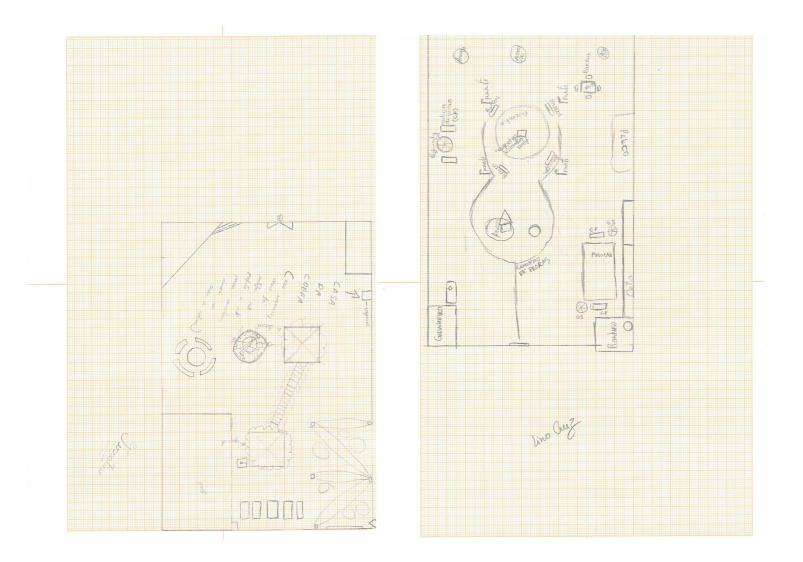


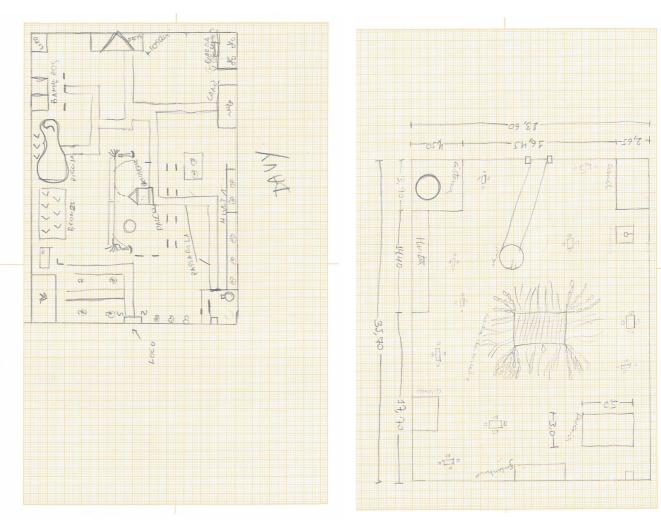












Pôde-se identificar como demandas recorrentes na maioria das propostas apresentadas a implantação de uma horta, criação de um canil, área de socialização, espaço para eventos, festas e rodas de conversa, espaço para banho de Sol, quadra de vôlei/futebol, quiosque/bar e uma casa na árvore.

Por fim, esta primeira oficina se mostrou uma experiência positiva e contou com a participação de todos os moradores da casa que por sua vez se mostraram muito gratos pela oportunidade, ressaltando o quanto puderam aprender por meio da criação desta proposta. Foi consenso que este aprendizado seria bastante relevante para quando precisassem de alguma alteração nas suas casas.

Explicou-se que na oficina seguinte seria mostrada a proposta de estudo preliminar do quintal e onde seria executado o levantamento dos banheiros, próximo ambiente a ser trabalhado por demanda dos participantes

Data de realização: 04/08/2020 Duração: 15:00 – 17:40 Participantes: 05 pessoas

Material: Estudo Preliminar do Quintal, trena de 5 metros, papel milimetrado, A4, pranchetas, lápis e borracha

A oficina 02 estruturou-se em dois momentos. Um primeiro de apresentação da proposta de estudo preliminar da primeira proposta do quintal e o segundo de levantamento dos banheiros.

Parte I

No primeiro momento, foi explicado como se deram as etapas de projeto. Lembrou-se do ponto de partida que foi o levantamento feito na semana anterior e a oficina de layout feita com os moradores. Foi explicado que a partir dos desenhos feitos por eles, efetuou-se uma leitura das plantas de modo a identificar as necessidades apontadas e a espacialização destas. Desse modo, a partir dessa leitura, elaborou-se o programa de necessidades (Quadro 05).

AMBIENTE	ÁREA APROXIMADA	EXISTENTE	DEMANDA	QUANTIDADE
GALINHEIRO	11M ²	SIM (FUNCIONA)	10 REPRESENTAÇÕES	01
CANIL	13.5M²	NÃO	O4 REPRESENTAÇÕES	01
CHUVEIRÃO	O3M²	SIM (NÃO FUNCIONA)	08 REPRESENTAÇÕES	01
PISCINA/TANQUE	26M ²	NÃO	OG REPRESENTAÇÕES	01
HORTA	19.5M²	SIM (NÃO FUNCIONA)	09 REPRESENTAÇÕES	01
CASA NA ÁRVORE	37.5M ²	NÃO	OG REPRESENTAÇÕES	02
ÁREA PARA BRONZE	50M²	NÃO	O6 REPRESENTAÇÕES	01
BANHEIROS	09M²	NÃO	05 REPRESENTAÇÕES	02
CASA DE LIXO	O3M²	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	01
ÁREA DE JOGOS	18M²	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	01
QUIOSQUE/BAR	12M²	NÃO	O5 REPRESENTAÇÕES	02
BICICLETÁRIO	08M²	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	01
PALCO	-	NÃO	O4 REPRESENTAÇÕES	01
ILUMINAÇÃO	-	NÃO	O5 REPRESENTAÇÕES	-
ÁREA DE BANCOS	330M ²	NÃO	09 REPRESENTAÇÕES	02
CHAFARIZ	-	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	N/A
REDÁRIO	18M²	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	01
PARQUINHO	16M²	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	01
QUADRA DE VÔLEI	162M²	NÃO	O5 REPRESENTAÇÕES	01
REFORMA DA ENTRADA	-	SIM (NÃO FUNCIONA)	O3 REPRESENTAÇÕES	01
ACESSO PELA ÁREA DA CHURRASQUEIRA	-	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	01
ACADEMIA AO AR LIIVRE	12M²	NÃO	O2 REPRESENTAÇÕES	01
ESTUDIO DE MAQUIAGEM	-	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	N/A
SALA DE DANÇA	-	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	N/A
LIVRARIA	-	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	01
FOGUEIRA	-	NÃO	O1 REPRESENTAÇÕES	N/A

Quadro 05 – Programa de Necessidades do Quintal com Base nos Layouts. Fonte: O autor

O programa discriminou todos os ambientes colocados em planta nos 10 desenhos analisados, indicando a área aproximada que estas atividades tomariam, indicando se a atividade já possuía estrutura para tal e, caso houvesse, se estava em pleno funcionamento. A tabela especificou também a quantidade de vezes que cada elemento apareceu nas plantas baixas e quantas unidades seriam colocadas em projeto.

Assim, explicou-se que a partir deste programa de necessidades e das áreas, elaborou-se uma setorização em planta destas atividades, sempre levando em consideração a localização indicada nas plantas, as preexistências e a vegetação existente. A partir disso, criou-se o layout da proposta inicial que foi apresentado em planta baixa humanizada e algumas imagens 3D (Figuras 110, 111 e 112).





Figura 111 – Imagem 3d da Proposta Inicial para o Quintal



Figura 112 – Imagem 3d da Proposta Inicial para o Quintal Fonte: Acervo Pessoal

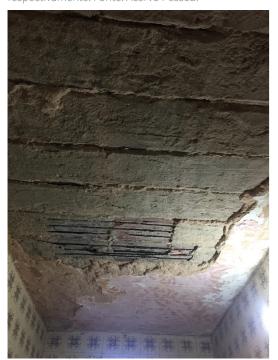
Após a apresentação da proposta, abriu-se o diálogo para que fizessem suas considerações e alterações. Neste momento, todos disseram que estavam bastante satisfeitos com a proposta, alegando que o apresentado superou as expectativas que tinham para o local, demonstrando que estavam ansiosos para arrecadar verbas para a execução.

Explicou-se que esta era uma proposta inicial, estando sujeita a alterações futuras e que posteriormente seria apresentada e entregue a proposta final. Mais adiante, veremos que este espaço sofreu algumas modificações.

Parte II

Finalizado este primeiro momento, partiu-se para a segunda metade da oficina daquele dia. Deste modo, como conversado na semana anterior, os ambientes a serem trabalhados naquele dia seriam os dois banheiros da casa principal. Vale ressaltar que a Casa TRANSformar é localizada numa casa que já possuía em sua estrutura algumas patologias (Figuras 113, 114, 115, 116, 117 e 118).

Figuras 113 e 114 – Queda do reboco dos banheiros 01 e 02, respectivamente. Fonte: Acervo Pessoal

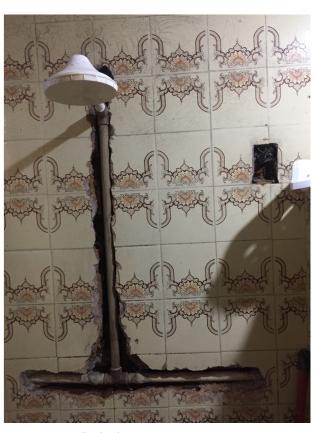






Figuras 115 e 116 – Quebra do piso dos banheiros 01 e 02, respectivamente . Fonte: Acervo Pessoal





Figuras 117 e 118 – Sanitário desligado do ramal de água no banheiro 01 e encanação do chuveiro aparente no banheiro 02, respectivamente. Fonte: Acervo Pessoal

No caso dos banheiros, pode-se citar a queda do reboco e parte do recobrimento das armaduras da laje, deixando a armação da laje aparente e oxidando. No banheiro social, onde a caixa d'água em concreto está localizada logo acima, há vazamento de água em dias de chuva, demonstrando falta de impermeabilização. Além disso, a pia do banheiro social foi removida. Alguns trechos do revestimento das paredes e do piso no trecho do chuveiro caíram, deixando riscos à integridade física dos usuários e problemas de salubridade.

No banheiro da suíte há um vaso sanitário que se encontra interditado e a tubulação do chuveiro se encontra exposta. Também há queda de revestimento de alguns trechos das paredes e do piso no box do chuveiro. Vale ressaltar que a caixa d'água da casa se encontrava em desuso, devido aos problemas relatados, e o abastecimento de água ocorre por meio de ligação diretamente para as torneiras e chuveiros.

Levando em consideração estas patologias, elaborou-se o levantamento dos dois ambientes (Figura 119) incluindo a reforma da laje, troca das louças/equipamentos sanitários e substituição de revestimentos. Para tanto, antes de começar o levantamento, explicou-se novamente como utilizar a trena para medição, mostrando as travas e por onde fazer a leitura em metros (m).

Os moradores realizaram o levantamento (Figuras 120, 121 e 122). De início, o morador que fazia o desenho demorou um pouco para compreender as representações, unidades de medida e abreviaturas utilizadas normalmente, mas logo se acostumou. Já para a medição, houveram poucas dúvidas a respeito de como manusear a trena e de pontos de medição (exemplo: o que medir do eixo e o que medir das laterais). Ao final do processo, uma das moradoras disse que agora que já sabia como usar a trena ela já poderia medir sozinha os ambientes da casa, mostrando que a vertente de capacitação da oficina foi atingida.

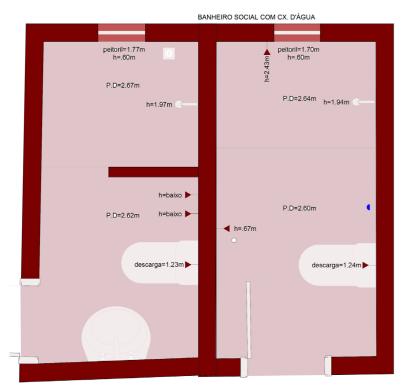


Figura 119 – Planta de Levantamento dos Banheiros 01 e 02 . Fonte: Autoria Própria



Figura 120 – Execução do levantamento do Banheiro 01 por duas participantes . Fonte: Acervo Pessoal





249

Figuras 121e 122 – Execução do levantamento do Banheiro 01 por uma participante e Orientação de representação com participante, respectivamente. Fonte: Acervo Pessoal

Por fim, foram tiradas dúvidas a respeito de quais profissionais seriam necessários para execução dessas intervenções no banheiro. Os moradores que participaram da oficina também fizeram suas considerações sobre a oficina afirmando que não sabiam que um levantamento era tão complexo e que gostaram bastante de ter este conhecimento.

Data de realização: 18/08/2020

Período: 15-17:00 Participantes: 05 pessoas

Material: trena 30 metros, trena 5 metros, papel milimetrado A4, réguas 30cm, pranchetas, lápis e borracha.

A Oficina 03 contou com a participação de cinco moradores que estavam presentes e foi dividida em dois momentos, onde na primeira parte foi apresentada a proposta inicial de estudo preliminar dos banheiros e caixa d'água e, na segunda parte, foi feito o levantamento da antiga lavanderia e recuo lateral.

Parte I

Referente à caixa d'água, orientou-se que solução por meio de uma estrutura independente e externa a casa, apontada por um dos participantes no encontro anterior como uma possibilidade, seria mais onerosa e esteticamente menos agradável, devido as tubulações externas. Portanto, levando em consideração a necessidade de retirar a caixa d'água em concreto existente que apresentava muitas patologias, optou-se pela reconstrução da laje e alvenarias e instalar uma caixa dágua 1.500l de polietileno , aplicar um forro de PVC nos banheiros, erguer uma estrutura de quatro pilares nos cantos dos banheiros, estariam dispostas sobre uma laje impermeabilizada que, por sua vez, está sobre quatro vigas de borda e mais duas outras vigas: uma transversal e uma longitudinal (Figuras 123 e 124).

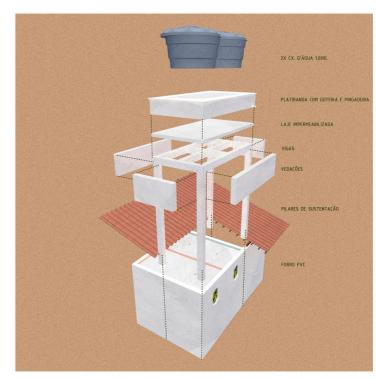


Figura 123 – Perspectiva Explodida do Bloco de Banheiros Isolado Representando a Intervenção Proposta. Fonte: Acervo Pessoal



Figura 124 – Perspectiva do Bloco de Banheiros Isolado Representando a Intervenção Proposta. Fonte: Acervo Pessoal

Levando em consideração que a retirada da laje danificaria ainda mais os revestimentos internos dos banheiros já deteriorados, criou-se um projeto para troca dos revestimentos, louças e adição de mobiliário internos (Figuras 125, 126, 127 e 128). Optou-se por aplicar revestimento nas paredes até 1,80 metros para diminuir os custos com material e sugerir uma pintura nas cores rosa e azul para manter a identidade da casa.

Foi trocado o piso, os sanitários, lavatórios e chuveiros e foram adicionadas prateleiras e estantes de pallets para apoio e guarda de materiais de limpeza. Nesta proposta, optou-se por manter a locação original das louças para minimizar as intervenções na obra, porém posteriormente concluiu-se que o layout original era pouco funcional e, para o projeto final, foi alterada a disposição dos elementos, locando as pias, bacias sanitárias e chuveiros para uma parede só, liberando a passagem e possibilitando a abertura de uma porta do banheiro 02 para a área social da casa.

Após a criação do projeto da nova lavanderia, percebeu-se também que não havia a necessidade de guarda de produtos de limpeza nos banheiros, visto que a lavanderia possuiria espaço para tal, o que reduziu o tamanho das prateleiras que haviam.

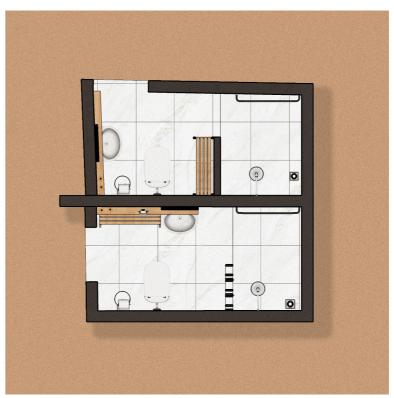


Figura 125 – Planta Baixa da Proposta Banheiros. Fonte: Acervo Pessoal

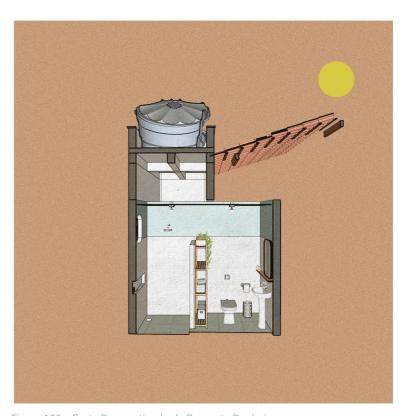
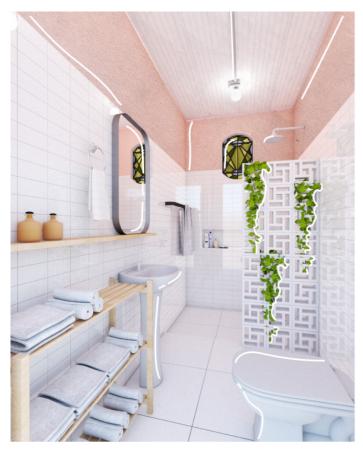


Figura 126 – Corte Perspectivado da Proposta Banheiros Fonte: Acervo Pessoal





Figuras 127 e 128 - Imagens 3D dos banheiros 01 e 02, respectivamente.Fonte: Acervo Pessoal

De acordo com a fundadora do projeto, a intervenção nos banheiros seria o primeiro projeto a ser executado, dada a situação de precariedade da laje e revestimentos que no momento afetam a segurança e integridade física dos moradores. Deste modo, elaborou-se de antemão o projeto executivo dos banheiros e da nova lavanderia (ver nos apêndices) - ambiente adjacente aos banheiros e integrante dos setores de intervenção que foi anexado para facilitar a obra, visto que as duas intervenções implicam alteração e adição de pontos hidráulicos.

Parte II

No segundo momento da oficina, foi feito o levantamento Figuras 129 – Imagens 3D dos banheiros 01 e 02, respectivamente. da antiga lavanderia e recuo lateral (Figura 129). Neste local, pode-se constatar que o alpendre que abriga a antiga lavanderia existente está bastante desgastado, apresentando buracos nas telhas e um madeiramento muito esbelto que provocou envergadura por momento fletor nas ripas (Figura 130). A cerâmica do piso é escorregadiça e, portanto, inadequada para áreas externas, possuindo ainda trechos quebrados ou inexistentes (Figuras 131). Além disso, foi relatada a intenção de trazer a lavanderia para um espaço interno da casa e transformar o espaço num local de lazer e interações. Já para o recuo lateral (Figuras 132 e 133), pediu-se que se trabalhasse o paisagismo da área para contemplação. O levantamento foi realizado pelos moradores Jader e Safira, com orientações do pesquisador (Figuras 134 e 135).

Fonte: Acervo Pessoal

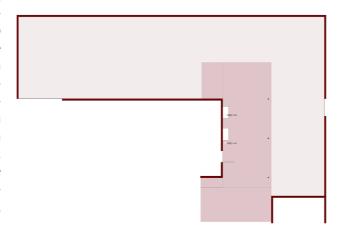


Figura 130 – Alpendre com telha deteriorada e armação comprometida por excesso de carga, provocando um momento fletor .Fonte: O Autor



Figura 132 - Trecho do Recuo Lateral e Conexão com Quintal



Figura 131 – Vista interna do alpendre com trechos do piso sem cerâmic.Fonte: O Autor



Figura 133 - Recuo Lateral. Fonte: O Autor





Figuras 134 e 135 – Medição e desenho do levantamento, respectivamente. Fonte: O Autor





Tentou-se priorizar o uso da trena de cinco metros devida a maior familiarização dos moradores com o manuseio e leitura desta, utilizando a trena de trinta metros apenas para distâncias maiores que cinco metros. Foi introduzido aos moradores mais duas formas de representação em arquitetura: a vista e o corte, para que pudéssemos representar melhor os pontos hidráulicos e elétricos (vista) e inclinação da coberta em corte. Ao final, juntou-se os desenhos e foi feito o encerramento daquele dia.

Data de realização: 08/09/2020

Período: 15:30-17:30 Participantes: 13 pessoas

Material: Projetos anteriores, trenas de 5 e 30 metros, papel milimetrado A4, pranche-

tas, lápis e borracha

A Oficina 04 aconteceu de forma a continuar algumas pendências da Oficina 03 e também para tentar colher alguma necessidade de mudança nos projetos anteriores. Ao longo do processo até aquele momento, foi sentida a falta de contrapartidas dos participantes em relação às propostas apresentadas, visto que a etapa de apresentação da proposta deveria ser um momento de debate e alterações. Todavia, sempre que uma proposta era apresentada os participantes aprovavam sem que houvesse algum julgamento crítico sobre o desenho. Esta reflexão suscitou a necessidade de reiterar a vertente participativa do projeto e reapresentar as propostas, agora num local de debate destas soluções projetuais.

Para tanto, a oficina foi dividida em três momentos. O primeiro momento de introdução e reapresentação da proposta contou com a presença de dois novos moradores e dois visitantes, além dos moradores que já estavam participando do processo. O segundo momento foi um passeio pelos ambientes levantados na oficina 03, onde foi realizada a apresentação da proposta e reavaliado o desenho. O terceiro momento consistiu no levantamento do ambiente que abrigará a nova lavanderia.

Parte I

No primeiro momento, foi reiterada a questão do protagonismo dos moradores no processo de projeto, reafirmando que estava sentindo falta de uma contrapartida em relação as propostas, de modo a identificarem alterações para algumas soluções projetuais que não vão ao encontro de suas reais necessidades, por menores que fossem.

Desse modo, começou-se reapresentando a proposta do quintal para que pudessem identificar algum ponto crítico. Neste momento, o proprietário Davy pediu que mudasse a arquibancada de lugar, visto que a mesma se encontrava encostada no muro de um vizinho no qual já tiveram atritos. Dessa forma, para que o possível ruído gerado não incomodasse o vizinho, trocar-se-ia a arquibancada para o outro lado da quadra de vôlei. Levando em conta que não foram colocadas nova questões, foi dito que a paginação de piso do quintal seria revisada para que se gastasse menos material e para que se facilitasse a execução, visto que a paginação anterior possuía alguns recortes que precisariam de material específico de corte (Figura 136).



Figura 136 – Alterações da Proposta Inicial do Quintal. Fonte: Acervo Pessoal

Referente ao projeto do banheiro, não houveram alterações. Todavia, foi levantada pelo pesquisador se havia a necessidade de integrar o banheiro 02 com a área comum da casa, visto que seu acesso se dava por meio de um quarto (suíte), retirando a privacidade daquele ambiente, ao que foi considerado algo necessário. Para tanto, foi sinalizado que haveria, portanto, a necessidade de realocar o layout deste ambiente para a execução desta abertura (Figura 137).

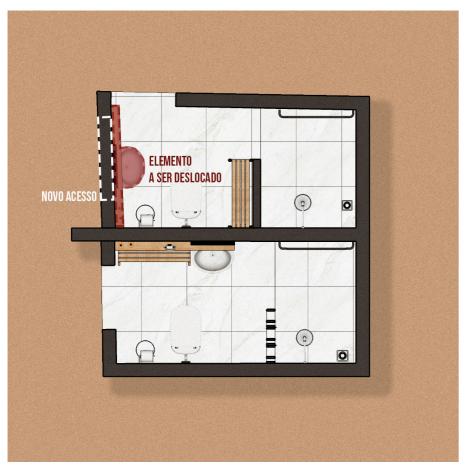


Figura 137 –Alterações da Proposta Inicial dos Banheiros .Fonte: O Autor

Também se perguntou sobre a setorização dos usos público e privado na casa, indagando aos moradores se tinham a intenção de separar áreas de uso público (familiares e visitantes) e de uso privativo, onde apenas os moradores poderiam acessar. A resposta foi que a readequação da área do jardim tinha como intuito a expansão para realização de mais atividades na casa, para que não acontecessem apenas no alpendre, como é agora. Deste modo, todos os moradores e visitantes poderiam fazer uso do espaço do quintal para as atividades que fossem ser propostas.

Parte II

Num segundo momento, foi apresentada a proposta preliminar para a antiga lavanderia e recuo lateral (Figuras 138 e 139) e pediu-se que todos se deslocassem para este espaço, onde todos pudessem visualizar o espaço sugerir atividades e mobiliários. Este momento foi particularmente interessante pois dada a pouca quantidade de informações colhidas na oficina anterior, o projeto elaborado para estes espaços tornou-se obsoleto quando se ouviram as reais necessidades dos participantes.

Figura 138 – Planta Baixa da Proposta Inicial do Alpendre e Recuo Lateral .Fonte: O Autor

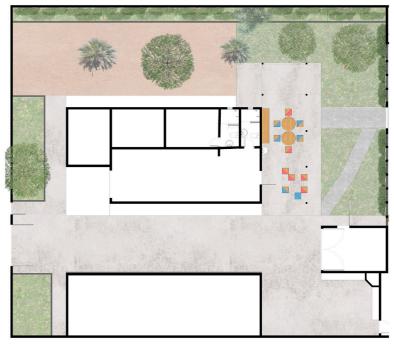


Figura 139 – Vista 3D da Proposta Inicial do Alpendre e Recuo Lateral .Fonte: O Autor



O estudo feito levou em consideração a fala de um dos proprietários afirmando que a lavanderia seria passada para um cômodo interno e que ali seria um espaço para lazer, solicitando a permanência de uma pia para lavar as mãos. Para a área de recuo, falou-se apenas em criar uma área de jardim. Todavia, as novas demandas que surgiram a partir da observação do local e das necessidades dos moradores fez surgir novos questionamentos para o espaço e, portanto, implicando num novo desenho (Figura 140).

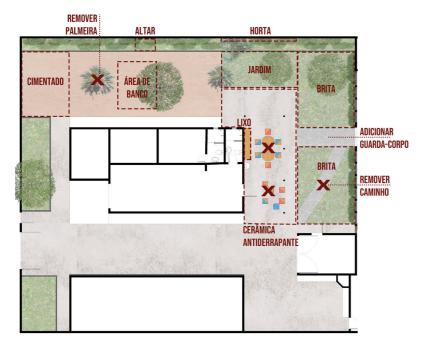


Figura 140 – Alterações da Proposta Inicial do Alpendre e Recuo Lateral Fonte: O Autor

Para a área coberta, continuou-se com a necessidade da pia, mas, no local da bancada, pediu-se a instalação de uma casa de lixo. Referente ao mobiliário, preferiu-se que não houvesse um mobiliário específico, deixando o espaço livre para aulas, exercícios físicos e para passagem, visto que será uma área de passagem para o quintal. Para o piso, ao invés do cimentado proposto, pediu-se que colocasse uma cerâmica antiderrapante, pois eles costumam pintar os pisos cimentados, mas a tinta sai com facilidade. Devido ao alagamento constante da área de conexão entre o alpendre e o quintal, pediu-se que acrescentasse um guarda-corpo para a segurança dos moradores. Já nas áreas alagáveis, pediu-se que trocasse a grama por brita, pois para eles diminui a poeira que entra na casa. No recuo lateral, solicitou-se uma pequena área de jardim para plantas e um mobiliário específico para um altar que havia sido começado a ser construído.

Mais adiante, foi elaborada uma proposta que leva em consideração estas questões, trazendo outras possibilidades de solução para o problema. Em relação ao piso, acredita-se que o cimentado seria a melhor opção de revestimento por possibilitar uma maior integração visual com o cimentado ao lado, possui menor custo e maior flexibilidade para pinturas e desenhos. Relativa à casa de lixo, o projeto final propôs a locação da mesma para fora da edificação, facilitando a coleta. Nas áreas alagáveis, foi proposta a implantação de caixas de brita que possuem caráter drenante e removem a necessidade do guarda-corpo.

Parte III

Por fim, num último momento, foi realizado o levantamento do espaço para onde a lavanderia será deslocada (Figuras 141, 142, 143, 144 e 145). O levantamento foi realizado por dois moradores que também apresentaram as necessidades para o espaço. Segundo eles, gostariam de um espaço de dispensa separado para alimentos e produtos de limpeza, área de pia com espelho, espaço para máquina de lavar e área para engomar roupas. Ao final, foi explicado os próximos passos da pesquisa, firmando o compromisso da entrega do projeto do banheiro e lavanderia para a oficina seguinte.

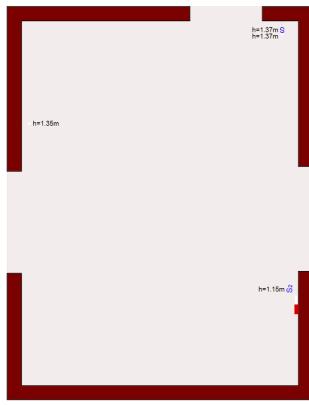


Figura 141– Planta Baixa do levantamento da Lavanderia.Fonte: O Autor

Figuras 142, 143, 144 e 145 – Patologias nas Paredes do Ambiente da Nova Lavanderia .Fonte: O Autor



 262

Data de realização: 06/10/2020

Período: 16:00-18:00 Participantes: 11 pessoas

Material: Projeto Executivo dos Banheiros e Lavanderia

A oficina 05 aconteceu para que fosse feita a entrega e apresentação do projeto executivo dos banheiros e nova lavanderia. O encontro contou com a presença de 11 pessoas, contando com os dois proprietários e um morador recém-chegado. Dividindo as atividades em dois momentos, resolveu-se por, num primeiro instante, apresentar o projeto lendo todas as pranchas em conjunto com os moradores e, logo após, fazer uma visita pelos cômodos para identificar os elementos do projeto (2d) no espaço (3d).

Parte I

Neste momento, foi entregue o projeto executivo dos banheiros e nova lavanderia (Figuras 146, 147, 148, 149, 150, 151, e 152) contendo uma tabela de materiais de revestimentos, louças, metais e mobiliário num caderno em A4 colorido. Foi explicada a quantidade de desenhos existentes, os serviços que serão feitos, esclarecendo que aquele projeto era referente ao projeto de arquitetura e indicando a necessidade de alguns projetos complementares para a real execução dentro das normas. Explicou-se como se fazer a leitura das peças gráficas, diferenciando planta baixa, vistas, cortes e detalhes. Explicou-se também como ler as legendas, cotas e tabelas.



Figura 146 – Perspectiva Isométrica Cortada da Intervenção dos Banheiros e Lavanderia.Fonte: O Autor

Figuras 147 e 148 – Perspectivas da Nova Lavanderia .Fonte: O Autor





Figuras 149 e 150 – Perspectivas do Banheiro 01 .Fonte: O Autor









Figuras 151 e 152 – Perspectivas do Banheiro 02 .Fonte: O Autor

A proposta entregue da nova lavanderia levou em consideração as necessidades apontadas pelos participantes na Oficina 02. A locação da máquina de lavar e tanque foi baseada na proximidade com os banheiros, de modo a aproveitar as instalações hidráulicas preexistentes. Foi proposto um setor para a passadeira móvel e uma área destinada a armazenagem de alimentícios e produtos de limpeza, separados por uma mureta de bloco de concreto.

A proposta dos banheiros, por sua vez, prevê a locação de bacias sanitárias com caixa acoplada, cubas suspensas sem torre e torneiras de parede. Vale ressaltar que a tabela de materiais que foi entregue é um norteador para o orçamento dos materiais e indica mais de uma opção para cada elemento, quando possível. Esta proposta entregue, por sua vez, já representa o projeto final destes ambientes e não sofreu alterações até a conclusão do trabalho.

Por fim, num momento de tira-dúvidas, não houveram perguntas, mas alguns quiseram folhear o projeto para entender melhor.

Parte II

Num segundo momento, foi solicitado que fizéssemos um passeio pelos cômodos que sofrerão alterações, de modo a identificar os elementos em projeto no próprio espaço. Neste momento, a maioria dos moradores que fizeram o percurso tiveram dificuldade de assimilar os elementos do desenho com o espaço físico. Notou-se, portanto, que apesar da noção prévia que alguns tiveram com o desenho 2D na fase de levantamento, muitos ainda demonstraram dificuldade de leitura do desenho técnico, principalmente ao diferenciar o que seria uma planta baixa das elevações e cortes. Todavia, a proprietária apresentou grande facilidade de leitura dos desenhos, onde a mesma acabou conduzindo a visita e ajudando os outros moradores a compreender o projeto, segurando-o na mão e apontando onde os elementos serão locados (Figura 153).



Figura 153 – Proprietária da Casa Conduzindo a Oficina de Leitura de Projeto.Fonte: O Autor

A Oficina 05 encerrou o processo de projeto das intervenções de melhorias habitacionais com a entrega do projeto executivo dos banheiros e nova lavanderia. Os demais projetos encaminhados até então serão entregues após a finalização deste trabalho, onde o processo de assessoria técnica prosseguirá.

Data de realização: 05/11/2020

Período: 09:00-11:00 Participantes: 9 pessoas

Material: Projeto Executivo, Termo de Consentimento, Questionário, Pranchetas e canetas azuis, pretas, vermelhas e verdes.

Encerrada a etapa arquitetônica do projeto com a entrega do caderno executivo, foi dado início ao processo de coleta de dados e projeto da parte urbana. Deste modo, estruturou-se as oficinas urbanas em dois encontros: o primeiro, correspondente a Oficina 06, onde foi feita a coleta de dados individuais e o segundo, correspondente a Oficina 07, onde será debatida a proposta com os participantes. A Oficina 06, por sua vez, se estruturou em duas partes: a primeira de contextualização da intervenção urbana e a segunda de aplicação do questionário.

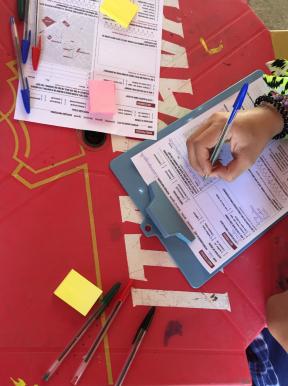
Parte I

No primeiro momento foi entregue o caderno de projeto executivo dos banheiros e lavanderia corrigido com a lista de materiais e foi recolhido o caderno previamente entregue para que não houvesse engano. Após isso, foi explicado que havíamos encerrado o processo de projeto arquitetônico e que estávamos entrando numa nova fase do projeto que corresponderia à variante urbana, abrangendo o entorno da Casa TRANSformar. Explicou-se que, diferentemente da etapa arquitetônica que se havia a intenção de uma execução das propostas de fato, esta etapa seria mais lúdica, de modo a instigá-los a pensar numa cidade mais justa e inclusiva para a comunidade LGBTQIA+, tendo em vista que a maioria das agressões destinadas a pessoas queer, principalmente TT, ocorrem na rua. Dito isso, explicou-se que esta fase seria dividida em dois processos metodológicos: o primeiro, que aconteceria naquele dia, propunha a aplicação de um questionário anônimo com vistas a colher informações individuais relativas a relação dos indivíduos com o bairro. O segundo seria, portanto, um desdobramento das informações aferidas neste questionário, onde faríamos um debate sobre a proposta executada com base nos dados recolhidos e avaliaríamos as intervenções.

Parte II

Assim, foram distribuídos o questionário (Apêndice C) e as canetas coloridas para realização das questões e fizemos uma leitura conjunta (Figuras 154, 155 e 156), onde esmiuçamos os comandos das questões e tiramos as possíveis dúvidas. Pedi que, ao responder as questões, evitassem conversar e compartilhar respostas, ressaltando que as informações precisam ser relativas à sua vivência individual.





Figuras 154 e 155 – Participantes Respondendo o Questionário. Fonte: O Autor



Figura 156 – Pesquisador tirando dúvidas do participante durante a resposta do Questionário .Fonte: O Autor

Durante a aplicação do questionário surgiram poucas dúvidas, a maioria relativa as questões de desenho no mapa (questões 7, 12, 13 e 14) como já esperava, visto que haviam comandos complexos e que necessitavam de maior atenção e visão espacial. Todavia, todos conseguiram responder todas as questões e responder o questionário em aproximadamente 30 minutos. Durante a aplicação do questionário, a proprietária assinou o Termo de Consentimento (Apêndice D), aceitando por escrito sua participação no processo. Por fim, foram recolhidos os questionários que foram levados para análise.

Durante a tabulação de dados, notou-se um equívoco na elaboração de uma das questões. A questão de número 6 recebeu respostas bastante distintas e pouco se pode extrair daquelas informações. Depois de muitos debates a respeito, percebeu-se que a maior informação que poderia se ter daquele questionamento era que existem diferentes vulnerabilidades para cada recorte social que não podem ser quantificadas e colocadas em comparação, sendo este conceito de vulnerabilidade algo muito mais amplo do que se tinha ideia ao elaborar a pergunta. Sendo assim, a questão foi anulada.

ANEXO A - Lei de Assistência Técnica 11.888/2008

17/06/2020 L11888



Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 11.888, DE 24 DE DEZEMBRO DE 2008.

Assegura às famílias de baixa renda assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social e altera a Lei n^{o} 11.124, de 16 de junho de 2005.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

- Art. 1º Esta Lei assegura o direito das famílias de baixa renda à assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social, como parte integrante do direito social à moradia previsto no art. 6º da Constituição Federal, e consoante o especificado na alínea r do inciso V do caput do art. 4º da Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001, que regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências.
- Art. 2º As famílias com renda mensal de até 3 (três) salários mínimos, residentes em áreas urbanas ou rurais, têm o direito à assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social para sua própria moradia.
- § 1º O direito à assistência técnica previsto no **caput** deste artigo abrange todos os trabalhos de projeto, acompanhamento e execução da obra a cargo dos profissionais das áreas de arquitetura, urbanismo e engenharia necessários para a edificação, reforma, ampliação ou regularização fundiária da habitação.
 - § 2º Além de assegurar o direito à moradia, a assistência técnica de que trata este artigo objetiva:
- I otimizar e qualificar o uso e o aproveitamento racional do espaço edificado e de seu entorno, bem como dos recursos humanos, técnicos e econômicos empregados no projeto e na construção da habitação;
- II formalizar o processo de edificação, reforma ou ampliação da habitação perante o poder público municipal e outros órgãos públicos;
 - III evitar a ocupação de áreas de risco e de interesse ambiental;
 - IV propiciar e qualificar a ocupação do sítio urbano em consonância com a legislação urbanística e ambiental.
- Art. 3° A garantia do direito previsto no art. 2° desta Lei deve ser efetivada mediante o apoio financeiro da União aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para a execução de serviços permanentes e gratuitos de assistência técnica nas áreas de arquitetura, urbanismo e engenharia.
- § 1º A assistência técnica pode ser oferecida diretamente às famílias ou a cooperativas, associações de moradores ou outros grupos organizados que as representem.
 - § 2º Os serviços de assistência técnica devem priorizar as iniciativas a serem implantadas:
 - I sob regime de mutirão;
 - II em zonas habitacionais declaradas por lei como de interesse social.
- $\S 3^{\underline{0}}$ As ações da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios para o atendimento do disposto no **caput** deste artigo devem ser planejadas e implementadas de forma coordenada e sistêmica, a fim de evitar sobreposições e otimizar resultados.
- § 4º A seleção dos beneficiários finais dos serviços de assistência técnica e o atendimento direto a eles devem ocorrer por meio de sistemas de atendimento implantados por órgãos colegiados municipais com composição paritária entre representantes do poder público e da sociedade civil.
- Art. 4º Os serviços de assistência técnica objeto de convênio ou termo de parceria com União, Estado, Distrito Federal ou Município devem ser prestados por profissionais das áreas de arquitetura, urbanismo e engenharia que atuem como:
 - I servidores públicos da União, dos Estados, do Distrito Federal ou dos Municípios;
 - II integrantes de equipes de organizações não-governamentais sem fins lucrativos;

17/06/2020 L1188

III - profissionais inscritos em programas de residência acadêmica em arquitetura, urbanismo ou engenharia ou em programas de extensão universitária, por meio de escritórios-modelos ou escritórios públicos com atuação na área;

- IV profissionais autônomos ou integrantes de equipes de pessoas jurídicas, previamente credenciados, selecionados e contratados pela União, Estado, Distrito Federal ou Município.
- § 1º Na seleção e contratação dos profissionais na forma do inciso IV do **caput** deste artigo, deve ser garantida a participação das entidades profissionais de arquitetos e engenheiros, mediante convênio ou termo de parceria com o ente público responsável.
- § 2º Em qualquer das modalidades de atuação previstas no **caput** deste artigo deve ser assegurada a devida anotação de responsabilidade técnica.
- Art. 5º Com o objetivo de capacitar os profissionais e a comunidade usuária para a prestação dos serviços de assistência técnica previstos por esta Lei, podem ser firmados convênios ou termos de parceria entre o ente público responsável e as entidades promotoras de programas de capacitação profissional, residência ou extensão universitária nas áreas de arquitetura, urbanismo ou engenharia.

Parágrafo único. Os convênios ou termos de parceria previstos no **caput** deste artigo devem prever a busca de inovação tecnológica, a formulação de metodologias de caráter participativo e a democratização do conhecimento.

- Art. 6º Os serviços de assistência técnica previstos por esta Lei devem ser custeados por recursos de fundos federais direcionados à habitação de interesse social, por recursos públicos orçamentários ou por recursos privados.
- Art. 7º O art. 11 da Lei nº 11.124, de 16 de junho de 2005, que dispõe sobre o Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social SNHIS, cria o Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social FNHIS e institui o Conselho Gestor do FNHIS, passa a vigorar acrescido do seguinte § 3º:

<u>"Art. 11.</u>	

§ 3º Na forma definida pelo Conselho Gestor, será assegurado que os programas de habitação de interesse social beneficiados com recursos do FNHIS envolvam a assistência técnica gratuita nas áreas de arquitetura, urbanismo e engenharia, respeitadas as disponibilidades orçamentárias e financeiras do FNHIS fixadas em cada exercício financeiro para a finalidade a que se refere este parágrafo." (NR)

Art. 8º Esta Lei entra em vigor após decorridos 180 (cento e oitenta) dias de sua publicação.

Brasília, 24 de dezembro de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA Guido Mantega Paulo Bernardo Silva Patrus Ananias Márcio Fortes de Almeida

Este texto não substitui o publicado no DOU de 26.12.2008

*

